

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

KAREN MEIRELES VARELA

**Memória autobiográfica em idosos saudáveis: um estudo
sobre o papel do outro na recordação**

Recife

2011

KAREN MEIRELES VARELA

**Memória autobiográfica em idosos saudáveis: um estudo
sobre o papel do outro na recordação**

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Cultura e Cognição.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria C. D. P. Lyra

Co-orientador: Prof. Brady Wagoner (Aalborg University, Denmark)

Recife

2011

Catálogo na fonte

V293m Varela, Karen Meireles.

Memória autobiográfica em idosos saudáveis : um estudo sobre o papel do outro na recordação / Karen Meireles Varela. – Recife: O autor, 2011.

147 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria C. D. P. Lyra.

Co-orientador: Prof. Dr. Brady Wagoner.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2011.

Inclui bibliografia e anexos.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Karen Meireles Varela

Memória Autobiográfica em Idosos Saudáveis: um estudo sobre o papel do outro na recordação.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da
Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do
título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia
Cognitiva

Aprovado em: 05 de maio de 2011

Banca Examinadora

Profa. Dra. M^a da Conceição Diniz Pereira de Lyra

Instituição: U.F.PE

Assinatura: _____

Prof. Dr. Jorge Tarcísio da Rocha Falcão

Instituição: U.F.RN

Assinatura: _____

Profa. Dra. Selma Leitão Santos

Instituição: U.F.PE

Assinatura: _____

*À Rafael, meu querido filho, por seu amor incondicional
durante toda esta minha trajetória.*

Agradecimentos

À Deus, por ter me dado a vida.

Aos meus pais, Guilherme e Kátia, que tanto me incentivam e me apoiam. Obrigada por mais uma vez ter me dado o suporte para ir até o fim acreditando nas minhas capacidades como pessoa e profissional.

Às minhas irmãs Karina e Kelly, pelo fiel apoio em todos os momentos. Obrigada principalmente pela amizade verdadeira e eterna. O amor de vocês me fortaleceu, amo-as muito!

À Rafael, meu querido filho, que na sua inocência soube entender a magnitude deste trabalho. Obrigada por compreender as minhas ausências com tanta paciência, amor e carinho.

À Vincent, meu esposo, por todo seu amor e compreensão em relação à importância que este trabalho tem para mim. Seu amor tem possibilitado o equilíbrio emocional necessário para a realização de todos os meus projetos de vida.

À Vanessa, pela sua amizade e carinho. E também por estar sempre disponível para ouvir e ajudar em tantos momentos de angústia e ansiedade.

Aos companheiros do LabCom: Adriana, Ana Cláudia, Leticia, Beto, Tatiana, Patrícia e Mana. Obrigada por compartilhar conhecimentos científicos e por ter me dado a oportunidade de conhecê-los.

A todas as pessoas amigas que participaram desta construção, em especial: à Laura, pelos anos de escuta e incentivo; à Genoveva, pelo apoio constante e pelas palavras ternas e fortes; à Nancy e Flora que me ajudaram a ter calma e acreditar e à Lysia pelas suas contribuições e incentivo.

Aos Professores Jorge Falcão, Selma Leitão e Luciane de Conti. Obrigada pelas contribuições que me ajudaram a redimensionar este trabalho.

Aos funcionários da Pós-graduação de Psicologia Cognitiva, que sempre se mostraram solícitos e atentos às necessidades dos alunos.

Aos idosos que permitiram a realização deste estudo. Obrigada pela disponibilidade e pelo engajamento imediato, tornando este trabalho de pesquisa ainda mais prazeroso.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

À Brady Wagoner, meu co-orientador, que apesar da distância sempre esteve muito disponível e disposto a compartilhar seus conhecimentos científicos.

E à Maninha, minha orientadora, que me acolheu como uma verdadeira Mãe e topou explorar um tema tão distante dos seus interesses de pesquisa. Obrigada pelo seu incentivo e dedicação à realização desta pesquisa.

RESUMO

VARELA, K. M. **Memória Autobiográfica em idosos saudáveis: um estudo sobre o papel do outro na recordação**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

O desenvolvimento cognitivo na velhice vem sendo um tema bem explorado na psicologia, visto que a população idosa mundial é uma realidade em rápida e progressiva expansão, o que representa um desafio devido às demandas específicas deste novo contingente. Dentro de uma descrição dos efeitos psicológicos presentes na velhice “normal”, o declínio do funcionamento da memória é geralmente colocado em primeiro plano, porém a memória é dificilmente abordada como um processo que se estabelece na interação. Partindo-se dessa premissa, o presente trabalho considera esta função psicológica como um fenômeno que claramente possui aspectos biológicos, mas que também é um fenômeno sócio-cultural (que se estabelece na interação). Este conceito mais amplo e mais complexo de memória exige a consideração dos aspectos sociais da recordação. Assim, as contribuições de dois grandes estudiosos são abordadas neste estudo: Frederic Bartlett e Lev S. Vygotsky. Bartlett explorou o fato de que os fatores e tendências que determinam a recordação estão organizados em esquemas (schema), enfatizando o papel das influências culturais e sociais no desenvolvimento desses esquemas. Vygotsky, em seus estudos a respeito da memória humana, destacou a memória “mediada”. Para este autor, o desenvolvimento da memória, ao longo da vida do ser humano, deve ser analisado em termos das diferentes relações que a pessoa estabelece com os signos, o que produz diferentes formas de memorizar. Dentro deste vasto tema de estudo, um recorte foi feito para se investigar a memória autobiográfica (MA), que engloba inúmeros eventos do nosso passado, estando diretamente relacionada com o reconhecimento de continuidade e de identidade. Segundo Bruner, uma das formas de lembrarmos o passado se dá em termos da narrativa, uma das nossas principais práticas culturais. Dessa forma, narrar um evento autobiográfico junto com outra pessoa que participou deste evento, pode servir como objeto de mediação para superar momentos de incerteza, ambiguidades e/ou lacunas da recordação. Esta pesquisa tem um enfoque na recordação das memórias autobiográficas em idosos hígidos ou saudáveis, na presença ou na ausência de um descendente, optando-se, assim, por uma investigação da memória autobiográfica como construções narrativas. O objetivo geral deste estudo foi investigar narrativas autobiográficas de idosos hígidos ou saudáveis, explorando o papel do outro nessa recordação. Trata-se de um estudo empírico com dez pessoas idosas (acima de 60 anos), todas classificadas como saudáveis. Os participantes responderam a um questionário semi-estruturado, cuja finalidade foi traçar o perfil dos idosos. Além disso, relataram narrativas sobre um evento específico importante de suas vidas, que envolvia a presença de um descendente, em duas situações de recordação. As vinte narrativas coletadas foram transcritas e analisadas, levando-se em conta a qualidade e transformações das memórias autobiográficas, referentes ao conteúdo narrativo. Os dados permitiram identificar estratégias de mediação (convenções culturais, imagem visual, atribuição, repetição, gestos e ritmos, sugestão) utilizadas pelo idoso para superar momentos de dificuldades da recordação. Constatou-se que as recordações autobiográficas são reconstruções “esquemáticas”, que podem ser facilitadas pela presença de outra pessoa como objeto de mediação, para superar obstáculos, como momentos de incerteza, ambiguidades e lacunas de esquecimento.

Palavras-chave: memória autobiográfica, idosos saudáveis, dimensões sociais e psicológicas da memória, esquemas.

ABSTRACT

VARELA, K. M. **Autobiographical memory in healthy elderly: a study on the role of others in the processe of remembering.** Master Thesis – Postgraduate Program of Cognitive Psychology, Department of Psychology, Federal University of Pernambuco, Recife, 2011.

Cognitive development in old age has been a theme well explored in psychology, as the world's elderly population is a reality in a fast and progressive expansion, which represents a challenge due to the specific demands of this new contingent. Within a description of the psychological effects brought by older adults, the decline in memory function is usually placed in first, but the memory is hardly discussed as a process that is established in interaction. Starting from this premise, this paper considers this phenomenon as a psychological function that clearly is biological, but is also a socio-cultural phenomenon (which is established in the interaction). This concept of memory is ampler and more complex, so it requires the consideration of social aspects of remembering. Thus, the contributions of two seminal figures in the psychological study of remembering are addressed in this study: Frederic Bartlett and Lev. S. Vygotsky. Bartlett exploited the fact that factors and trends that determine memory is organized into schemas, emphasizing the role of cultural influences and social development of these schemes. Vygotsky, on the other hand, attended to the ways in which we construct meaningful “signs” as artificial memory aids to solve memory problems that go beyond our natural capacities. Within this topic of study, a cut was made to investigate autobiographical memory (AM), which encompasses many events of our past, being directly related to the recognition of continuity and identity. According to Bruner, a way of remembering the past is in terms of narrative, one of our major cultural practices. Thus, narrating an autobiographical event with another person, can be used as an object of mediation to overcome moments of uncertainty, ambiguity and/or gaps in memory. This research has focus on recall of autobiographical memories of healthy aged, in the presence or absence of a son or daughter, opting itself, thus, for an investigation of the autobiographical memory as narrative constructions. The aim of this study was to investigate autobiographical narratives of healthy aged, exploring the role of other's in this recall. This is an empirical study of ten elderly (over 60), all classified as healthy. The participants answered a semi-structured questionnaire, whose purpose was to trace the profile of the elderly. Additionally, they reported stories about a particular and important event in their lives, which involved the presence of a son or a daughter, in two different conditions. The twenty stories collected were transcribed and analyzed, taking into account the qualitative transformations in the autobiographical memories, referring to the narrative content. The data allowed the identification of mediation strategies (cultural conventions, visual images, attribution, repetition, gestures and rhythms, suggestion) used by the elderly to overcome difficult moments in the process of remembering. It was found that autobiographical memories are reconstructions "schemata", which can be supported by another person as an object of mediation, to overcome obstacles, such as moments of uncertainty, ambiguity and gaps in the process of remembering.

Keywords: Autobiographical memory, healthy elderly, social and psychological dimensions of memory schema.

SUMÁRIO

ARGUMENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA	12
APRESENTAÇÃO.....	15
1. MEMÓRIA.....	21
1.1 Perspectiva histórica do conceito de memória.....	22
1.2 Estudos que focalizam os aspectos sociais da memória.....	26
1.3.Os estudos de Frederic Bartlett.....	30
1.4 Os estudos de Lev S. Vigotski.....	36
2. MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA.....	41
2.1 Estudos do conceito de memória autobiográfica.....	42
2.2 O Entrelaçar da memória autobiográfica com a narrativa.....	46
2.3 Definição do idoso e as principais modificações da memória autobiográfica na velhice “normal”	50
3. O PRESENTE ESTUDO.....	56
3.1 Objetivos Geral e Específicos.....	57
3.2 A abordagem de estudo de múltiplos casos: contribuições para o estudo das recordações dos idosos.....	58
3.3 Procedimento.....	61
3.3.1 Os Participantes.....	61
3.3.2 Os Instrumentos.....	63
3.3.3 Os Dados.....	63
3.4 Procedimento da análise dos dados.....	64
3.4.1 Análise da mediação das narrativas individuais e em díades.....	66
3.4.2 Critérios de identificação de momentos de incerteza, ambiguidades e/ou lacunas nas narrativas autobiográficas.....	67
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	69

4.1 Análise descritiva do questionário de entrevista dos idosos pesquisados	70
4.2 Análise comparativa das narrativas individuais com as narrativas em díade	71
4.3 Apresentação das estratégias de mediação identificadas nas narrativas individuais.....	76
4.4 Resultados da análise das narrativas individuais	77
4.5 Apresentação das estratégias de mediação nas narrativas em díade	82
4.6 Resultados da análise das narrativas em díades.....	85
4.6.1 Resultados da análise das narrativas (Idoso 1).....	86
4.6.2 Resultados da análise das narrativas (Idoso 2)	88
4.6.3 Resultados da análise das narrativas (Idoso 3)	89
4.6.4 Resultados da análise das narrativas (Idoso 4)	90
4.6.5 Resultados da análise das narrativas (Idoso 5)	91
4.6.6 Resultados da análise das narrativas (Idoso 6)	92
4.6.7 Resultados da análise das narrativas (Idoso 7)	93
4.6.8 Resultados da análise das narrativas (Idoso 8)	94
4.6.9 Resultados da análise das narrativas (Idoso 9)	95
4.6.10 Resultados da análise das narrativas (Idoso 10)	97
4.7 Discussão dos resultados apresentados nas narrativas em díade	100

5. CONCLUSÃO..... 105

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 111

ANEXOS..... 120

ARGUMENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TEMA GERAL DE ESTUDO: MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA EM IDOSOS SAUDÁVEIS

A importância da memória autobiográfica se encontra numa simples pergunta: “quem é você”? Não importa qual seja a sua resposta, você terá que acessar o acervo de informações que se encontra na sua memória autobiográfica (MA), sendo esta o registro da sua história de vida.

A memória autobiográfica engloba inúmeros eventos do nosso passado. Como por exemplo, nosso primeiro encontro amoroso, nosso primeiro dia na faculdade ou na escola, o dia do nosso casamento, o dia do nascimento de um filho. Os eventos registrados na MA são de todos os tipos: dos mais remotos (p. ex., o dia da minha primeira comunhão) aos mais recentes (p. ex., meu último dia de férias em Paris, na semana passada), como aqueles de valores emocionais mais neutros (p. ex., uma aula normal de uma disciplina), positivos (p. ex., aprovação em um concurso) e até negativos (p. ex., a morte de um ente querido) (Davidson & Irwin, 1999; Markowitsch, 2003; Frank & Tomaz, 2004; Pergher, G. K. et al. 2006; Gluck & Blunk, 2007). Porém, o que todos estes eventos têm em comum é que somos nós o protagonista de tais eventos. Encontramos sempre a auto-referência na lembrança desse evento e uma localização temporal e espacial (Pergher, 2005, 2010).

A memória autobiográfica está diretamente relacionada com o reconhecimento de continuidade e de identidade, por isso ela é de grande importância no que diz respeito à lembrança de fatos pessoais (Wang, Q. & Brockmeier, J. 2002; Frank J. & Landeira-Fernandez, J., 2006). Sendo assim, qualquer dano neste acervo de informações autobiográficas: nos permitiria construir a nossa história pessoal? Permitir-nos-ia atravessar o tempo construindo um sentimento de continuidade, de existência, e de identidade individual? A ausência de informações autobiográficas poderia impossibilitar o indivíduo de se relacionar com outros, de cuidar de si mesmo, de fazer planos futuros, de ser autônomo entre outros (Robson & Swanson, 1990).

A maior dificuldade que encontramos no estudo das memórias autobiográficas é: como estudá-las? Diferente dos outros tipos de memória, o experimentador não tem nenhum controle da situação de registro, o que dificulta verificar a exatidão dos fatos (Rubin, D. C., 1996; Williams, H. L., Conway, M. A., & Cohen, G., 2008; Baddeley, A., 2009). Por este motivo a análise do processo envolvido tanto na aquisição quanto no esquecimento da memória autobiográfica torna-se difícil.

Segundo Bosi (1994), encontramos nas pessoas idosas uma história social bem desenvolvida, os idosos já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, eles já viveram quadros de referência familiar e cultural. A memória atual, pelo menos de um idoso saudável, pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem. Principalmente no momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Neste momento de velhice social resta-lhe uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade.

Porém, não podemos esquecer que na maioria das vezes quando falamos da velhice pensamos principalmente nas perdas e deteriorizações que estão relacionados a esta fase do desenvolvimento. O declínio do funcionamento da memória é geralmente colocado em primeiro plano dentro de uma descrição dos efeitos psicológicos provocados pelo envelhecimento. Isto normalmente está relacionado a aspectos mais salientes, como esquecimento de fatos recentes, dos comportamentos necessários e socialmente adequados (fechar o gás, fechar a porta...), repetições, etc. Mas também está relacionado ao fato que tais perdas são acompanhadas de certo nível de consciência, às vezes dolorosa, por parte das pessoas idosas.

Segundo dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), nos próximos 15 anos, a população idosa do Brasil ultrapassará os 30 milhões de pessoas e deverá representar quase 13% da população. Até 2025, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. Porém, ainda é grande a desinformação sobre a saúde do idoso e as particularidades e desafios do envelhecimento populacional em nosso contexto social (Neri, Lucena & Carvalho, 2002).

A presente pesquisa tem como proposta central analisar a memória autobiográfica dos idosos hígidos ou saudáveis. Os principais conceitos abordados são a noção de esquemas provido dos estudos de memória de Frederic Bartlett (1932), e a noção de objetos mediadores da memória desenvolvido nos estudos de memória mediada de Lev. S. Vygotsky (1978).

A escolha do tema memória autobiográfica em idosos saudáveis nasceu a partir dos estudos de Bartlett (1932) e Vygotsky (1978), da importância da memória autobiográfica, assim como da formação acadêmica/especialização da pesquisadora na área de Neuropsicologia pela Universidade René Descartes – Paris V. Esta formação permitiu um estágio durante dois anos com pessoas idosas no hospital militar Les Invalides, situado na região Parisiense, o que

colaborou para que aprendesse a lidar e a interagir com pessoas idosas, assim como ter um maior interesse em escutar suas experiências.

O Conhecimento da importância do estudo da população idosa e a dificuldade encontrada nos estudos sobre memória autobiográfica, assim como as pesquisas sobre memória realizadas principalmente por Bartlett e Vigotski, contribuíram para o interesse da pesquisadora pelas memórias autobiográficas dos idosos saudáveis em colaboração com pessoas significativas.

Portanto, esse estudo tem um enfoque sobre a recordação das memórias autobiográficas em idosos hígidos ou saudáveis, sendo investigada na ausência ou na presença de outra pessoa com o intuito de explorar o papel desempenhado pelo outro nessa recordação.

APRESENTAÇÃO

O estudo da memória começou com Ebbinghaus simplificando a situação experimental com o objetivo de observar e quantificar dados empíricos. Este modo de estudo se tornou muito importante na América do Norte durante o século XX, ao mesmo tempo em que abordagens alternativas se desenvolveram; na Alemanha os estudos sobre a percepção influenciavam o modo de pensar dos psicólogos da Gestalt sobre a memória; na Inglaterra a abordagem de Bartlett (1932) menos restritiva e rica em novas informações inovava o conceito de memória. Entre os anos de 1950 e 1960, ideias e teorias de modelos funcionais foram influenciadas pelo desenvolvimento dos computadores resultando na abordagem que ficou conhecida como psicologia cognitiva. Dentro desta linha de pesquisa os estudos sobre memória enfatizaram que a memória seria a aquisição, a conservação e a evocação de informações. O que levou a uma primeira proposta de três tipos de memória: memória sensorial, memória de curto prazo e memória de longo prazo.

Posteriormente Baddeley (1999) descreveu a memória como um conjunto de sistemas. A memória não corresponde a um único sistema, mas é composta por sistemas em interação, cada um com capacidade de codificação ou registro de informação, armazenagem e utilização do material através da recuperação. Nesse contexto, a memória seria um sistema complexo: “nós temos memórias, e não memória!”.

Mas o que seria memória, memórias ou até mesmo sistema específico de memória?

O que realmente sabemos é que sem as nossas memórias não poderíamos ser o que somos ou o que seremos, um indivíduo único em relação ao qual não existe outro idêntico. Não poderíamos fazer aquilo que não sabemos ou comunicar aquilo que desconhecemos muito menos projetar um futuro se nada tivesse sido aprendido, sem conhecimentos acessíveis, sem a recordação das experiências vividas.

Para se lembrar do seu primeiro dia de faculdade; dos nomes de seus professores e amigos; ou de qualquer incidente agradável ou desagradável de sua vida é necessário recordar os eventos da sua memória autobiográfica. A memória autobiográfica corresponde às memórias que registramos referentes a nós mesmos e nossas relações com o mundo em que vivemos. Ela é muito importante para a definição da nossa identidade, porém não podemos afirmar que ela seria um tipo isolado de memória. Existem evidências de que ela depende de aspectos episódicos e semânticos de outros sistemas de memória; mas ao mesmo tempo ela tem um papel diferente em

nossas vidas com relação aos pontos de interesses e aos meios de acesso. Recordar fatos sobre nós mesmos, como nosso nome; que escola frequentávamos; e onde moramos; é autobiográfico, mas ao mesmo tempo assume aspectos pessoais da memória semântica. Recordar o fato de que estive na faculdade hoje, também é autobiográfico, mas também envolve ativar o registro de experiências episódicas. O fato de que a memória autobiográfica engloba inevitavelmente ambos os aspectos significa que ela é complexa e um campo de estudo bastante intrigante.

Até 2025, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. A expectativa média de vida também aumentará acentuadamente no país (as projeções ultrapassam a idade dos 80 anos). Porém, ainda é grande a desinformação sobre a saúde e as particularidades do idoso o que torna um desafio o estudo da velhice normal em nosso contexto social.

Na maioria das vezes quando falamos da velhice pensamos principalmente nas perdas e deteriorizações que estão relacionados à memória. Alguns resultados de estudos relacionados à memória autobiográfica do idoso (Moscovitch & Winocur, 1992; Nyberg & Tulving, 1996; Craik, 2000; Piolino, et al., 2000; Piolino et al., 2002; Levine et al., 2002; Nyber et al., 2003; Piolino, 2003) nos fazem pensar no fenômeno conhecido como supergeneralização das memórias autobiográficas (MAS). As memórias autobiográficas dos idosos estariam relacionadas à dificuldade para recuperar lembranças autobiográficas específicas (Williams, 1992). É inegável que com o passar dos anos os neurônios, células gliais e outros componentes do sistema neurológico humano comecem a apresentar redução e déficits, havendo perdas do seu bom funcionamento. Porém a cultura por intermédio dos seus diversos meios de agir vem cada vez mais propiciando um envelhecimento saudável.

O aspecto predominante da investigação da memória na psicologia e nas neurociências ainda é a recordação como capacidade individual e estritamente biológica. A memória é dificilmente considerada como um processo que se estabelece na interação. Entre os autores que ajudaram a redimensionar essa questão, no sentido de maior consideração dos aspectos sociais, destacam-se Maurice Halbwachs, na Sociologia, Frederic C. Bartlett e Lev S. Vigotski¹ na psicologia. As colaborações desses autores, citados acima, tiveram três pontos fundamentais para o estudo da memória. O primeiro seria a concepção da memória como um processo dinâmico e

¹ Usaremos correntemente a grafia do sobrenome deste autor (Vigotski) proposta pela tradução brasileira do texto original em russo de *A Construção do pensamento e da linguagem* (Vigotski, 2001). Outras formas de grafia serão eventualmente utilizadas em referências bibliográficas oriundas de outras traduções.

em desenvolvimento. A memória não seria uma função psicológica isolada, muito menos uma faculdade mental, mas está relacionada às outras funções e com elas forma um sistema complexo e dinâmico. O segundo ponto seria a importância da dimensão social. O núcleo da teoria de Halbwachs refere-se à inserção das memórias individuais na memória coletiva (das instituições), das lembranças pessoais em “quadro sociais”. Bartlett dá destaque ao caráter reconstrutivo da recordação, ligado aos interesses do presente e às atividades práticas da vida cotidiana (utilização dos esquemas). Vigotski propõe a noção de “memória mediada”, como produto das condições do desenvolvimento histórico e social. O terceiro ponto trata da importância desses autores em termos de relacionar questões de memória à linguagem e à significação. Os experimentos de Bartlett tiveram grande repercussão em trabalhos da psicologia discursiva que têm buscado circunscrever a memória como “recordação conversacional” (Middelton e Edwards, 1992.), como construção coletiva e discursiva. Além disso, o conceito de “convencionalização” usado pelo autor diz respeito ao significado que o material recordado tem para o grupo do sujeito que lembra. Vigotski toma como unidade de análise (das funções psicológicas) o significado da palavra, este autor sugere que a crescente logicização da memória ao longo da vida do sujeito depende das mudanças das relações entre signos. A nosso ver, a força teórica dessa abordagem encontra-se na centralidade da significação na constituição do psiquismo humano, no contexto das práticas sociais.

A consideração de que o sujeito e sua memória constituem-se nas práticas sociais, na teia do discurso, dentro de uma esquematização de organização dos eventos pessoais vividos, leva-nos a pensar nessa constituição das recordações autobiográficas em termos de construções narrativas. A memória autobiográfica é uma das formas de recordarmos o passado, de falarmos sobre nossas lembranças. Bartlett tematiza o aspecto reconstrutivo da recordação no recontar *histórias*, em função de vários fatores, sendo a maioria de origem social. Halbwachs analisa o quanto as nossas histórias e memória estão inseridos nos quadros sociais, relacionados aos grupos de que fazemos parte. Vigotski propõe a noção de memória “mediada” (recordação indireta, pela ação de signos, lógica e voluntária), quando ele fala do desenvolvimento da memória ao longo da vida do ser humano, ele não analisa a mudança em relação à idade em termos das mudanças biológicas, mas em termos das diferentes relações que a pessoa estabelece com os signos, o que produz diferentes formas de memorizar. Vigotski analisa a memorização dos adultos que se dá em bases novas e superiores, através de uma forma qualitativamente superior de mediação: os signos são internalizados. O método desenvolvido por Vigotski, “double stimulation”, cria uma situação na

qual um objetivo desejado se encontra bloqueado requisitando do sujeito a construção criativa de novos modos, através de uma relação mediada, para superar o obstáculo e atingir o objetivo. A relação entre memória e a narrativa é analisada por esses autores como intrincada rede formada por palavras, significados e práticas sociais.

Muitas investigações no campo da psicologia são mais voltadas para o desenvolvimento infantil, somente algumas exploram a fase adulta e a velhice. Poucas pesquisas investigam a velhice normal, principalmente a memória autobiográfica. A finalidade desta pesquisa é de estudar a memória autobiográfica como função psicológica cognitiva e social, relacionadas à participação em práticas sociais tentando abrir um novo horizonte de explicações para o funcionamento de memorização em pessoas idosas. Durante a velhice normal algumas dificuldades de recordação das memórias autobiográficas podem envolver não só fatores neurológicos e psicológicos, mas também a dimensão social reforçando assim as relações entre a rememoração e o convívio social.

Nosso estudo enfatiza a importância de F. C. Bartlett e Lev. S. Vigotski nos estudos psicológicos da recordação. Ambos reconheceram o importante papel do significado e da imaginação neste processo. Bartlett fez isso demonstrando as mudanças sistemáticas e holísticas que aparecem quando um material cultural é reproduzido repetitivamente fora do grupo a que pertence. Vigotski, por outro lado, contribuiu com os modos pelos quais construímos “signos” significativos como uma memória artificial para resolver problemas da recordação que vão além da nossa capacidade natural.

As ideias de ambos podem ser colocadas juntas com a metáfora da “construção”. Utilizando esta metáfora podemos dizer que a recordação é uma construção significativa em referência ao passado. O significado do passado está intimamente relacionado às ferramentas culturais utilizados para representá-la. Essas ferramentas culturais não são simplesmente pistas para lembrar algo que é interno e já formado, mas sim, para moldar o passado a uma forma cultural particular e dando significado ao mesmo. Sendo assim no nosso estudo as recordações são consideradas como reconstruções autobiográficas “esquemáticas” (Bartlett, 1932), podendo ser facilitadas por outra pessoa como objeto de mediação (memória mediada), para superar obstáculos como momentos de incerteza, ambiguidades e lacunas de esquecimento (Vygotsky, 1978).

Levando em consideração as contribuições destacadas, desenvolvemos um estudo empírico com pessoas idosas (acima de 60 anos), todas classificáveis como saudáveis (tal

caracterização será discutida e explicitada mais adiante, no item 2.3). Todos os participantes responderam a um questionário semi-estruturado, para uma descrição do perfil do idoso, além de narrarem um evento autobiográfico importante que envolveu a participação de um descendente (filho ou filha), em duas sessões distintas. Todos os instrumentos e procedimentos serão explicitados mais na metodologia adiante na seção do presente estudo.

Para fundamentar o presente estudo é necessário explicitar alguns conceitos e temas que são importantes para este estudo. No **primeiro capítulo** a memória será abordada com sua perspectiva histórica; seus aspectos sociais e os estudos de Frederic Bartlett e Lev S. Vigotski.

O **segundo capítulo** tem a finalidade de discutir a memória autobiográfica revisando o seu conceito, fazendo um entrelace com a narrativa e abordando as principais modificações da memória autobiográfica na velhice normal.

A partir da explicação dos fundamentos teóricos, o **terceiro capítulo** apresenta o delineamento da proposta de estudo. Desse modo, o capítulo contempla a explicitação do objetivo geral e específico, a caracterização dos participantes da pesquisa, o procedimento de coleta dos dados e etapas da análise dos dados que conduziram ao conjunto dos resultados deste trabalho.

No **capítulo quatro** serão apresentados todos os resultados decorrentes das análises realizadas nos múltiplos estudos de caso.

No **capítulo cinco**, que finaliza este trabalho, foram feitas considerações sobre conclusões da investigação aqui realizada, além de serem explorados alguns possíveis caminhos de pesquisa que podem ser desenvolvidos.

1. MEMÓRIA

1.1 Perspectiva histórica do conceito de memória

A primeira investigação sistemática sobre a memória humana foi publicada por Ebbinghaus, filósofo e psicólogo alemão, que em 1885 publicou a monografia *Über das Gedächtnis* (Da Memória), baseada no livro *Elementos da psicofísica*, de Fechner e que, depois disso, dedicou-se ao seu estudo sistemático, em situação de laboratório (Wertheimer, 1982). Ebbinghaus acreditava que a mente armazenava ideias sobre experiências sensoriais do passado e que os acontecimentos que se seguiam um ao outro, no tempo ou no espaço, ficavam associados entre si. Com base nesta teoria, procedimentos de memorização e testes de memória foram criados entre eles o método das sílabas sem sentido (WUX, CAZ, BIJ, ZOL) que trouxe importante contribuição à compreensão do fenômeno da memorização. A linha de pesquisa de Ebbinghaus foi fortemente desenvolvida nos EUA, tendo foco nos fatores e nas condições que envolvem a questão de como novas aprendizagens interagem com o conhecimento já adquirido. Os resultados foram interpretados em termos de associação formada entre estímulo e resposta, utilizando um método muito limitado que envolvia a recordação de uma lista de palavras ou não-palavras (McGeoch & Irion, 1952).

Por volta de 1930, uma nova abordagem Alemã conhecida como psicologia da *Gestalt* começou a se desenvolver pela Europa e pelo Norte da América. Os psicólogos desta escola utilizaram ideias desenvolvidas no estudo da percepção para compreender a memória humana. Ao contrário da abordagem behaviorista os psicólogos da *Gestalt* tentaram enfatizar a importância das representações internas ao invés de observar estímulos e respostas, procurando assim descobrir o papel ativo da pessoa que recorda. Eles estudaram a memória através da aprendizagem verbal, dando maior importância às atividades que envolvem aprendizagem com material organizado. Dois grandes pesquisadores se destacaram deste grupo George Mandler e Endel Tulving.

Ao mesmo tempo na Inglaterra, uma terceira abordagem da memória se propagava baseada nos trabalhos de Frederic Bartlett e do seu livro *Remembering* (1932). Bartlett simplesmente rejeitou a aprendizagem de materiais insignificantes como maneira apropriada

para o estudo da memória, substituindo por materiais complexos como histórias populares de outras culturas e a extração da importância do “esforço na procura do significado” pela pessoa que recorda. Esta abordagem dá destaque aos erros de memória produzidos pelos participantes, sendo explicados em termos de pressupostos culturais sobre o mundo. A proposta de Bartlett era que a memória dependia das representações internas referido por ele como “schemas” (esquemas).

Posteriormente uma nova abordagem da psicologia, baseada na metáfora computacional foi dominando as ideias dos novos pesquisadores (Noam Chomsky, George Miller, Allen Newell, Herbert Simon e Marvin Minsky) após a segunda guerra mundial esta perspectiva do processamento da informação se tornou muito importante (Vasconcellos, 2007). Utilizando o computador digital como análogo à memória humana, ela poderia ser considerada como composta de um ou mais sistemas de registros. O que exigia do sistema de memória três processos: aquisição, conservação e evocação. Porém todos pensavam que estes três estágios interagiam entre eles, para se ter uma boa evocação era necessário ter uma boa conservação o que necessitava de uma boa aquisição. Posteriormente, a descoberta de que nossas memórias envolvem não um mas diversos sistemas de memória interligados complicou ainda mais os estudos desta época.

No século XX, surgiram modelos teóricos importantes sobre a memória. Entre os mais influentes encontram-se o modelo de Atkinson-Shiffrin, na década de 1960 que sugere a existência de três sistemas de armazenamento de informações: armazenamento sensorial, memória de curto prazo e memória de longo prazo. Outro pressuposto importante do modelo de Atkinson e Shiffrin é referente à distinção entre memória e atenção. Os modelos tradicionais de memória humana caracterizaram a atenção como um mecanismo de filtragem que limita a quantidade de informação que entra e que permanece armazenada na memória. No modelo de Atkinson e Shiffrin, a memória e a atenção foram consideradas funções distintas, ou associadas a funções separadas. Entretanto, esta distinção foi desacreditada com o desenvolvimento da noção de "recursos de processamento", originalmente proposta dentro do contexto das teorias de atenção. Esta última noção ganhou popularidade e foi incorporada ao modelo hipotético de memória operacional (Baddeley, 1986).

Na década de 1970, surgem dois novos modelos teóricos. O modelo de processamento por níveis, proposto por Craik e Lockhart sugere que níveis mais profundos ou mais elaborados de processamento de informações produzem uma retenção mais eficiente do que níveis de

processamento mais superficiais; e o modelo de Tulving que invoca a natureza das informações que são armazenadas e distingue três tipos de memória segundo o conteúdo a ser processado: memória episódica, memória semântica e memória de procedimento.

Os modelos de Tulving, Atkinson-Shiffrin e Craik e Lochart trouxeram contribuições importantes para a compreensão e para o desenvolvimento do modelo de memória mais utilizado atualmente que descreve a memória como um conjunto de sistemas.

Segundo Baddeley (1999), a memória não corresponde a um único sistema, mas é composta por sistemas em interação, cada um com capacidade de codificação ou registro de informação, armazenagem e utilização do material através da recuperação. Podemos considerar que, sendo a memória um sistema complexo, nós temos memórias, e não memória. Todas elas processam as informações de maneira similar quanto à gravação, ao registro e à evocação, mas cada memória pode ser considerada um sistema que possui aspectos singulares. Existem várias tentativas de explicar a memória em termos de seus sistemas.

Mas o que seria memória, memórias ou até mesmo sistema específico de memória? O termo memória tem diferentes significados, depende muito das diferentes pessoas, disciplinas, línguas, cultura, etc., que levamos em consideração.

O que realmente sabemos é que sem as nossas memórias não poderíamos ser o que somos ou o que seremos, um indivíduo único no qual não existe outro idêntico. Como poderíamos fazer aquilo que não sabemos ou comunicar aquilo que desconhecemos. Como poderíamos projetar um futuro se nada tivesse sido aprendido, sem conhecimentos acessíveis, sem a recordação das experiências vividas.

A memória humana é uma função que nos possibilita sermos indivíduos singulares. Através da memória guardamos nossas vivências, sejam simples ou complexas e as levamos conosco ao longo de nossa vida para somar com novas experiências e para selecionarmos novos momentos, para a continuidade da vida.

O sentido mais comum de memória assume que existe um material específico, biológico, neurológico e espacial relacionado à memória. Seria como o conceito ontológico de memória. Na maioria das vezes a memória é vista como localizada dentro da mente ou cérebro do indivíduo com limites bem definidos de outros estados mentais. O foco predominante da investigação na psicologia e na neurociência é o estudo da memória como uma propriedade do funcionamento de indivíduos. A memória é definida como o conhecimento do passado de um indivíduo; como retenção (diferença entre input e output ou entre aprendizagem e reaprendizagem); como

conservação de habilidades, procedimentos, fatos e informações organizadas semanticamente, eventos específicos (rotas, horários, compromissos, etc.); como um mecanismo cerebral trifásico (aprendizagem, estocagem e recuperação); como modificação na eficácia das sinapses, produzida por mecanismo pré e pós-sinápticos; etc.

Em algumas culturas, não existe uma palavra específica que traz um conceito que permita definir a memória como capacidade isolada, porém termos que indicam um arranjo de habilidades e práticas. Junker (2007) traz como exemplo no seu estudo sobre a língua aborígine falada pelos nativos de algumas regiões da América do Norte a palavra, *mituneyihchikan*, utilizada como memória. Esta palavra engloba um espectro de processos mentais como: recordar, pensar, conhecer, sentir e compreender. Todos eles inextricavelmente misturados e entrelaçados aos estados mentais e práticas sociais de outros indivíduos.

Atualmente para os cientistas sócio-culturais e historiadores (Brockmeier, 2002; Erll, 2008; Andrews, 2007; Wertsch, 2009), as memórias são transindividuais ou fenômeno coletivo, criações culturais como: mitos, lendas e outras histórias que reverberam na mente de novas gerações. Estas memórias não necessitam serem mentais, mas podem ser materiais e/ou artefatos sociais como: monumentos, museus, livrarias, computadores, rituais, calendários, aniversários, e outras estruturas e práticas sociais.

Novas perspectivas surgem com ideias que consideram a memória muito mais do que um arquivo do passado, elas oferecem mais abertura e visões culturais incorporadas sobre o que as pessoas fazem quando estão lembrando ou esquecendo. A principal característica dessa visão é que ela ultrapassa o cérebro humano isolado como único local dessas atividades mnemônicas, mas localizam-nas num quadro social e cultural mais amplo, considerando as práticas e os artefatos culturais que também estão sujeitos as mudanças históricas. Brockmeier (2002), por exemplo, assume uma perspectiva dos seres humanos como pessoas que lembram e esquecem, incorporados no contexto material, cultura e histórico das ações e interações.

Para falar em memória é necessário contextualizar ao longo da história suas diversas formas de entendimento e pesquisas. Todavia, vale destacar que nesse estudo a memória será considerada não somente como um fenômeno de capacidade individual e estritamente biológico, mas também como um fenômeno sócio-cultural. Seria importante, nesse primeiro momento, falar sobre os principais estudos que contribuíram com a inserção de aspectos sociais nos estudos da memória, assunto que será melhor elaborado no próximo tópico.

1.2 Estudos que focalizam os aspectos sociais da memória

O aspecto predominante da investigação da memória na psicologia e nas neurociências ainda é a recordação como capacidade individual e estritamente biológica. A memória é dificilmente considerada como um processo que se estabelece na interação. Entre os autores que ajudaram a redimensionar essa questão, no sentido de maior consideração dos aspectos sociais, destacam-se Maurice Halbwachs, na Sociologia, Frederic C. Bartlett e Lev S. Vigotski na psicologia. As suas colaborações tiveram três pontos fundamentais para o estudo da memória. O primeiro seria a concepção da memória como um processo dinâmico e em desenvolvimento. A memória, para estes autores, não é uma função psicológica isolada, muito menos uma faculdade mental, mas está relacionada às outras funções e com elas forma um sistema complexo e dinâmico. O segundo ponto seria a importância da dimensão social. Já o terceiro, trata da importância desses autores em termos de relacionar questões de memória à linguagem e à significação.

Bartlett, Halbwachs e Vigotski opõem-se a uma visão idealista e metafísica de memória. Halbwachs rejeita a concepção bergsoniana de memória como conservação espiritual do passado, em toda a sua inteireza e autonomia, e ao método da introspecção para se ter acesso à lembrança pura que se atualiza na “lembrança- imagem” (“souvenir-image”). Os estudos de Bartlett são uma reação à sociologia das faculdades mentais, inclusive, ele evitava os substantivos “memória”, “percepção”, “imaginação” e “pensamento” para marcar a sua oposição. Questionava a noção antiga de imagens mentais, passivas, mantidas no cérebro de cada indivíduo.

As abordagens de memória desses autores constituem tentativas de superação de dicotomias, reducionismos e visões consideradas equivocadas (como a de faculdades mentais e a de funções psicológicas isoladas), embora com diferenças em seus pressupostos, enfoques e procedimentos metodológicos. A ênfase dada por Bartlett e Vigotski à ligação entre funções psicológicas (para eles, a consciência se faz justamente nessa inter-relação dinâmica) é determinante na organização dos experimentos e na abordagem da memória desses autores. Bartlett, ao tratar de recordação, não se atém a essa função, mas seus experimentos se iniciam pela percepção e imaginação. E, em suas discussões, relaciona a recordação a esses processos e ao pensamento construtivo. Vigotski discute as funções mentais, em geral, focalizando duas ou mais delas, teoricamente e nos experimentos, observando como interagem entre si e, principalmente,

com a linguagem. Essa prática é coerente com o seu modo de conceber o funcionamento mental: um sistema interfuncional amplo e complexo.

A noção de “sistemas funcionais” é também tratada por Vigotski do ponto de vista da organização cerebral no seu desenvolvimento e do rearranjo no caso de lesões ou alterações. Sua abordagem dos sistemas de funções é dinâmica e dialética; as conexões estão sempre em mudança (Wertsch, 1994). Esse aspecto de transformação constante é mais realçado na obra Vigotskiana do que nos trabalhos de Bartlett, que não deixou de focar a sua influência mútua. Vigotski por sua vez, analisa a memória e outras funções do ponto de vista histórico e do desenvolvimento, sobretudo através de pesquisas no plano ontogenético, com incursões no plano filogenético de análise (Vygotsky & Luria 1992).

A ênfase no desenvolvimento reflete-se na condução das pesquisas do grupo de Vigotski. A consideração de que o papel das funções psicológicas no desenvolvimento mental muda no decurso da vida do indivíduo guiou os seus experimentos. Diferentemente, a questão para Bartlett não era olhar o desenvolvimento de memória, mas como se dá o processo de recordação humana, quais são as condições da recordação e o que interfere no seu funcionamento, como por exemplo, as diferenças culturais. Os estudos de Halbwachs enfocam individualmente a influência dos grupos e das instituições sobre a memória individual. Embora possa parecer que os dois últimos realcem mais os aspectos culturais e sociais em suas elaborações, esses fatores estão intimamente e dialeticamente relacionados ao conceito Vigotskiano de desenvolvimento. O estudo da “memória em seu desenvolvimento” (Vigotski, 1996), para o autor, constitui uma insuficiência na maioria das ciências que abordam a questão, incluindo a psicologia infantil, que muitas vezes a simplifica, estudando o desenvolvimento da memória em movimento linear para frente ou para trás, como uma ascensão ou um descenso (Vigotski, 1999). “Para todas essas ciências, a evolução da memória nada mais significa do que um incremento puramente quantitativo da função, sempre invariável em si mesma” (Vigotski, 1996, p.166). Para uma mudança radical no encaminhamento das pesquisas, ele sugere: “O primeiro ponto de partida das novas investigações é a idéia do desenvolvimento: não explicar o desenvolvimento da memória partindo de suas propriedades, mas sim deduzir estas partindo de seu desenvolvimento” (Vigotski, 1996, p. 168).

Na obra de Halbwachs, podemos dizer que a relação entre o indivíduo e sociedade e a dicotomia entre os dois constituem, respectivamente, o tema e a preocupação fundamental. Essa questão é central desde os seus primeiros trabalhos. Este autor tem como foco do seu estudo o problema da consciência social e, a partir daí, da memória: “Se o social se confunde com o

consciente, deve confundir-se também com a rememoração sob todas as formas” (cf. Alexandre, 1990, p.22). Halbwachs se contrapõe, portanto aos psicólogos que explicam a memória como um conjunto de operações psíquicas e fisiológicas puramente individuais; no máximo como lembranças pessoais que se relacionam com as lembranças dos outros, mas supondo memórias individuais já existentes. Ele inicia sua obra principal observando que “[...] muito certamente, o maior número de nossas lembranças nos vêm quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens no-las recordam” (Halbwachs, 1952, p.44). Em função disso, este autor se declara admirado quando lê tratados de psicologia acerca da memória, nos quais o ser humano é tratado como um ser isolado. Parece que, para compreender nossas operações mentais, seja necessário ater-se ao indivíduo, e separar de pressa todos os vínculos que o ligam à sociedade de seus semelhantes. Entretanto é na sociedade que, normalmente, o homem adquire suas lembranças, que ele delas se recorda, e, como se diz, que ele as reconhece e localiza (Halbwachs, 1952).

Halbwachs ainda propõe a análise do ato de lembrar no contexto do movimento interpessoal das instituições sociais – a família, a classe social, a escola, a profissão, a religião, o partido político, etc.- enfim, em relação aos grupos de convívio e de referência do indivíduo. As lembranças dependem do seu engajamento a grupos (em constante movimento) e dos lugares que neles ocupa. A importância da dimensão social é constante em várias explicações suas sobre questões muitas vezes analisadas sob o ponto de vista puramente biológico e/ou individual, como o esquecimento, a amnésia, a maior facilidade em se lembrarem os acontecimentos recentes (Halbwachs, 1952, 1990).

Um dos seus conceitos principais é o de “memória coletiva”, na qual as memórias individuais estariam compreendidas, uma vez que as noções e imagens dos meios sociais dos quais fazemos parte envolvem as recordações individuais. Segundo Halbwachs, os sentimentos e pensamentos mais pessoais emergem nos meios e circunstâncias sociais. Muitas ideias, reflexões, sentimentos, paixão que atribuímos somente a nós são inspirados pelo grupo. O caráter único do pensamento individual forma-se, assim no entrecruzamento de várias correntes do pensamento coletivo. As memórias individuais são, nesse sentido, pontos de vista da memória coletiva.

Para Halbwachs, a lembrança isolada do meio social seria impossível. Daí a dificuldade de a pessoa se recordar de sua terna infância, enquanto não se vê ainda como um ente social. Ele sugere que as lembranças individuais inserem-se em “quadros sociais”, comuns aos homens de um mesmo grupo. Há um contínuo movimento: os quadros são cambiantes e o indivíduo passa constantemente de um ao outro quando se lembra, na medida em que cada lembrança refere-se a

um grupo específico. Essa ideia que permeia toda a sua obra deixa entrever uma noção estruturalista de memória, mas não deixa de ser, o tempo todo, associada à questão social.

A pesquisa sobre a memória na obra de Vigotski insere-se nas suas elaborações sobre as transformações das relações interfuncionais. Quando ele fala do desenvolvimento da memória ao longo da vida do ser humano, não o analisa em termos das mudanças biológicas, mas das diferentes relações que a pessoa estabelece com os signos, o que produz diferentes formas de memorizar. Assim a memorização dos adultos se dá em bases novas e superiores, através de uma forma qualitativamente superior de mediação: os signos são *internalizados*. Essa transformação é vista como fazendo parte do desenvolvimento social, da apropriação de sistemas elaborados ao longo da história humana e da participação em práticas sociais.

Ao discutir os resultados de seus numerosos experimentos, Bartlett (1932) observa as transformações pelas quais passa o material recordado, sofrendo omissão, simplificação, mudança para itens mais familiares, importação, invenção, racionalização, entre outros processos analisados. A ideia da recordação como re-excitação de traços mnemônicos fragmentados ou como reprodução pura de eventos individuais é questionada. Para ele, a recordação literal é rara: “[...] a recordação exata é a exceção e não a regra” (Bartlett, 1932, p.61). Bartlett não considera que recordação seja a busca de algo guardado em algum lugar da cabeça do indivíduo ou mera reprodução, mas que haja uma “reconstrução”, em função dos interesses do presente e ligada as atividade práticas da vida cotidiana. Coerentemente com essa ideia, o material usado nos experimentos é sensível e familiar aos sujeitos, refletindo as demandas da recordação no dia-a-dia.

Dessa forma o processo de memória começou a ser analisado com seus aspectos sociais, contribuindo com a constituição de um conceito de memória mais amplo e mais complexo. Esta consideração da memória além da capacidade individual, neurológica e biológica; mas também a dimensão social, as práticas e os artefatos culturais que a compõe; merece ser mais aprofundado com os conceitos desenvolvidos nos estudos de Frederic Bartlett e Lev. S. Vigotski que influenciaram sucessivos pesquisadores nos seus estudos no campo da memória.

1.3 Os estudos de Frederic Bartlett

Os estudos do filósofo e psicólogo Britânico Frederic C. Bartlett (1886 – 1969); merecem destaque pela oportunidade de investigação oferecida aos psicólogos experimentalistas que escondiam seus interesses na psicologia social e na antropologia. Bartlett (1932), com o seu livro *Remembering*, redimensiona os estudos de memória na direção de uma maior consideração dos aspectos sociais, inserido em um movimento mais amplo de ideias que emerge nas ciências humanas contra a dicotomia entre individual e social sobre a qual foram fundadas.

Na obra de Bartlett, a dimensão social é realçada, em especial em relação à importância do *setting* social para a compreensão do funcionamento psicológico, embora haja divergência quanto ao seu peso nos diferentes momentos de sua produção.

Segundo Bartlett (1932), a tentativa de Ebbinghaus em controlar situações experimentais da memória teria descartado o que seria de mais importante e interessante na memória humana. Bartlett não estava interessado na faculdade mental isolada referida por Ebbinghaus (1885/1903) como “a memória”, pelo contrário, ele insistentemente utilizou o verbo recordar como uma atividade mental não muito diferente de outras como imaginar e pensar, e por isso deveriam ser estudada em conjunto. Tal autor, deliberadamente escolheu estudar a recordação de material complexo, como desenhos e histórias populares de culturas desconhecidas, substituindo os experimentos que somente observavam o acúmulo gradual de informações através de sucessivas sessões de aprendizagem. O enfoque seria nos erros dos participantes como evidências do modo como eles estavam registrando as histórias e os materiais. Seus métodos de estudos eram mais informais do que os utilizados por Ebbinghaus, incluindo várias recordações do mesmo participante em diferentes períodos. Bartlett (1932) envolveu os seus estudantes da Universidade de Cambridge na sua pesquisa mais conhecida sobre histórias populares de índios Norte Americanos: a guerra dos fantasmas (The war of the ghosts), uma história estranha para aqueles que não têm familiaridade com outras culturas. Os estudantes deveriam ler e recordar a história em momentos diferentes (15 minutos, uma semana, um mês) após a leitura, método que ficou conhecido como “reprodução repetida”². Nesta pesquisa Bartlett observou que a história lembrada pelos estudantes para cada momento de recordação era cada vez menor, mais coerente,

² Repeated reproduction

e sempre tendia a se encaixar mais com o ponto de vista do participante do que com o a estória original.

Ao analisar os determinantes das transformações operadas na recordação dos sujeitos, Bartlett conclui que a participação das convenções sociais e crenças são marcantes. O conteúdo da recordação é analisado como determinado basicamente pelo interesse social que o material tem para o sujeito. Mas, o modo de recordação é também relacionado a fatores tradicionalmente associados à psicologia da personalidade como o temperamento e o caráter do indivíduo, embora este autor afirme que o temperamento possa ser considerado do ponto de vista individual e grupal (grupo de reações organizadas que se cristalizam em instituições, costumes e crenças). A recordação, para Bartlett, ocorre tanto em função de “tendências de diferença individual” (apetites, instintos que definem os temperamentos individuais; tendência de reação que forma o caráter), quanto em função de “tendências sociais persistentes” (relacionadas aos costumes, instituições, tradições).

Dois fatores principais foram observados nesta abordagem de Bartlett. O primeiro foi o esforço do participante na busca pelo significado (*effort after the meaning*). No lugar de simplesmente receber informações, os participantes estavam ativamente procurando significado, tentando capturar a essência do material apresentado. O segundo foi que os fatores e tendências que determinam a recordação estão, segundo Bartlett, organizados em esquemas (*schema*), uma longa e estruturada representação do conhecimento utilizado pela pessoa que está recordando para dar sentido ao novo material e conseqüentemente poder registrar e recordar o material. Dos “*settings esquemáticos*” (chamados também “*quadros esquemáticos*”), participam as condições sociais, bem como o caráter e o temperamento, (formados por apetites, tendências instintivas, atitudes, interesses e idéias). Bartlett enfatizou o papel das influências culturais e sociais no desenvolvimento de esquemas, o que por sua vez determina o modo como o material é registrado, conservado e recordado. Através da utilização deste conceito Bartlett (1932/1977) propõe uma explicação do porque nossa memória é colorida pelas nossas expectativas, os esquemas conservados na nossa memória a longo-prazo permite criar ou retirar certas expectativas. De acordo com a teoria de Bartlett, recordar envolve o processo de reconstrução no qual todas as informações relevantes (incluindo informações dos esquemas de base) são utilizadas na reconstrução de detalhes do evento, em termos “do que deve ter sido a verdade”.

Bartlett estende o seu conceito de esquemas e a noção de organização esquemática para os aspectos sociais. Bartlett observa que, em termos psicológicos, um grupo social mantém juntos

seus membros através de uma “influência ativa” relacionada a “tendências de organização do grupo”, que fornecem a ele uma “inclinação” em suas relações com circunstâncias externas. “A inclinação constrói as características persistentes especiais da cultura do grupo, suas práticas técnicas religiosas, sua arte material, suas tradições e instituições, e estas novamente, uma vez estabelecidas, tornam-se estímulos diretos para a resposta individual dentro do grupo (Bartlett, 1977, p.255)”. Bartlett denomina esta inclinação em relação às circunstâncias externas de “sugestão social”, que estabelece o que o indivíduo observa em seu meio e o que ele conectará de sua vida passada com essa resposta direta. Isto acontece devido a um conjunto de interesse, excitação e emoção que favorece o desenvolvimento de imagens, e a um “quadro persistente” de instituições e costumes que age como uma “base esquemática para a memória construtiva”.

O conceito de esquema foi exemplificado no seu estudo da história popular (*The war of the ghosts*), nos quais vários traços eram incompatíveis com expectativas dos Europeus. Os aspectos supernaturais da história eram na maioria das vezes omitidos e traços da história eram distorcidos pelos participantes para atenderem as suas expectativas.

Bartlett (1932) interpretou seus resultados defendendo que os erros sistemáticos e distorções produzidas nas recordações dos participantes eram provocados pela intrusão de seus conhecimentos esquemáticos. Alguns estudos criticam essa abordagem experimental de Bartlett pela falta de instruções específicas no momento da recordação, eles afirmam que as distorções observadas seriam provocadas deliberadamente por adivinhações e não estariam relacionadas a problemas de memória. Gauld e Stephenson (1967) observaram, na reprodução do estudo da história popular “*The war of the ghosts*”, que a utilização de instruções claras que enfatizam o fato de realizar uma recordação com precisão, eliminou metade dos erros encontrados por Bartlett utilizando uma instrução simples. O trabalho de Wagoner (2010a) nos oferece outra explicação às críticas lançadas à Bartlett, segundo Wagoner mesmo com a introdução de instruções altamente restritivas, com a utilização de uma recordação imediata após a leitura, e uma noção de “erro” altamente reduzida (omissões não eram penalizadas, sinônimos e frases parecidas eram aceitos, etc.) o número de “erros” encontrado no estudo de Gauld e Stephenson (1967) foi grande. A utilização de instruções restritivas prepara o participante para um contexto social particular de recordação, principalmente quando eles enfatizam que o relembrar tem que ser fato por fato, substituindo o contexto mais holístico e natural considerado por Bartlett. Bartlett (1932) deixa claro que a relação social na qual ocorre a recordação pode direcionar a construção literal da mesma. As duas metodologias são incomparáveis, Gauld e Stephenson

(1967) consideram a recordação como um processo mental compartimentado que ocorre “dentro da mente” diferente de Bartlett (1932) a recordação é irreduzivelmente um processo social. Segundo Bartlett (1932) não podemos remover o funcionamento psicológico do seu contexto físico e social, assim como não podemos dividir a mente em compartimentos, alguns sendo sociais e outros não (Wagoner, 2010a).

A tradução da teoria de Bartlett em uma metodologia estatística padronizada, por Gaul e Stephenson (1967), se torna mais confusa do que reveladora. Gaul e Stephenson (1967) limitaram a teoria reconstrutiva pois Bartlett nunca sugeriu que recordar sempre se caracteriza por “erros” e “distorções”. Pelo contrário, Bartlett também faz análises, a partir de material coletado junto a grupos indígenas, como os Swazis, que eram considerados portadores de uma memória fenomenal, e analisa as condições sociais determinantes. Sugerindo assim que “boa memória” envolve um domínio específico socializado pelo grupo. Ele analisou as modificações que ocorrem quando dois diferentes grupos sociais entram em contato e cada um tem seu conjunto peculiar de crenças, tradições, costumes, sentimentos e instituições. Nesse sentido, ele desenvolve o conceito de “convencionalização”. Segundo Bartlett esse conceito é relevante para o estudo social da recordação porque o desenvolvimento de novos padrões convencionais sempre ilustra a influência do passado sobre o presente, tendo uma relação direta com as características construtivas da recordação.

Estudos posteriores ao conceito de esquema proposto por Bartlett (Schank & Abelson, 1977; Bower, Black & Tuner, 1979) consideram esquema, como os registros de esquemas da memória semântica, que inclui o que chamamos de “scripts” e “frames”. Os scripts manipulam o conhecimento sobre eventos e consequências dos eventos, e os frames são estruturas de conhecimento que se referem a algum aspecto do mundo (ex: construção), possuindo informações estruturais fixas (ex: tem piso e paredes) e grupos de informações variáveis (ex: os diversos materiais utilizados na construção). Esse conhecimento esquemático (incluindo o contido nos scripts e nos frames) é muito útil por três razões. Primeiro o esquema permite criar expectativas. Por exemplo, quando vamos ao restaurante esperamos ser acomodado numa mesa, receber o cardápio do garçom para fazermos o nosso pedido e assim por diante. Quando nossas expectativas não são atendidas, imediatamente realizamos uma ação apropriada (ex: chamar o garçom). Os esquemas (incluindo scripts) tornam o nosso mundo mais previsível, pois normalmente são sempre confirmados. Algumas vezes mesmo, aqueles que não combinam com a nossa expectativa do esquema de base são bem recordados, pois são destacados (ex: a

recordação de um evento onde o garçom derrubou a comida no cliente) (Bower et al. 1979; Neuschantzy, Lampinem, Preston, Hawkins & Toggia, 2002). Segundo, os esquemas têm um papel importante na leitura e na escuta, pois permitem completar lacunas na leitura ou na escuta destacando a compreensão do indivíduo. Em outras palavras provêem a base para as nossas deduções da nossa leitura ou escuta (Bransford & Johnson, 1972). Por ultimo, o conhecimento esquemático pode ajudar na percepção visual de cenas (Palmer, 1975).

Alguns conceitos de Bartlett suscitam em termos de reflexão, em novos campos de pesquisa da psicologia e da psiquiatria como é caso do fenômeno das falsas memórias. O descobrimento da existência das próprias falsas memórias questiona a permanência, a veracidade, e a fidedignidade das memórias, enfatizando assim “maleabilidade” e “plasticidade” da memória humana. Os estudos de Bartlett (1932) foram precursores da teoria dos esquemas, considerada como uma das teorias explicativas das falsas memórias. A descrição da recordação de Bartlett (1932) como sendo um processo reconstrutivo, baseado em esquemas mentais e no conhecimento geral prévio da pessoa, salienta o papel da compreensão e a influência da cultura nas lembranças. O que permitiria uma compreensão dessas falsas memórias como distorções de memória. “As falsas memórias ocorrem em função de o indivíduo distorcer a informação a fim de acomodá-la aos seus esquemas mentais prévios” (Stein et al. 2010).

Os estudos de Bartlett também foram muito inspiradores para vários outros pesquisadores, entre eles Brady Wagoner. Wagoner (2010a) dedica um capítulo inteiro (“Remembering Methodology – experimenting with Bartlett”) as diferentes inovações metodológicas que utilizam princípios similares ao clássico *Remembering* (1932) de Bartlett. Neste capítulo uma crítica é lançada as técnicas estatísticas que são muito utilizadas como o único meio de fazer predições para certa população, sendo um método inadequado para explorar outras questões como “significado” entre outros fenômenos psicológicos como recordar. Ele enfatiza o trabalho teórico e prático sobre recordar de Bartlett (1932) e inúmeros trabalhos de outros psicólogos que reconheceram a perspicácia da metodologia do recordar de Bartlett e que construtivamente continuaram a desenvolvê-la (Nadel, 1937; Obeyesekere, 1981, 1990, 2010; Danzinger, 1990; Gauld & Stephenson, 1967; Bergaman & Roediger, 1999; Middleton & Edwards, 1990; Mori 2010). Wagoner (2010a) conclui o seu capítulo respondendo a pergunta: “Que novos recursos metodológicos para o estudo do recordar temos a nossa disposição à quase 80 anos depois dos

estudos de Bartlett?”³ (Tradução nossa, Wagoner 2010a, p. 183). A resposta mais adequada segundo Wagoner (2010a) é um número de estratégias analíticas para acessar e analisar o microprocesso envolvido na recordação, assim como suas complexidades qualitativas. Atualmente temos novas tecnologias que nos permitem com propósitos diferentes, acessar e analisar os microprocessos do recordar. O que encoraja a ir além dos métodos de Bartlett para desenvolver uma teoria da recordação que integra diversos conjuntos de observações e resultados.

Nesta continuação vários estudos foram realizados para estender o método de “reprodução repetida” para uma tarefa conversacional. Middleton e Edwards (1990), por exemplo, investigaram a comunicação pragmática de uma recordação conversacional. Eles demonstram como um contexto experimental estrutura um quadro de organização racional de eventos em oposição a um contexto de recordação do cotidiano que se focaliza mais em fazer avaliações e descrever reações emocionais (Edwards e Middleton, 1986a). Outro estudo demonstrou que textos possuem convenções comunicativas bem diferentes da conversa, o que leva a acreditar “algumas” transformações destacadas por Bartlett (1932) são provocadas por convenções de texto (ex. coerência narrativa) e não por processos cognitivos (Edwards e Middleton, 1986b). Middleton e Edwards (1990) se concentraram mais no processo de recordação coletiva, porém outros autores seguiram pesquisando a recordação conversacional. Weldon e Bellinger (1997; Weldon, 2003) realizaram estudos com grupos de participante (grupo de três participantes) e participantes sozinhos para verificar qual dos grupos recordariam mais. Eles encontraram que os grupos recordam bem mais do que os participantes isolados, porém, grupos nominais (indivíduos associados) recordam mais do que os grupos. Este contexto parece apresentar alguma propriedade pertencente ao grupo real que limita o potencial mnemônico dos participantes. A natureza desta restrição permanece em aberto, pois o processo de recordação em grupo e individual não foi explorado, os pesquisadores só relataram dados quantitativos nesta pesquisa. Uma possível compreensão deste fato seria que os participantes do grupo compartilham perspectivas de cada um do grupo e isso limitaria posteriormente suas próprias perspectivas.

Diante dos fatos apresentados, este estudo utilizará a noção de esquemas e convencionalização, assim como o método de “reprodução repetida” utilizado por Bartlett (1932) na construção da recordação. Ainda há, portanto a necessidade da discussão da importância de

³ « What new methodological resource for the study of remembering, do we have at our disposal almost 80 years after Bartlett ? »

como as influências sociais guia as nossas recordações. Essa consideração de como a memória é socializada pelo grupo será mais bem fundamentado nos estudos desenvolvidos por Vigotski, assunto este abordado no seguinte tópico.

1.4 Os estudos de Lev S. Vigotski

O psicólogo soviético Lev S. Vigotski (1896-1934) é o fundador da teoria histórico-cultural do psiquismo humano. Foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa ao insistir que as funções psicológicas não são um produto de atividade cerebral. Conseguiu explicar a transformação dos processos psicológicos elementares em processos complexos dentro da história.

O plano social na obra de Vigotski está vinculado à sua teoria do desenvolvimento humano, à sua noção de consciência. O autor formula o que denominou “lei genética do desenvolvimento cultural” (Vigotski⁴, 1991), segundo a qual o psiquismo humano só emerge na relação entre as pessoas, na cultura. Esse princípio o diferencia de grande parte dos autores da psicologia da época (e contemporâneos) que atribuem o desenvolvimento a fatores inatos e/ou internos, a partir de pressupostos biológicos. Para Vigotski, o social está na origem e determina a estrutura das funções psicológicas: “[...] toda função superior estava dividida entre duas pessoas, constituía um processo psicológico mutuo [...]. Durante o processo de desenvolvimento psicológico, surge, por conseguinte, a fusão de determinadas funções que, no princípio, estavam em duas pessoas” (Vigotski, 1996, p.113-114).

Quando Vigotski analisa as transformações das relações interfuncionais no desenvolvimento histórico do comportamento humano, ele as explica pelo uso de signos e instrumentos, que é o principal traço distintivo entre o homem e o animal. A ideia de “mediação” na constituição humana é central na obra de Vigotski, que estendeu a noção de Engels de mediação instrumental, considerando também (e com especial relevo) a mediação pelos signos

⁴ Usaremos correntemente a grafia do sobrenome deste autor (Vigotski) proposta pela tradução brasileira do texto original em russo de *A Construção do pensamento e da linguagem* (Vigotski, 2001). Outras formas de grafia serão eventualmente utilizadas em referências bibliográficas oriundas de outras traduções.

(Wertsch, 1994). No início de seus trabalhos, essa ênfase consistia em uma reação à teoria estímulo-resposta (S-R) que considera apenas a determinação do sujeito pelo meio. Vigotski diferencia as “funções psicológicas elementares” das “funções psicológicas superiores” justamente pela estrutura destas últimas: o signo como “elo intermediário” entre o estímulo e a resposta, com sua função de “ação reversa” (ação sobre o próprio indivíduo), possibilita ao homem controlar o seu próprio comportamento.

Tais caracterizações das funções mentais superiores estão presentes na análise vigotskiana sobre a memória. Vygotsky (1978), em suas explanações sobre o que ele denominou *origens sociais da memória mediada*, referiu-se às diferentes pesquisas comparativas realizadas em seu tempo a respeito da memória humana, que permitiram identificar dois tipos de memória, pelo menos nos primeiros anos do desenvolvimento social da criança. Este autor distingue dois tipos de memória entre os seres humanos: a memória “natural” ou “imediate” (involuntária, evocação a partir da influência direta dos estímulos externos) e a memória “mediada” (recordação indireta, pela ação de signos, lógica e voluntária). As características do segundo tipo de memória, especificamente humano, têm implicações para a elaboração do autor e para o estudo da questão. Uma delas, que consideramos sua principal contribuição, diz respeito à questão da mediação semiótica. O signo para Vigotski é, ao mesmo tempo, social e histórico: “[...] acreditamos que essas operações com signos são produtos das condições específicas do desenvolvimento social” (Vigotski, 1991, p.44).

A busca pelo fazer sentido (meaning-making) é essencial para a teoria de memória mediada de Vigotski. Vygotsky e Luria (1930) utilizaram o exemplo de dar um nó na corda, como técnica de memória muito adotada em várias sociedades. Dar um nó na corda para lembrar alguma coisa, faz com que o nó carregue um sentido, transformando-o da posição de objeto neutro para a de “signo”. Vigotski descreve o signo como um tipo especial de “ferramenta” utilizado para controlar e instruir a nós mesmos. Isso é possível porque o “signo” possui ação inversa (reverse action), ele atua de volta no criador. Assim a construção de um “signo” chega a nos controlar externamente, as nossas atividades são mediadas pelos signos. Fazemos isso quando escrevemos lembretes nas nossas agendas, quando colocamos a imagem de um porco na geladeira para lembrar os nossos planos de perder peso, ou até quando trazemos objetos das nossas viagens. Até a própria sociedade constrói monumentos, define importantes datas no ano e conta histórias especiais sobre a comunidade da forma a trazer o passado para o presente.

Quando Vigotski fala do desenvolvimento da memória ao longo da vida do ser humano, ele não analisa a mudança em relação à idade em termos das mudanças biológicas, mas em termos das diferentes relações que a pessoa estabelece com os signos, o que produz diferentes formas de memorizar. Vigotski analisa a memorização dos adultos que se dá em bases novas e superiores, através de uma forma qualitativamente superior de mediação: os signos são internalizados.

A “internalização” é outro construto vigotskiano fundamental, relacionado à já citada “lei genética do desenvolvimento”: o processo, que no início é interpessoal, passa a ser intrapsicológico. Conforme ele escreve em seu manuscrito de 1929: “[...] para nós, falar sobre processo externo significa falar social. Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas” (Vigotski, 2000, p.24). Nesse sentido, a internalização dos signos referida na discussão dos experimentos pressupõe uma história de relação entre pessoas. A transformação da memória dos adultos é vista como fazendo parte do desenvolvimento social, da apropriação de sistemas elaborados ao longo da história humana (como escrita, o sistema numérico, etc.) e de sua participação em práticas sociais.

Os métodos desenvolvidos por Vigotski foram projetados para demonstrar o processo de mediação por signos e sua transformação nos processos psicológicos. Esses métodos são indicadores da utilização dos vários tipos de *recursos mnemônicos*, como sinais na madeira ou nós no lenço, ou os inícios da escrita, mostrando que desde os primeiros estágios de seu desenvolvimento histórico os humanos ultrapassaram os limites das funções dadas a eles pela natureza e organizaram seu comportamento sob formas culturalmente elaboradas, realizando assim operações com signos. Tais operações introduzem uma mudança na estrutura psicológica e é o produto de condições específicas do desenvolvimento social.

No estudo conduzido por Leontiev e monitorado por Vigotski, eles adotaram o procedimento clássico de memorização: a criança tinha que recordar uma lista de palavras, mas com uma inovação. As crianças recebiam cartões com imagens (signos potências ou mediadores externos) para ajudá-las durante a recordação. Leontiev e Vigotski criaram três condições experimentais para a recordação da lista de palavras: (1) tarefa clássica de memorização, (2) tarefa com utilização de cartões convencionalmente pareados com as palavras pelo pesquisador e (3) tarefa na qual a criança tinha permissão de fazer suas próprias combinações entre as palavras e os cartões. No começo Vigotski fez uma simples comparação de escore de crianças de idades

diferentes entre as condições mediadas (2 e 3) e não mediada (1), para validar a sua teoria natural e cultural do desenvolvimento.

Porém, Vygotsky (1987) analisa mais cuidadosamente o processo microgenético aplicado pelas crianças na recordação utilizando cartões de imagem. Essa nova análise levou a alterar a sua teoria de mediação para o método conhecido como “double stimulation” (estimulação dupla) (Backhurst, 1990). Este método se inicia pela introdução de uma tarefa que vai além das capacidades do participante, propiciando a introdução de um objeto neutro ao qual o participante possa dar algum sentido (transformando-o em mediador externo) com o objetivo de solucionar a tarefa. O resultado desse processo é produzido pela atuação do próprio participante, e não pela do experimentador, o experimentador pode guiar o participante na direção de um “sentido” particular, mas não pode determinar como o participante vai utilizar e se ele vai utilizar o objeto (Van Der Veer & Valsiner, 1991). Diferente das experiências contemporâneas com um máximo de controle das variáveis, que resulta facilmente em dados para comparações estatísticas, este novo método de Vigotski utiliza a construção de novidade, a ativação criativa de novo sentido para solucionar o problema. Por exemplo, quando solicitamos a ajuda de outra pessoa para relembrar algum evento ou detalhe de uma recordação, estamos construindo um novo modo (através da utilização do outro como mediação), para superar e atingir o objetivo que era uma recordação plena e em detalhes do evento.

Através da mediação por signos, num processo histórico de apropriação, o homem é capaz de controlar deliberadamente as condições de sua recordação futura. Vigotski enfatiza o controle sobre a razão como um dos traços fundamentais do ser humano, a auto-regulação emerge da regulação pelo outro: “[...] qualquer processo volitivo é inicialmente social, coletivo, interpsicológico.” (Vigotski, 1996, p.113).

O conceito de mediação só pode ser estudado enquanto ocorre, ou seja, estudo do processo psicológico *in vivo*. O pesquisador precisa de alguma maneira de objetivar ou externalizar esse processo de mediação, para que ele o possa analisar. Segundo Wagoner e Gillespie (in press) isso pode ser feito pela utilização de pares de participantes recordando juntos através de uma conversa. O recente estudo de Wagoner e Gillespie (in press) sintetiza o pensamento metodológico de Bartlett e Vygotsky, com intuito de explorar os meios culturais utilizados pelos participantes para acessar as suas experiências passadas. O método *reprodução repetida* de Bartlett, e o método *estimulação dupla* de Vigotski são reutilizado nesta pesquisa. Neste estudo recordar se enquadra na perspectiva de “construção”, as memórias seriam acessadas e formadas através de vários tipos

de mediação. Quatro tipos de mediação são identificados nos dados: (1) narrativa, (2) vocalização, (3) visualização e (4) ritmo, considerados como ferramentas e técnicas de recordação. Wagoner e Gillespie (in press) concluíram que este estudo traz contribuições metodológicas adicionais ao trabalho de Bartlett: a extensão do método *reprodução repetida* a uma tarefa conversacional para acessar os microprocessos da mediação.

Dessa forma, neste estudo, utilizaremos pares de participantes para externalizar o processo de mediação (a mediação do outro) que ocorre dentro de uma tarefa conversacional. Assim como, nos focamos nos momentos naturais e espontâneos de *incertezas, ambiguidades e/ou lacunas* da recordação do idoso como um paralelo ao método *estimulação dupla* de Vigotski. A utilização dessas duas estratégias de pesquisa associadas ao método de *reprodução repetida* tem como objetivo explorar os meios culturais e estratégias que os participantes usam para superar momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação de suas experiências passadas. Relatar um evento autobiográfico junto com outra pessoa que participou deste evento, pode nos ajudar a analisar como a presença do outro dá suporte (estratégias) ou restringe a recordação do idoso.

Partimos, agora, para revisar o conceito de memória autobiográfica visando situar este trabalho e, desta forma, apontar o lugar que o presente trabalho ocupa ao propor o enfoque aqui utilizado; trata-se de explorar as características deste tipo de memória e o papel desempenhado pelo outro neste tipo de recordação.

2. MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA (MA)

2.1 Estudos de memória autobiográfica

No campo da psicologia e da neurociência a **memória autobiográfica (MA)** pode ser conceituada brevemente como “o conhecimento do indivíduo de suas próprias experiências de vida” (Jones, 1999).

A memória pode ser dividida em relação ao *tempo* e ao *conteúdo* (Markowitsch, 2003). Na dimensão *temporal* encontramos: **memória de curtíssimo prazo** (armazenamento muito rápido, milissegundos), **memória de curto prazo** (armazenamento mais duradouro, minutos), **memória longo prazo** (armazenamento de períodos bem mais longo, dias e meses) e **memória de longuíssimo prazo** (armazenamento por tempo quase ilimitado). Baddeley (2000) descreve a **memória operacional** como um tipo de memória a curto prazo que dá condição para a manipulação de informações armazenadas de forma consciente.

Na divisão da memória segundo o *conteúdo*, encontramos a **memória de procedimento** considerada como as capacidades ou habilidades motoras ou sensoriais “hábitos”. Além das memórias que registram fatos evento ou conhecimentos, conhecidas como **memórias declarativas**. Quando a divisão da memória segundo *conteúdo* se organiza pela estrutura hierárquica das informações em relação ao momento e ao local ou contexto onde foram adquiridas (Markowitsch, 1999; Tulving, 1987), falamos de **memória episódica** e **memória semântica**. As memórias episódicas se referem a eventos aos quais assistimos ou dos quais participamos, menciona o passado, com mais especificidade do contexto (onde) e do tempo (quando). As memórias semânticas seriam os conhecimentos gerais, toda coleção dinâmica de fatos e informações que o indivíduo tem do mundo. Frank e Landeira-Fernandez (2006) trazem como exemplo, os relatos sobre um determinado acidente de automóvel (dados episódicos), a explicação sobre acidentes de automóveis (dados semânticos).

Do ponto de vista estruturalista, Tulving (1983) define a **memória autobiográfica** como memória episódica, que se refere à informação com contexto espacial e temporal específico, por exemplo, a lembrança dos episódios ocorridos durante uma festa na infância ou do conteúdo de uma dada conversa. A partir desta definição a memória autobiográfica foi muitas vezes associada

diretamente à memória episódica. “As lembranças de nossa formatura, de um rosto ou de um filme são memórias episódicas. As memórias episódicas são autobiográficas” (Izquierdo, p.22 2002). Porém, numerosas dúvidas e ambiguidades conceituais e metodológicas podem ser observadas na literatura.

A partir do estudo de um paciente amnésico, Tulving et al (1988) propõem uma distinção, dentro da memória autobiográfica. A memória autobiográfica teria um componente episódico que contém recordações de eventos específicos marcantes contextualizados no tempo e no espaço e um componente semântico que reagrupa os conhecimentos gerais do seu passado aos quais Tulving (1993) adicionou os conhecimentos que cada um tem de si mesmo.

Os dados cognitivos e neuropsicológicos convergem para a noção de uma memória autobiográfica múltipla e complexa possuindo conhecimentos específicos e gerais. Conway (1997) considera que a memória autobiográfica seria organizada hierarquicamente havendo níveis mais específicos e níveis mais genéricos. Encontramos no nível mais específico da MA as lembranças de eventos particulares cuja duração é inferior a um dia. No nível mais genérico, encontramos as lembranças de períodos de vida e as lembranças de categorias de eventos. Recentemente, Conway (2005) define a memória autobiográfica como um sistema que retém conhecimentos envolvendo as experiências do self, do “eu”. Essa memória é sempre orientada pelo conteúdo da memória, mas nem sempre produz “recollective experience”, por exemplo: você pode se lembrar da sua última viagem à Paris ano passado, mas os detalhes episódicos desta viagem serão recordados bem mais tarde ou não. Tais experiências acontecem quando o conhecimento autobiográfico ou a nossa memória semântica pessoal, bloqueia o acesso à memória episódica associada. Em outras palavras, a memória autobiográfica é transitória e construída dentro de uma dinâmica que envolve a base do conhecimento autobiográfico⁵ (uma base de fatos que engloba a auto-referência e o nosso passado) e o self operacional⁶ (possui uma função similar a memória operacional, mas que controla a memória autobiográfica).

Pergher e Stein (2005) consideram que existe uma diferença entre o conceito de memória episódica e o conceito de memória autobiográfica, para estas autoras a memória autobiográfica se refere à lembrança de acontecimentos específicos da vida pessoal, aquelas lembranças que a pessoa tem como auto-referentes e que possuem uma localização temporal e espacial.

⁵ Autobiographical knowledge base

⁶ Working self

Frank e Landeira-Fernandez (2006) sugerem que as fronteiras entre os sistemas de memória estão sujeitos a mudanças pela vontade do sujeito, ele pode começar o seu relato utilizando dados mais semânticos, presentes, e subitamente evocar instâncias mais específicas que requerem um acesso episódico aos dados do passado. Assim, estes autores se referem à memória autobiográfica como tendo elementos semânticos, como aqueles que se referem à noção do eu, e aspectos episódicos como rememoração de fatos contextuais (datas, faces, nomes, detalhes, locais) da experiência do sujeito.

Segundo Piolino, Desgranges & Eustache (2000), a memória autobiográfica representa um conjunto de informações e de recordações de eventos pessoais vividos no passado, acumulados desde muito cedo em termos de trajetória etária, e que permite construir um sentimento de identidade e continuidade.

Greenberg e Rubin (2003) se referem à memória autobiográfica como mais do que uma mera evocação de fatos autobiográficos do passado, pois o indivíduo que lembra tem consciência da evocação como experiência da sua história pessoal. Ou seja, a MA seria acompanhada da sensação de rememoração com a consciência de que o fato ocorreu anteriormente consigo próprio (consciência do eu). Este fato revela como a natureza emocional (familiaridade) que acompanha a consciência da evocação autobiográfica está diretamente relacionada com contexto e com o momento em que estas informações foram adquiridas. Assim, segundo Frank e Fernandez-Landeira (2006), a integração temporo-espacial entre os dados da memória autobiográfica seria possivelmente facilitada pela experiência emocional de familiaridade com o tom de pertencimento ao eu.

A modelagem da memória autobiográfica integra-se com a compreensão das diversas etapas ao longo do ciclo de vida, relacionando-se, por exemplo, com o final da amnésia infantil por volta dos cinco anos (Rubin, 2000), com o desenvolvimento da identidade na adolescência e adultez jovem (Rubin, Rahhal & Poon, 1998), e com o envelhecimento bem sucedido (Wong e Watt, 1991). Nesse sentido, memórias de determinados eventos constituem marcos determinantes na organização da história de vida do indivíduo. Elas permitem ao sujeito definir a si mesmo, se reconhecer na sua própria experiência e se expressar a respeito da sua trajetória singular (Blagov e Singer, 2004). Essas memórias refletem padrões de expectativas culturais permitindo ao indivíduo verificar a maior ou menor adequação da sua própria trajetória individual às convenções sociais dos eventos que tipicamente fazem parte de uma história vivida (Berntsen & Rubin, 2004).

Considerando o conceito de esquemas de Bartlett (1932), as informações exatas sobre os eventos autobiográficos já se perderiam dentro do contexto de registro da experiência vivida, pois elas são acomodadas aos nossos esquemas. Na memória autobiográfica, podemos falar da existência de esquemas que possuímos sobre nós mesmos. Em outras palavras existiriam esquemas que sintetizam o conhecimento sobre si mesmo formando assim a nossa identidade (ex: sou mentiroso, sou péssimo em estatística). Além de vários outros esquemas que estão envolvidos nas nossas experiências de vida, e que também constituem nossa memória autobiográfica (Brewer, 2000).

Ao reconstruir o passado são utilizadas lembranças que são compatíveis com a visão que temos de nós mesmos, no momento da recordação (Bartlett, 1932; Ross, 1989). Consequentemente se mudam os esquemas ao nosso respeito e outros esquemas envolvidos naquele evento, as memórias autobiográficas acompanham essa mudança. Nesse sentido a memória é por natureza sempre uma reconstrução compatível com os esquemas presentes naquele momento da recordação. Por exemplo, suponha que alguém me pergunte hoje como foi o parto normal do meu primeiro filho. Ao recuperar as memórias relevantes para responder esta pergunta, eu utilizarei os conhecimentos esquemáticos que tenho, sobre o parto (“não é nada doloroso”), sobre a médica (“ela era muito simpática e atenciosa”), sobre mim (“sou muito corajosa”) que estão atrelados as lembranças do nascimento do seu primeiro filho naquele momento. Minha resposta provável seria “nossa foi muito rápido, não doeu quase nada” reconstruindo uma memória autobiográfica bem melhor do que foi, mas na verdade durou algumas horas e suportei muita dor antes de receber a anestesia. Se por acaso meu marido que esteve presente no momento do parto, contribuísse com outras informações que já estavam quase esquecidas ou ambíguas, eu provavelmente daria outra resposta. Vale salientar que estamos utilizando o conceito de esquemas de Bartlett (1932) no sentido de reconstrução da memória autobiográfica, e não no sentido de construção de uma memória autobiográfica, que envolveria mais distorções do evento e que provavelmente resultaria numa falsa memória autobiográfica.

Portanto, neste trabalho são consideradas as características mais centrais da memória autobiográfica, que são a auto-referência e sua especificidade temporal e espacial. Mas a memória autobiográfica também é considerada dentro de uma dimensão social. As recordações autobiográficas são reconstruções do evento pela utilização dos esquemas sobre si mesmo, e de outros esquemas que pertencem àquele evento autobiográfico, no momento da recordação (reutilizando o conceito de esquemas desenvolvido por Bartlett, 1932). Além de ser uma

reconstrução mediada por outros ao longo da participação em práticas sociais (reutilizando o conceito de memória mediada proposta por Vigotski, 1978).

Dessa forma, uma abordagem da memória autobiográfica dentro das práticas sociais e de uma esquematização sobre si mesmo e sobre os eventos pessoais vividos; leva o presente estudo a considerar as recordações autobiográficas em termos de construções narrativas, tópico este melhor elaborado no próximo item.

2.2 O entrelaçar da memória autobiográfica com a narrativa

No marco da psicologia cultural, circunscreve-se à ideia de que o determinante dos processos psicológicos, entre eles a memória, é a vida humana em sociedade. O desenvolvimento psicológico do ser humano se concebe como emergente das formas sociais de vida, da interação com os outros e com as ferramentas produzidas por seu grupo cultural, em particular com a linguagem (Vygotsky, 1931). De acordo com Vygotsky (1987), a operação das funções psicológicas superiores é uma relação social. Vygotsky (1987) traz o exemplo do gesto de apontar da criança, que se inicia quando ela não consegue alcançar o objeto. O adulto interpreta este gesto como tendo o significado de que a criança quer o objeto e traz até ela, a criança aprende a realizar este gesto (para e com o adulto) de forma a fazer com que o adulto pegue o objeto.

Da mesma forma, as habilidades mnemônicas das crianças se desenvolvem através da recordação com adultos que já possuem as ferramentas requisitadas da linguagem e narrativa. Conversas com crianças mais novas contribuem para a recordação apenas com poucos detalhes (resumos e fragmentos). Crianças com dois anos começam a recordar eventos que aconteceram semanas ou às vezes até meses passados, mas as frases ainda são incompletas e faltam os marcadores temporais que organizam as experiências no tempo; como por exemplo: “ontem” e “amanhã” pode ser usado para qualquer dia que não seja hoje (Harner, 1982).

Estudos mais recentes e com uma abordagem sociointeracionista do desenvolvimento da memória têm desafiado bastante o conceito de memória autobiográfica, enfatizando o contexto social das ações, experiências e lembranças. Para certos autores as memórias autobiográficas são resultados de construções narrativas que emergem e se desenvolvem na primeira infância em

colaboração com adultos significativos a fim de estruturar a memória para as experiências pessoais significantes (Nelson, 1993; Fivush & Haden 2003). Neste sentido, as formas e os modelos socialmente construídos das narrativas são organizadores da construção das memórias autobiográficas na criança. As recordações autobiográficas seriam desde o começo fusionadas com as práticas narrativas, particularmente com aquelas que adotam a forma de narrativas auto-referentes (Neisser, 1994). As crianças dependem dos adultos para suprir a falta de grande parte do conteúdo e para organizá-lo numa narrativa coerente, o que quer dizer que os adultos dão suporte às habilidades mnemônicas das crianças (Nelson e Fivush, 2004). Neste tipo de pesquisa a sugestão dos adultos é tida como um fator positivo, ao contrario do efeito negativo que é observado nos estudos de testemunhos oculares. Outro exemplo de efeito positivo é observado nos estudos de Pipe et al. (1996), eles compararam a recordação de crianças para um novo evento, que foi completamente narrado ou que foi narrado de uma forma mais vazia pelo adulto (ex. com pouca rotulagem de ações ou objetos, e nenhuma explicação das ações realizadas). Os resultados encontrados demonstraram que as crianças da condição narrativa completa recordaram bem mais o evento, tanto verbalmente quanto nas ações, do que as crianças da condição narrativa vazia. Nas ações as crianças foram capazes de conversar com elas mesmas durante a atividade a partir da perspectiva de um adulto, ou seja, controlar elas mesmas de fora para dentro com o discurso modelado como uma narrativa.

Assim, as pesquisas sobre o desenvolvimento da memória em crianças indicam que a recordação é possível por causa de algum tipo de sugestão social, ou seja, as habilidades mnemônicas dependem de ferramentas culturais como, a linguagem e a narrativa. Como Vigotski descreveu, essas ferramentas encontradas no plano interpessoal são somente mais tarde integradas as atividades intra-psicológicas: primeiro os adultos fazem perguntas e sugestões as crianças para estimular as suas recordações e fornecem uma estrutura narrativa convencional para organizar as experiências de modo que possa ser comunicado (cf. Halbwachs “social frameworks”); futuramente as crianças utilizam os mesmos tipos de questionamento e estruturas narrativas para estimular sua própria recordação e organizar suas experiências.

Porém, nem tudo que é encontrado no plano interpessoal é internalizado, somente aqueles que apresentam um problema de tensão, ou seja, a internalização só acontece quando surge uma tensão e esta tensão precisa estar presente novamente para aparecer no plano intra-psicológico. As evidências da importância dessa tensão na internalização são encontradas no trabalho de Ziegarnik (1967), as tarefas incompletas (quando a tensão permanece) são melhores recordadas

que tarefas concluídas. Segundo Wagoner (in press), tensão é uma palavra de vários significados que faz emergir um número de variáveis como: “atenção”, “intenção” e “disputa”. Todas essas palavras expressam um sentido geral de estar sendo puxado na direção oposta, nesse caso o empurrão vem dos outros sociais. Por exemplo, na atenção meu olhar é puxado para algo indicado pelo outro.

O conceito de “tensão” relaciona a “lei genética do desenvolvimento cultural” de Vigotski (de fora para dentro) diretamente com a teorização da narrativa: para que a narrativa se forme é necessário uma tensão ou problema. Um script canônico como descrito por Shank e Abelson (1977), como uma série de expectativas envolvidas no evento de ir a um restaurante, não constitui uma narrativa. Tais eventos são “sem interesse” para a história (Bruner, 1991). Mas se neste mesmo exemplo, o garçom trazer um gato cozinhado como “especial do chefe” no prato, isso proveria a violação necessária das expectativas normativas para a construção da narrativa. Narrativa é um reflexo do “effort after the meaning” (Bartlett, 1932) em situações de incertezas e ambiguidades, é uma tentativa de trazer o inesperado a um quadro social familiar.

Bruner (1990, 2002) tem argumentado que a narrativa é o primeiro meio pelo qual a experiência é representada, lembrada e compartilhada com os outros. Narrativa é a tentativa de unificar experiência numa forma linear de maneira que os eventos ficam interligados numa sequência de causalidade, assim cada evento recebe seu sentido dentro da relação que estabelece com o outro (cf. “effort after meaning” – Bartlett, 1932). A narrativa, contar histórias e re-significar os eventos pessoais vividos, faz parte de nossas práticas culturais como uma das formas de lembrarmos o passado (Bruner, 1991; Braga, 2002). Desta maneira a constituição da memória se dá em termos da narrativa. A narrativa por suas características de sequencialidade e transformação constitui a forma típica de “esquematização” da memória. “[...] nós organizamos nossa experiência e nossa memória dos acontecimentos humanos principalmente em forma de narrativa – histórias, desculpas, mitos, razões para fazer e não fazer e assim por diante” (Bruner, 1991, p.4).

Wang e Brockmeier (2002) consideram a Memória Autobiográfica como uma construção ativa incorporada numa rede social de diálogos que são negociados não somente entre um indivíduo e seu ambiente social imediato, mas também entre o indivíduo e seu contexto cultural mais amplo. Bosi (1994) inspirada pelos estudos de Halbwachs, Bartlett e Bergson (sobre memória), de Beauvoir (sobre a condição dos velhos) e de Benjamin (sobre o narrador) entretece os fios do lembrar e narrar. Dentro das narrações de lembranças de pessoas idosas, a autora

percebe o quanto elas estão relacionadas aos grupos sociais e a sua inserção numa memória histórica. Bosi reflete sobre a narração de lembranças como uma importante função social do velho na sociedade e sobre o seu decaimento nos dias atuais.

A partir das considerações acima apresentadas, construímos a nossa abordagem de memória autobiográfica dentro das práticas sociais; na teia do discurso; dentro de uma esquematização de organização dos eventos pessoais vividos; optando-se por considerar nesse estudo as recordações autobiográficas em termos de construções narrativas.

A memória de uma pessoa idosa, pelo menos de um idoso saudável, possui um rastro mais definido em relação a uma pessoa mais jovem. As pessoas idosas já possuem uma história social bem desenvolvida, já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, eles já viveram quadros de referência familiar e cultural. Por esse motivo os estudos sobre a memória autobiográfica em idosos saudáveis tornam-se importantes pela riqueza de experiências vividas. Porém vale ressaltar que mesmo os idosos saudáveis estão sujeitos a modificações do funcionamento da memória autobiográfica, tema este que será abordado no próximo item.

2.3 Definição do idoso e principais modificações da memória autobiográfica na velhice “normal”

No Brasil, para fins de levantamentos demográficos, considera-se para o estabelecimento do grupo etário de “idoso” o corte definido pela OMS (Organização Mundial da Saúde), para os países subdesenvolvidos ou em via de desenvolvimento, isto é, indivíduos a partir de 60 anos. Assim, quando se faz referência ao velho em contexto brasileiro, incluem-se aquelas pessoas que atingiram essa idade, porém não se pode e nem se deve esquecer que a velhice possui diversas faces, sobretudo numa sociedade como a brasileira marcada pela desigualdade social, onde há uma exorbitante concentração de renda e conseqüentemente um alto índice de pobreza.

As pesquisas indicam que as mudanças decorrentes do envelhecimento não são homogêneas na população e que, além disso, a idade cronológica é apenas um indicador do processo, não podendo ser considerada como variável causal de efeito uniforme. As pesquisas sobre o envelhecimento têm interesse sobre fenômenos tais como a autonomia, a qualidade de vida, as capacidades mentais e a produtividade, em relação a variáveis associadas ao estilo de vida, à personalidade, à saúde física, à renda e à escolaridade, entre outras. As investigações também avaliam a extensão em que fatores sócio-demográficos, ambientais, psicossociais e biopsicológicos estão associados às alterações anatômicas, fisiológicas e comportamentais observadas com o passar da idade. Embora os estudos sobre as alterações associadas à idade estejam intimamente baseados em concepções biológicas sobre crescimento e declínio, os processos de mudança que se dão com o desenvolvimento e com o envelhecimento não determinam necessariamente doenças graves, incapacidade física, deterioração mental, isolamento social e problemas psiquiátricos (Birren e Schroots, 1996).

Existe um longo debate por diversos autores com relação à dialética do normal e patológico. G. Canguilhem (1966) se refere a estudos feitos anteriormente por outros autores como A. Comte (1842) que se apóia no princípio de Broussais apresentando a doença como um excesso ou defeito com relação ao estado “normal”; Cl. Bernard (1865), para quem todas as doenças não seriam mais do que uma expressão problemática de uma função “normal”; Leriche (1953) para quem não existe um limiar previsível entre fisiológico e patológico, a saúde podendo ser resumida ao estado de silêncio dos órgãos; finalmente Jackson, para quem a doença é constituída por uma privação e remanejamento ligados a uma dissolução e uma regressão.

Assim, G. Canguilhem define a doença como uma redução das margens de tolerância com relação às mudanças do meio.

Para G. Canguilhem “normalidade” seria um sinônimo de “adaptação”, o que lhe permitiu considerar como permanente no limite do “normal” certos estados conhecidos como “patológicos” que podem expressar uma relação de “normatividade” à vida do sujeito. Nesse sentido, em 1951, Canguilhem estende ao campo da nosologia psíquica as suas reflexões sobre a norma, a saúde e a doença. De fato, para o filósofo francês, a saúde mental também se caracteriza pela potência normativa, compreendida, nesse caso, como o uso da liberdade individual enquanto poder de revisão e criação de novas normas. Em outras palavras, a saúde mental é certa capacidade de superar crises psíquicas para instaurar uma nova ordem mental.

Ao definir as características de velhice normal, Papaléo Netto e Ponte, argumentando sobre as fases pelas quais passa o organismo humano ao longo da vida, ou seja, a puberdade, maturidade e envelhecimento, deixam claro que facilmente se identificam as transições de uma fase para a outra. Entretanto, os autores comentam sobre a dificuldade de definição quanto às etapas do próprio período de envelhecimento, visto que este é marcado por declínios funcionais que, geralmente, começam de forma quase imperceptível na segunda década de vida (Papaleo Neto; Pontes, 1996). Tais declínios, caracterizados através dos déficits, são entendidos como "deterioração ou incapacidade da função neurológica: perda da fala, perda da linguagem, perda da memória, perda da visão, perda da destreza, perda da identidade e inúmeras outras deficiências e perda das funções (ou faculdades) específicas" (Sacks, 1997).

Partindo dos pressupostos de Canguilhem, os declínios poderiam ser considerados anomalias a que qualquer ser humano está sujeito. A anormalidade, por sua vez, estaria relacionada à forma como o próprio indivíduo se enquadra diante desta situação. Portanto, a capacidade de adaptar-se a uma nova condição de vida, mesmo com anomalias, faz com que o envelhecimento não se constitua como processo anormal. "O homem normal é o homem normativo, o ser capaz de instruir novas normas (...)". Essas normas são construídas ao longo do curso de vida, prioritariamente desde a primeira infância, no desenvolvimento de uma personalidade saudável, fazendo com que o indivíduo seja capaz de aprender a conviver com situações diversas (Canguilhem, 1995).

As ciências do envelhecimento não têm uma explicação nem simples e nem única a respeito da velhice, muito menos do que seria uma velhice completamente “normal”, mas sem dúvida existe considerável soma de conhecimentos sobre elementos que aumentam a

probabilidade dos anseios humanos: viver muito e bem. Um conhecimento amplamente disseminado é de que a velhice é a última etapa do ciclo vital, caracterizada por declínio em funções biológicas, em resiliência, em plasticidade e aumento da dependência aos recursos da cultura. Sabe-se também que esse declínio não é universal para todos os domínios do organismo, que ocorre em diferentes ritmos para diferentes pessoas e grupos. Principalmente, admite-se com base em dados empíricos, que a velhice preserva a possibilidade de ganhos evolutivos em domínios selecionados do funcionamento. Entre eles avulta domínio afetivo, que, em larga medida, pode atuar na compensação bem sucedida de limitações cognitivas decorrentes das alterações na velocidade do processamento da informação. Outra informação relevante derivada da pesquisa sobre o envelhecimento é que existem numerosos padrões de velhice.

Falar em padrões de velhice e em qualidade de vida na velhice remete à necessidade de comparação, ou seja, de definição de critérios para estabelecer o que é normal ou esperado, o que é tido como excepcional e o que é patológico. Esse é um grande desafio para as disciplinas do envelhecimento, que tem se dedicado a definir o que é velhice normal, bem sucedida e o que é patológico.

De acordo com Neri (2004) os parâmetros mais aceitos sobre o que define uma velhice bem sucedida, e que, em contraste, são utilizados para definir velhice normal e patológica são: ausência de doenças físicas e mentais crônicas e de incapacidade funcional que comprometam o funcionamento em níveis esperados para pessoas adultas numa dada sociedade; ausência de fatores de risco, tais como hipertensão, tabagismo e obesidade; manutenção do funcionamento físico e mental e engajamento ativo com o contexto sócio-cultural circunjacente.

Na velhice normal (Neri, 2004), ocorrem as mudanças típicas do envelhecimento humano, que são determinadas para a espécie e não são patológicas. Pode envolver doenças somáticas crônicas, porém suficientemente controladas, de modo a não causar impacto negativo sobre a qualidade de vida objetiva e subjetiva e nem causar impedimentos à funcionalidade física, mental, psicológica e social. Corresponde a uma velhice com mínima interrupção das funções usuais. Outra possibilidade de viver uma velhice normal é descrita em termos de poder viver bem a velhice. Consiste em obter os melhores resultados das capacidades que se têm. Por não dar exclusiva ênfase à saúde, esta definição envolve um critério atingível por um maior número de idosos e, dessa forma, é vantajosamente assumida como critério para a definição de velhice bem-sucedida.

Quando ocorrem impedimentos à funcionalidade, aumenta a vulnerabilidade e a possibilidade de adaptação fica comprometida, fala-se em velhice patológica (Neri, 2004). Ela seria uma condição que, tanto quanto a saúde varia ao longo de um contínuo. Velhice patológica é compatível com o conceito de fragilidade e decorre da interação entre causas genéticas e ambientais. A fragilidade é indicada pelo aparecimento ou pelo agravamento de doenças crônicas e incapacitantes que acompanharam o envelhecimento do indivíduo, ou pelo início e curso de doenças irreversíveis típicas da velhice. É fundamentalmente associada a eventos biológicos, mas covaria com eventos sócioestruturais, ecológicos e psicossociais, que podem contribuir para o seu agravamento mais rápido ou para o seu abrandamento. Relaciona-se com queda de bem-estar subjetivo e com perda de independência e de autonomia.

Cabe ressaltar que mesmo na presença de doenças e agravos afetivos e sociais o idoso pode viver bem a sua velhice, com as condições que tem desde que seja capaz de acionar recursos pessoais, entre os quais têm realce as estratégias de enfrentamento, as crenças de auto-eficácia e de controle e as estratégias de seleção, otimização e compensação. À cultura, que cada vez mais vem propiciando um envelhecimento saudável.

Para Baltes (1994), a teoria e a pesquisa instituem que a arquitetura neurofisiológica do cérebro, que é resultado da evolução da espécie, declina com o envelhecimento, pois ela é influenciada por fatores biológicos, genéticos e de saúde. Porém, as informações provenientes da cultura, como todos os conhecimentos a respeito do mundo e das ações humanas, que são adquiridos pelo processo de socialização do indivíduo (ex: a linguagem - leitura e escrita, qualificações educacionais, habilidades profissionais, etc.) por sua vez, além de não apresentar necessariamente declínios, pode manifestar progressos, desde que haja condições culturais favoráveis.

Existe um mito forte segundo o qual, na velhice, qualquer esquecimento está ligado à idade e é patológico. Fala-se mesmo que os idosos são “esclerosados”, uma alusão à seus esquecimentos e às suas confusões mentais, boa parte dos quais são muito parecidos com os que ocorrem com os mais jovens, mas que são superdimensionados quando se trata de idosos, justamente por causa do preconceito. Na verdade, o envelhecimento normal e o patológico são fenômenos que comportam gradação. As alterações normais e patológicas de memória variam muito de indivíduo para indivíduo, em função de diferentes combinações de fatores tais como saúde, estilo de vida, alimentação, atividade físicas, hábitos intelectuais, atividade, motivação e personalidade.

Algumas pesquisas (Piolino, Desgranges, Benali e Eustache, 2002) demonstram que com o avanço da idade a memória autobiográfica é afetada com uma diminuição na sua especificidade e detalhes (eventos específicos localizados no tempo e no espaço). Mas ela é compensada por um aumento em memórias genéricas do evento (conhecimentos gerais do passado). Outros estudos de laboratório demonstraram que envelhecer afeta o sistema de memória em maneiras diferentes. A memória episódica, que para alguns autores se refere à memória autobiográfica, formada pelo registro dos eventos contextualizados no tempo e no espaço e com si próprio como um participante no episódio, é o sistema de memória mais severamente afetado pelo envelhecimento (Craik, 2000; Moscovitch & Winocur, 1992; Nyberg et al., 2003; Nyberg e Tulving, 1996).

Poucos estudos investigaram os efeitos da idade nos dois subcomponentes da memória autobiográfica. A maioria das pesquisas em adultos mais velhos se baseia sobre a quantidade de lembranças recordadas com recordação livre ou a técnica da palavra-estímulo “cue-word” e raramente, na qualidade das memórias (Cohen, 1998; Piolino, 2003; Piolino, Desgranges, & Eustache, 2000). Piolino, Desgranges, Benali, e Eustache (2002) aplicaram um questionário autobiográfico que avaliou a habilidade de cada participante de recordar a informação geral (componente semântico) e os detalhes dos eventos específicos situados em tempo e em espaço (componente episódico) entre seis e nove períodos da vida. Aplicando-se este questionário aos participantes com idade entre 40-79 anos. Piolino e outros (2002) mostram que a memória autobiográfica diminui com a idade e com o passar do tempo. Os resultados demonstram que com o avanço da idade os componentes que constituem a memória autobiográfica episódica (especificidade e os detalhes), são afetados sem considerar o tempo decorrido, mas são compensados por um aumento em memórias semânticas (memória genérica dos eventos). Estes resultados estão de acordo com os dados obtidos por Levine, Svoboda, Hay, Winocur, e Moscovitch (2002), mostrando que os adultos mais velhos em relação aos mais jovens recordaram poucos detalhes da memória autobiográfica episódica (acontecimentos, posições, percepções, e pensamentos) e sim mais detalhes semânticos. Todos estes estudos descobriram que a memória autobiográfica episódica deteriorou-se mais com avanço da idade do que fez a memória semântica pessoal não importando os intervalos de tempo que foram testados.

Diante dos dados apresentados nos estudos relatados acima, a memória autobiográfica do idoso nos faz pensar no fenômeno conhecido como: supergeneralização. A supergeneralização refere-se a uma tendência a recuperar memórias autobiográficas supergeneralizadas (MAS), as

quais podem ser definidas como lembranças genéricas, inespecíficas e difusas que o indivíduo possui sobre sua história de vida. (Williams, 1992). Em outras palavras, as MAS estão relacionadas à dificuldade para recuperar lembranças autobiográficas específicas (Healy & Williams, 1999). No intuito de favorecer o estudo da memória autobiográfica no Brasil e, mais especificamente do fenômeno da supergeneralização, Pergher (2005) realizou a adaptação do teste de memória autobiográfica (TMA) (Williams & Broadbent, 1986).

Diante destes estudos que demonstram que a memória autobiográfica diminui com a idade e com o passar do tempo. Esperamos encontrar nas narrativas dos idosos diversas memórias que não estão claras, ou seja, alguns momentos de ruptura, que requer um ato deliberado de construção para repará-la (que precisam de uma maior elaboração). Chamaremos estes instantes de momentos de incerteza, ambiguidade e/ou lacunas da recordação do idoso. Quando isso acontece, segundo Bartlett (1932) eu normalmente paro e começo a consultar minhas convenções culturais para restabelecer o que deve ou deveria estar preenchendo estes espaços em branco. Meu interlocutor também afeta este processo, por estar trabalhando harmonicamente comigo (ex. completando minhas frases incompletas) ou alternativamente expressando dúvidas ou contestando minhas recordações (sinalizadas por “não” ou “mas”), no qual co-construções e argumentação se inicia. O processo de construção (ex: reparando uma ruptura da recordação em baixo nível) é o nosso interesse primário nesta pesquisa. Especificamente nos queremos saber como os idosos superam estes momentos de dificuldades da recordação e como eles continuam a construir uma história coerente face às incertezas, ambiguidades e/ou lacunas.

3. O PRESENTE ESTUDO

3.1 Objetivo geral e específicos

O presente estudo terá como foco as recordações autobiográficas a partir de construções narrativas em idosos hígidos ou saudáveis. Tais recordações são consideradas como reconstruções autobiográficas “esquemáticas” (Bartlett, 1932), podendo ser facilitadas por outra pessoa como objeto de mediação (memória mediada), para superar obstáculos como momentos de incerteza, ambiguidade e lacunas de esquecimento (Vygotsky, 1978).

Dessa forma esse estudo tem como objetivo geral estudar narrativas autobiográficas de idosos hígidos ou saudáveis explorando o papel do outro nessa recordação.

Os objetivos específicos são:

- (a) Identificar como os idosos superam os momentos de incertezas, ambiguidade e/ou lacunares da recordação do evento autobiográfico. Ou seja, identificar possíveis estratégias de mediação que surgem na tarefa conversacional do idoso nas duas situações de recordação: (1) na ausência do outro (descendente – filho ou filha); (2) na presença de um descendente (filho ou filha).
- (b) Comparar os dois tipos de situações de recordação: (1) na ausência do outro (descendente – filho ou filha); (2) na presença do outro (descendente – filho ou filha) procurando explorar: a qualidade e transformações das recordações efetuadas.

3.2 A abordagem de estudo de múltiplos casos: contribuições para o estudo das recordações dos idosos.

Durante mais da metade do século, a psicologia tem sido dominada pelos métodos de pesquisas onde o foco principal de seu estudo é a consideração do grupo como um todo, e não como indivíduos dentro de um grupo. Segundo Toomela (2010), isto estaria errado pelo simples fato de não corresponder ao alvo de estudo da psicologia. Para Toomela (2010) três características básicas da mente tornam a tarefa da psicologia difícil a ser concretizada. Primeiro, a mente não é diretamente observável, assim a compreensão da mente só pode ser desenvolvida com base nas inferências de comportamentos manifestos. O que seria simples se existisse uma relação direta entre comportamentos manifestos e processos mentais. Segundo, outra característica da mente é que comportamentos externos similares podem se apoiar em diferentes processos psíquicos diretamente não observáveis e comportamentos externos diferentes podem se apoiar no mesmo processo psíquico. Por último, a mente é holística, e é determinada pela interação de fatores múltiplos, no qual cada um só pode ser compreendido na sua relação com os outros e com a mente na sua totalidade.

Diante deste panorama, a mente é um fenômeno individual, que não pertence a um grupo, o que torna difícil considerar plausíveis estudos da mente do indivíduo baseados em estudos de grupos de indivíduos, e não de indivíduos que fazem parte de um grupo.

O estudo de caso é definido, usualmente pela psicologia, como sendo um indivíduo em um determinado tempo e determinado ambiente. O que não deixa de ser um problema pelo fato de que o mesmo indivíduo muda com o tempo e de acordo com o ambiente. Neste sentido, o estudo de um mesmo indivíduo em momentos diferentes corresponde a um fenômeno de grupo, e não mais a um caso único de qualidades idênticas no passar do tempo. Sendo assim, segundo Toomela (2010), devemos considerar que em estudos de casos, a característica do “caso” individual ou único não pode ser compreendida, uma serie de casos devem ser estudados para se compreender o fenômeno “todas as coisas, eventos e fenômenos são caracterizados com propriedades únicas para eles, e ao mesmo tempo com propriedades que são compartilhadas com outras coisas, eventos ou fenômenos”⁷ (Toomela 2010, p.19 – tradução nossa).

⁷ All things, events and phenomena are characterized by properties unique to them simultaneously with the propeties that are shared with some other things, events or phenomena.

Toomela (2010) segue explicando, que a incompreensão de um único caso também pode ser expressa de outra forma: existe uma possibilidade que o mesmo comportamento observado se apóia, nos diferentes mecanismos escondidos, o que torna novamente insuficiente o estudo de um único caso. Além disso, Toomela (2010) propõe que precisamos formular teorias, baseadas em casos previamente observados, capazes de identificar que processo particular pode estar operando em um caso particular. Conhecimentos futuros são necessários para estabelecer critérios que possam distinguir que processo particular, de um grupo de processos possíveis, estava sendo realizado no caso observado. Finalmente, de modo a compreender determinados processos múltiplos, cada determinante deve ser distinguido e compreendido. Para isso, estudos experimentais são necessários, e como experimentos são sempre baseados em comparações de casos, mais uma vez, se faz necessário o estudo de múltiplos casos.

Vale ressaltar mais uma vez que, um caso único de estudo, e elementos individuais deste caso único, não podem ser compreendidos devido à complexidade do processo envolvido, assim como da complexidade da teoria em construção. Todas as informações relevantes precisam ser explicadas por uma teoria de modo a compreender o processo. Para se obter esta informação, múltiplos casos precisam ser estudados, e esses múltiplos casos podem ser significativamente relacionados somente se compartilham os mesmos atributos, ou seja, através de características comuns gerais.

Por ultimo, a compreensão de um caso é limitada para generalização do conhecimento. Para compreender o caso, precisamos saber que processo pode ser responsável pelas observações particulares do evento. Assim a observação de múltiplos casos se faz necessária, pois todas as observações podem ser descritas com um potencial ilimitado de diferentes modos. Um modo teórico justificado para a criação de generalizações não seria através de uma argumentação sem fim de números de observações, mas através do teste de explicações teóricas com predições qualitativas em diversas montagens qualitativas.

Assim, longe de uma generalização estatística (uma inferência feita sobre uma população tendo como base os dados empíricos coletados de uma determinada amostra), nos aproximamos de uma generalização analítica, onde os dados empíricos serão utilizados para dar suporte a uma produção teórica feita previamente sobre determinado fenômeno (Yin, 2005). Então no estudo de múltiplos casos, os resultados obtidos em cada caso estudado servirão para oferecer sustentação às proposições feitas anteriormente. Essa sustentação pode apresentar detalhes sobre o fenômeno que talvez nem tenham sido previstos nas proposições teóricas, mas que ao realizar o estudo de

caso foram observados. Desta forma, cada caso além de se apresentar como argumento empírico para as proposições teóricas feitas em determinada investigação pode apresentar indícios que conduzam o investigador a reformular suas propostas (Stake, 1995).

Um posicionamento semelhante sobre o tipo de generalização possível a partir do estudo de caso é discutido por Valsiner (1997) ao pontuar que com a utilização deste método o que se pretende é construir um modelo sobre o funcionamento de determinado fenômeno, a partir dos aspectos em comum que cada caso apresenta. Além disso, Valsiner (2010), seguindo uma tendência atual, no âmbito da Psicologia, faz uma proposta sobre os estudos ideográficos como sendo um reconhecimento da dinâmica e da natureza sistêmica dos objetos psicológicos de estudo, assim sendo o reconhecimento de estarmos sempre em face de um novo e único evento. Porém, este reconhecimento não quer dizer uma renúncia a generalização, que se encontra no centro do conhecimento científico, mas requer uma diminuição a prioridade exclusiva da generalização indutiva em favor do modelo de generalização abdutiva. Segundo Valsiner (2010), esta unicidade dos fenômenos psicológicos, torna inviável que a ciência se apoie exclusivamente na generalização indutiva (acumulação de evidências empíricas). Por último, tal autor, conclui que estudos ideográficos imperativamente deslocam as pesquisas de uma lógica de confirmação para uma lógica de construção do conhecimento.

Nosso estudo enfatiza a importância de F. C. Bartlett e L. Vygotsky nos estudos psicológicos da recordação. Ambos reconheceram o importante papel do significado e da imaginação neste processo. As ideias de ambos podem ser colocadas juntas com a metáfora da “construção”. Utilizando esta metáfora podemos dizer que a recordação é uma construção significativa em referência ao passado. Ambos pensadores também perceberam que esta nova concepção da memória requer a inovação de métodos de estudo. Uma análise puramente quantitativa é inapropriada para o estudo do significado (Michell, 2004) e sendo assim qualquer tentativa recente em traduzir as teorias de Bartlett e Vygotsky para uma forma que possa ser testada com métodos estatísticos padronizados estariam testando uma teoria completamente diferente (Danzinger, 1985).

Replicações do método de estudo de reprodução repetida de Bartlett (1932) têm tentado estabelecer relação com métodos quantitativos. Roediger et al. (2000) procurou estudar distorções da memória dividindo a história em 42 unidades e enumerando as reproduções como “verdadeira”, “distorção mínima”, “distorção máxima” e “omissões”. Fazendo assim médias da frequência destes códigos para cada uma das condições temporais (quinze minutos, uma semana,

seis meses). Os resultados demonstraram que em média, com o passar do tempo, a recordação é bem menor e uma grande porcentagem do que é recordado é distorcido. Pelo fato de simplesmente agregar dados estatísticos estes pesquisadores não conseguem chegar a nenhuma conclusão sobre as mudanças naturais. Contrariamente, Bartlett (1932) analisa as transformações qualitativas de estudo de casos que permite explorar as mudanças do conteúdo e significado.

Diante das considerações acima destacadas, a abordagem de estudo de múltiplos casos na nossa pesquisa pode ser concebida como estratégia de estudo do fenômeno da recordação de maneira mais exaustiva, permitindo um conhecimento mais amplo e detalhado do mesmo. Este estudo de múltiplos casos permite abarcar características de eventos do presente, sobre os quais outras pesquisas têm pouco controle. Além disso, o estudo de múltiplos casos parece ser uma opção metodológica pertinente para capturar as transformações qualitativas no processo de mediação “in vivo” da recordação do idoso.

Uma vez que foram apresentadas as opções metodológicas que nortearam a execução do presente trabalho, a seguir serão apresentados os delineamentos acerca dos participantes da pesquisa, o procedimento de coleta de dados e o procedimento de análise dos dados.

3.3 Procedimento

3.3.1 Os Participantes

Participaram da nossa pesquisa 10 pessoas de ambos os sexos (4 do sexo masculino e 6 do sexo feminino), com idades a partir de 60 anos, moradores da cidade do Recife e Região Metropolitana do Recife no estado de Pernambuco. A faixa etária escolhida está apoiada na definição operacional institucional da velhice no Brasil, que estabelece conforme a ONU para países em desenvolvimento, no caso Brasil, 60 anos como início da velhice. Além disso, o estatuto do idoso em vigor no país considera pessoas idosas de idade igual ou superior a 60 anos. (Neri, A. L., 2002).

O critério de seleção dos idosos hígidos ou saudáveis foi feita por uma entrevista semi-estruturada utilizando um questionário de informações sócio-demográficas e da rotina quotidiana do idoso, assim como a utilização Teste MINI-EXAME DO ESTADO MENTAL (MEEM)

Antunes et al. 2005 (Anexo – D pág. 125). O MEEM é uma escala de avaliação cognitiva bastante utilizada na investigação clínica de estados demências em pessoas idosas. É um teste de rápida administração (5 a 10 minutos), amplamente aplicado para triagem de pacientes (integrando baterias neuropsicológicas), assim como em outros participantes em situações de pesquisas (estudos epidemiológicos populacionais). O MEEM é constituído de questões agrupadas em sete categorias, tendo cada uma delas o objetivo de avaliar funções cognitivas específicas. A escala pode variar de no mínimo 0 até o máximo de 30 pontos. O estudo de Almeida (1998) com objetivo de melhor investigar o escore do MEEM em uma amostra de pacientes idosos e o impacto da escolaridade sobre o MEEM, resultou em diagnóstico de demência no grupo sem escolaridade os escores 19/20, enquanto no grupo com escolaridade mantêm o tradicional 23/24 pontos.

A seleção dos 10 idosos participantes foi constituída através de contatos da pesquisadora com sua rede de relações sociais. Estes participantes atenderam ao conjunto de critérios iniciais abaixo explicitados e foram convidados a participar da pesquisa com o devido esclarecimento de seu fim e solicitação formal de aceitação conforme estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (Anexo – A pág.120).

Critérios de inclusão e exclusão

- 1- Escore mínimo de 25/26 pontos no Teste Mini Exame do Estado Mental (MEEM) (Almeida, 2008).
- 2- Faixa etária acima de 60 anos
- 3- Nível de escolaridade de no mínimo superior completo
- 4- Os participantes deveriam ter pelo menos um descendente (filho ou filha) com idade superior a 18 anos.
- 5- Os participantes não são portadores de graves comprometimentos do seu estado de saúde geral (não devem estar internados em hospitais, acamados, ou com capacidade locomotora restrita), ou serem portadores de diagnóstico, produzido por especialistas, de natureza neurológica (afasias, paralisias, doenças de Alzheimer, Parkinson, etc.) ou psiquiátrica.

Os 10 descendentes (filho ou filha) com idade superior a 18 anos, também foram convidados a participar da pesquisa com o devido esclarecimento de seu fim e solicitação formal

de aceitação conforme estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (Anexo B – pág. 121).

3.3.2 Os Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização deste estudo foram os seguintes: a) um questionário semi-estruturado para traçar o perfil dos 10 participantes, no qual foram solicitados dados de identificação pessoal e da sua rotina quotidiana (Anexo – C pág. 122); b) recolher narrativas orais livres sobre um evento específico importante da vida do idoso que envolveu a presença do filho a partir da idade mínima de 10 anos. A escolha de um evento que envolveu o descendente com faixa etária mínima de 10 anos está apoiada no período de amnésia infantil (Nelson, K., 1988; Rideout, 1998; Peterson, 2002, Simcock & Hayne, 2003), e no desenvolvimento completo (com mais informações de orientação e mais detalhes) das narrativas pessoais somente por volta dos 9/10 anos idade (Macedo, L. & Sperb T. M., 2007). O questionário foi desenvolvido pela própria pesquisadora, baseado em outros questionários já desenvolvidos neste contexto de pesquisa e perguntas pertinentes ao objetivo do estudo (Anexo – C pág. 122).

3.3.3 Procedimento de coleta dos dados

Os dados foram coletados, para todos participantes, em suas próprias residências, em **dois encontros de trabalho**, agendados previamente com os idosos, cada encontro teve um intervalo de *uma semana* do primeiro.

O **encontro individual** aconteceu entre a pesquisadora e o idoso. Num primeiro momento da sessão, foi realizada uma entrevista com o questionário semi-estruturado a fim de obter dados sócio-demográficos dos participantes, e também para criar um momento de maior conforto entre o idoso e a pesquisadora permitindo um diálogo mais livre e com menos hesitações possíveis (funcionando como estabelecimento de *rapport*). O preenchimento do questionário foi feito pela própria pesquisadora mediante respostas dos participantes.

Num segundo momento pedimos ao participante para escolher e relatar livremente um acontecimento de sua vida que envolveu a presença de um descendente com a idade mínima de 10 anos. Foi utilizada a pergunta: “Por favor, fale-me sobre um acontecimento importante de sua vida no qual o seu filho ou sua filha tinha pelo menos 10 anos e esteve presente e envolvido neste evento”. Durante todo o relato do idoso nenhuma interrupção foi feita pela pesquisadora. No final do relato foi utilizada a pergunta: “você teria algo mais a acrescentar”. O registro dos dados foi feito por meio de gravação em áudio pela própria pesquisadora.

O **encontro em díade** aconteceu entre o idoso e o seu descendente (filho ou filha) que esteve presente no acontecimento autobiográfico escolhido pelo idoso. Neste encontro pedimos primeiramente ao idoso que informasse ao filho o evento autobiográfico escolhido e que em conjunto e livremente relatassem juntos (idoso e filho) este mesmo evento autobiográfico. Foi utilizada a pergunta: “Por favor, informe ao seu filho qual foi o acontecimento importante de sua vida escolhido para ser contado em conjunto com o seu filho”. Durante todo o relato em díade nenhuma interrupção foi feita pela pesquisadora. No final do relato foi utilizada a pergunta: “você teriam algo mais a acrescentar”. O relato foi registrado por meio de gravação em áudio pela própria pesquisadora.

A ordem de acontecimento do encontro foi contrabalanceada entre os participantes, ou seja, metade participou primeiro do encontro individual e a outra metade participou primeiro do encontro em díade.

3.4 Procedimento da análise dos dados

A pesquisa teve enfoque no estudo da memória autobiográfica como função psicológica cognitiva e social. Considera-se esta função psicológica como um fenômeno que claramente possui aspectos biológicos, mas que também é um fenômeno sócio-cultural (que se estabelece na interação). As recordações autobiográficas são reconstruções narrativas, “esquemáticas” (Bartlett, 1932), podendo ser facilitadas por outra pessoa como objeto de mediação (memória mediada), para superar obstáculos como momentos de incerteza, ambiguidade e/ou lacunas de esquecimento (Vygotsky, 1978). Considerando que o objetivo do presente trabalho é: estudar narrativas autobiográficas de idosos hígidos ou saudáveis explorando o papel do outro nessa

recordação. Foram transcritas integralmente as narrativas dos eventos autobiográfico, dos idosos e de seus descendentes (filho ou filha) nas duas condições (encontro individual e encontro em díade) para uma análise qualitativa e descritiva dos múltiplos estudos de caso. As transcrições integrais das duas condições podem ser encontradas nos anexos do presente trabalho (Anexo – E pág. 127).

Os sinais utilizados na transcrição dos turnos de fala são identificados a seguir.

Sinais utilizados na transcrição

Pausa: [...]

Turnos de Fala: I (Idoso) F (Filho ou Filha)

Comentários contextuais: (Entre parêntese)

Pode-se considerar que os procedimentos de análise ocorreram em quatro etapas. Inicialmente, realizou-se a análise descritiva dos dados do questionário de entrevista dos idosos de forma a traçar os perfis dos idosos que participaram desta pesquisa.

Num segundo momento, o pesquisador voltou-se para uma análise comparativa dos dois encontros (narrativa individual com a narrativa em díade). Esta análise teve como finalidade comparar as narrativas do mesmo evento autobiográfico em termos de: tempo de realização da tarefa, atitudes adotadas na realização da mesma e presença ou não dos mesmos momentos de incerteza, ambiguidades e/ou lacunas da recordação.

A terceira etapa constituiu-se na identificação dos momentos de incerteza, ambiguidades e/ou lacunas nas narrativas individuais dos idosos, com o intuito de identificar as estratégias utilizadas pelos idosos para superar estes momentos de dificuldades. Esta etapa de análise possibilitou ao idoso, uma continuidade na narrativa individual do evento autobiográfico e um detalhamento adicional.

Por fim, a quarta e última etapa de análise foi realizada através da identificação dos diferentes momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação nas narrativas em díades. O objetivo desta etapa foi de identificar a presença de estratégias de mediação fornecida pelo outro (filho ou filha) e utilizada pelo idoso para superar os seus momentos de dificuldades na recordação. Ou seja, esta etapa teve como intuito, estudar o papel do outro na recordação de eventos autobiográficos do idoso e recebeu um maior investimento por constituir o foco principal desta pesquisa.

3.4.1 Análise da mediação das narrativas individuais e em díades:

Segundo Wagoner e Gillespie (in press), as recordações nas tarefas conversacionais se concretizam com momentos de um fluxo sem interrupções dos participantes, de um para o outro, e com momentos de rupturas, que requer um ato deliberado de construção de forma a reparar esta recordação. A figura 1, apresentada abaixo, destaca as diferentes direções que a recordação pode seguir (Wagoner & Gillespie, in press).

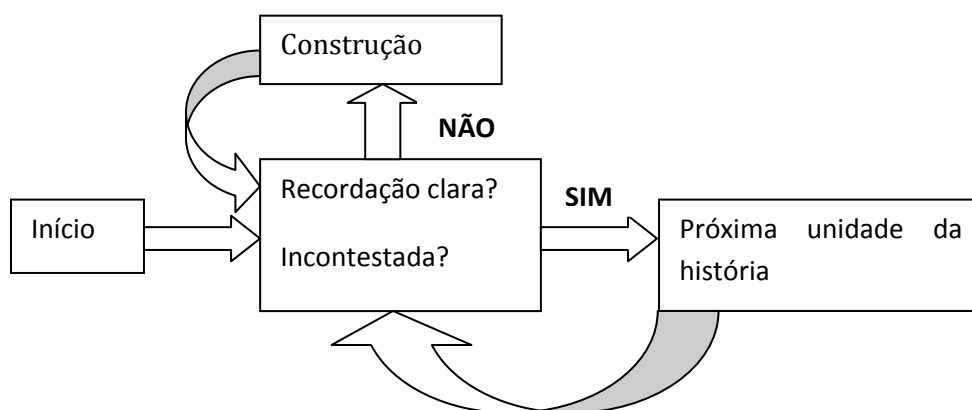


Figura 1 – Processo de construção da recordação (Wagoner & Gillespie, in press).

Na recordação de uma história, por exemplo, cada parte da história pode estar suficientemente clara permitindo que o locutor continue se movendo do começo ao fim sem nenhum esforço – Bartlett (1932) se refere a isto como “low-level remembering”. Porém, é bem mais provável encontrar recordações incertas, ambíguas e/ou lacunares, precisando de uma maior elaboração. Quando este fato acontece nas recordações, os indivíduos provavelmente param e consultam as suas convenções culturais de modo a estabelecer o que pode ou deve estar preenchendo os espaços vazios. Nas recordações em díade, o outro também afetaria este processo, por trabalhar em harmonia com o parceiro (ex: preenchendo os espaços vazios e frases incompletas), ou alternando expressões de dúvidas e contestando a memória do indivíduo (ex: utilizando expressões do tipo “não” ou “mas”), em ambos os casos uma co-construção e argumentação da recordação se inicia. Este processo de construção da recordação (ex: reparação

da ruptura) é o nosso interesse nesse estudo. Especificamente queremos saber como os idosos superam os momentos de incertezas da recordação, ou seja, como eles continuam a construir uma história coerente diante das incertezas, ambiguidades e lacunas da recordação.

Assim nos concentramos, em momentos das narrativas dos idosos em que a memória “natural” (Vygotsky, 1987) diminui e a “cultura” é utilizada para preencher os espaços em branco (Bartlett, 1958). Esta estratégia analítica seria um paralelo ao método de estimulação dupla “double stimulation” de Vigotski, no qual as crianças recebem tarefas que possuem um alvo final, bloqueado parcialmente. Mais recentemente, Valsiner (2003) propôs aos participantes a tarefa de escolha entre “atirar e não atirar” numa série de imagens que aparecem numa tela. Para algumas imagens a decisão é bem direta e requer pequena ou nenhum trabalho de mediação, como: um ladrão (atirar) ou um idoso com uma criança (não atirar). Porém, outras imagens como Hitler ou Agentes KKK, se encontram em posição de competição com requisitos sociais, a sugestão de atirar é bloqueada e regulada pela sugestão de não atirar. Surgem dessa situação mediações complexas. Diferente da tarefa de Valsiner (2003) não conhecemos os momentos exatos em que a ação do sujeito será bloqueada. No nosso estudo o bloqueio se encontra na capacidade mnemônica de cada participante, similar ao experimento de Vygotsky (1987), e não no fato de ter que competir com requisitos sociais. A nossa própria montagem de pesquisa, narrar um evento autobiográfico vivenciado junto com um descendente, a certo intervalo de tempo) nos dá a garantia de que bloqueios devem acontecer em algum momento, exatamente quando e como são superados é que permanece desconhecido.

Assim como Wagoner e Gillespie (in press), utilizaremos este modo de análise para investigar as narrativas autobiográficas de cada idoso (10 idosos), nas duas condições (individual e em díade).

3.4.2 Critérios de identificação de momentos de incerteza, ambiguidade e/ou lacunas nas narrativas autobiográficas:

Os critérios utilizados, pela pesquisadora, para identificação de momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação foram os momentos naturais de ruptura da recordação do idoso, muitas vezes identificados por marcadores relativos a pausas demoradas na narrativa; diminuição repentina do nível de atividade narrativa; autocorreção; repetições do uso de

preposições, verbos, etc. (ex: de... de...; com. com...) e verbalizações sobre a dificuldade (ex: já nem me lembro; acho que...; não me lembro...).

A partir das etapas de análise dos dados apresentadas, foram constituídos os resultados deste trabalho. Assim, focalizaremos a seguir na apresentação dos mesmos buscando dar conta do objetivo principal e específico desta pesquisa. Ou seja, a identificação de possíveis estratégias fornecida pelo outro (filho/filha) e utilizada pelo idoso para superar os momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Análise descritiva do questionário de entrevista dos idosos: caracterização dos idosos como saudáveis

Os dados coletados pelo questionário foram inicialmente categorizados, em termos de características de perfil do idoso.

Todos os idosos entrevistados eram Brasileiros, residentes da região metropolitana do Recife do estado de Pernambuco. Suas idades oscilam entre 60 e 88 anos com uma média de 71,8 anos e mediana de 67 anos, tendo seis dos participantes até 70 anos. Os sujeitos foram predominantemente do sexo feminino (6) contra (4) do sexo masculino.

Em relação ao estado civil oito eram casados e dois viúvos. Os idosos que participaram apresentou quatro com renda de 5 a 8 salários mínimos, quatro com renda de 13 a 16 salários mínimos e dois com 9 a 12 salários mínimos. Quanto à cor ou raça prevaleceu à branca (6), seguida pela parda (3) e preta (1). A religião encontrada nos participantes distribuiu-se entre católica (4), espírita (3), evangélica (3).

No que se refere às características de trabalho a maioria dos participantes eram professores (6), dois eram engenheiros, um era dentista e um era psicólogo. Grande parte eram aposentados (8) e apenas dois ainda exerciam a sua profissão. Nenhum dos entrevistados exercia alguma outra ocupação remunerada.

No que diz respeito às relações sociais dois dos idosos entrevistados moram sós, dois com duas, quatro com três e os demais dois com quatro ou mais pessoas. Alguns itens tais como: quantos dias da semana costumam sair de casa (6 idosos escolheram três a quatro dias), considera-se uma pessoa de muitos amigos (a maioria sim, 7 idosos), com que frequência vê televisão (a grande maioria diariamente, 8 idosos), com que frequência costuma ler jornal, revista ou livro (5 idosos diariamente, 3 idosos frequentemente, 2 idosos raramente) e com que frequência sai de casa para um lazer (4 idosos frequentemente, 4 idosos raramente e 2 idosos nunca).

No que se refere às características de saúde os idosos entrevistados mencionaram ter pelo menos uma doença ou condição crônica. Destes, seis relataram ter hipertensão, seguidos de

problema de coluna e artrose com dois idosos, diabetes, osteoporose e colesterol com dois idosos. Porém, os idosos em sua grande maioria consideram sua saúde como boa ou muito boa (7 idosos). Outro indicador da condição de saúde se referiu ao fato de ter deixado de realizar atividades rotineiras por problemas de saúde nas ultimas duas semanas, mas todos os participantes disseram que não. No entanto, seis idosos dizem ter dificuldades de memória, sendo esta frequentemente ou muito frequentemente para quatro idosos com queixa e raramente ou muito raramente para seis idosos. Destes, o costume mais citado para relembrar em situações de dificuldade foi retraçar os passos (7 idosos), pedir ajudar para outra pessoa (2 idosos) e pensar um pouco mais (1 idosos). Além disso, seis idosos disseram praticar alguma atividade física, a atividade mais citada foi caminhada (8 idosos) e hidroginástica (2 idosos).

Por ultimo, o desempenho dos idosos no MEEM foi de: 30 pontos (escore máximo) para dois idosos, escore de 29 pontos para quatro idosos e escore de 28 pontos para quatro idosos. Resultados estes, que são bem superiores aos resultados encontrados por Almeida (1998) para o grupo, com escolaridade, diagnosticado com demência (23/24 pontos).

4.2 Análise comparativa das narrativas individuais com as narrativas em díades

O presente estudo demonstrou que os participantes apresentaram diferentes modos de abordar a tarefa de relatar o evento autobiográfico segundo o tipo de condição. Todos os participantes da condição individual relataram o evento de forma breve (média de 3 minutos) e com seriedade, mesmo não tendo nenhuma restrição com relação ao tempo. Os participantes apresentaram uma postura de avaliação e menos descontraída.

Os participantes do encontro em díade relataram o evento de forma mais casual e bem mais demorada (média de 12 minutos). Os participantes riam diversas vezes durante o relato e muitos defendiam com entusiasmo algo recordado. A tarefa de relatar um evento autobiográfico pareceu perfeitamente comum para os participantes nesta situação, ou seja, não houve nenhuma confusão com relação ao cumprimento da tarefa, muito pelo contrario os participantes aparentavam descontraídos uma vez que começaram a relatar o evento.

Na comparação de momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas que estavam presentes em ambas as condições, encontramos nas narrativas individuais momentos de dificuldades da recordação do idoso que não foram superadas. Porém, observando as narrativas em díades (Idoso + Filho) foi possível identificar que os mesmos momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas tinham sido superados nesta condição. Destacamos abaixo alguns exemplos da presença de momentos de incerteza, ambiguidades e/ou lacunas das narrativas individuais do idoso, seguidos da superação do mesmo momento na condição em díade.

Exemplo 1:

NARRATIVA INDIVIDUAL

Ai depois teve no teatro do[...] Acho que não sei se foi do Parque ou Waldemar de Oliveira, eu levei ela e ai ela foi dançar, acho que foi no teatro Santa Izabel[...]

Eu acho que foi no teatro[...] Eu acho foi no teatro Santa Izabel. Foi o Santa Izabel ou foi o Centro de Convenções[...](Idoso 1 – Áudio 1.1)

NARRATIVA IDOSO + FILHO

F- O balé! Em que tinha o palco que abaixava e subia.

I – é o balé, ai um belo dia ia ter, vocês ensaiavam muito, agora que eu lembro qual foi o teatro. No teatro a [...] Centro de Convenções você aparecendo com o palco subindo. (Idoso 1 – Áudio 1.2)

Neste exemplo, observamos que a narrativa individual do idoso apresenta vários momentos de dificuldades na recordação do teatro em que aconteceu a apresentação de sua filha. Porém, este mesmo momento de incerteza, ambiguidade e/ou lacuna é superado na condição em díade permitindo ao idoso uma recordação mais plena e em detalhes do evento.

Exemplo 2:

NARRATIVA INDIVIDUAL

Só que na hora que a gente ia entrar no banco, o povo fazia aquela muniça na frente na hora de abrir, foi até ai no[...] no[...] no banco[...]Ai não lembro. (Idoso 5 – Áudio 5.1)

NARRATIVA IDOSO + FILHO

F- o dia em que você se machucou aqui nesse banco perto da reitoria, do girador?

I- é, eu tenho a imagem do carro girando e entrando no Banco do Brasil da reitoria. (Idoso 5 – Áudio 5.2)

Neste exemplo, também observamos um momento de dificuldade na narrativa individual do idoso para recordar em qual banco tinha acontecido tal evento. Porém na narrativa em díade o idoso supera este momento, relatando sem nenhuma dificuldade o nome do banco a partir da “deixa” fornecida pelo filho. Permitindo, mais uma vez, uma recordação plena e em detalhes do idoso.

Este mesmo resultado também foi observado para a segunda metade dos idosos que participaram primeiro do encontro em díade, o que demonstra que este resultado não foi uma consequência do fato de ter que recordar duas vezes o mesmo evento. Momentos de incerteza, ambiguidades e/ou lacunas foram encontrados no primeiro relato das narrativas em díades, mas foram superados junto com o outro. Por outro lado nas narrativas individuais do segundo relato do mesmo evento, encontramos as mesmas dificuldades na recordação que permaneceram não resolvidas na ausência do outro. Destacamos abaixo alguns exemplos da presença de momentos de incerteza, ambiguidades e/ou lacunas das narrativas em díades e da sua superação, seguidos da não resolução do mesmo momento na condição individual.

Exemplo 1:

NARRATIVA IDOSO + FILHO

I- Teve muitos preparativos até este dia chegar, toda vez tinha algo para pagar à mais, foi muito gasto minha filha. A grande festa foi em apipucos no[...]no[...]no salão[...]

F- o que fica logo no começo de Apipucos, Pai! Depois do viaduto, com o muro na cor clara.

I- Estou vendo onde fica este salão[...]é[...] bem conhecido é o Arcadia. Era bem espaçoso este salão pois eu me lembro da visão de ter muita gente. (Idoso 8 – Áudio 8.2)

NARRATIVA INDIVIDUAL

A formatura da minha filha foi muito bonita. Foi[...] foi um dia muito alegre, com vários amigos e parentes. Teve uma grande festa aqui perto[...] foi num casa de festa bem grande era [...] era[...] aqui pertinho[...] (Idoso 8 – Áudio 8.1)

Neste exemplo, podemos destacar que no primeiro relato o idoso apresenta um momento de dificuldade na recordação do salão de festas em que ocorreu a formatura de sua filha. Porém esta lacuna é superada neste mesmo relato junto com a filha. O idoso consegue recordar o nome do salão obtendo uma recordação com mais detalhes da festa de formatura. Porém, este mesmo momento de lacuna sobre o nome do salão de festa reaparece na narrativa individual do mesmo evento, mas desta vez sem o preenchimento da mesma lacuna.

Exemplo2:

NARRATIVA IDOSO + FILHO

I- Fizemos uma viagem pela Europa ano passado. Passamos primeiramente pela[...] pela[...] França. Ficamos num hotel[...] um hotel[...] era perto[...] perto do[...]

F- do Sacré-Coeur, ele era simples mas bem perto da saída do metrô.

I- é[...] Estou vendo agora aquela estação de metrô de Pigale, que ficava bem pertinho, era[...] é[...] o hotel Mercure de Pigale. Ele era simples, mas com um ótimo café da manhã e perto do metrô. Então aproveitamos bastante. (Idoso 8 – Áudio 8.2)

NARRATIVA INDIVIDUAL

Mas Paris foi realmente Maravilhoso, é um espetáculo de beleza. Ficamos num hotel bem pequeno era o [...], lá no[...] no[...]no quartier mais bagunçado de Paris. (Idoso 8 – Áudio 8.1)

Neste exemplo, também observamos que o idoso apresenta um momento de dificuldade na recordação do nome do hotel em que ficou quando viajou com sua filha. Porém o nome do hotel é logo lembrado na condição de narrar junto com o outro. Porém esta mesma dificuldade

em recordar o nome do hotel, reaparece quando o idoso narra o mesmo evento autobiográfico na condição individual, mas nenhum detalhamento sobre o nome do hotel é fornecido pelo idoso.

Estes resultados apóiam a idéia de que a recordação é uma diferente “reconstrução” para cada momento, e não simplesmente uma repetição de fatos. Ou seja, a memória também é social em diversas maneiras. O fato de observarmos diferentes narrativas do idoso, para cada condição, pode ser devido à ativação de outros “esquemas” encontrados em diferentes quadros sociais (Bartlett, 1932). Neste estudo, o contexto social exerce uma influência na recordação do idoso. Narrar o mesmo evento autobiográfico junto com o filho é um novo quadro social, que possui identidade particular com objetivos e normas que guiam o processo e conteúdo da recordação do idoso. Os resultados encontrados fornecem subsídios para confirmar que as propriedades dos quadros sociais das recordações influenciam no modo como o passado é reconstruído.

Uma recordação mais plena e com um detalhamento adicional, observados nos resultados deste estudo na condição em díade, também está de acordo com os dados encontrados na literatura de que recordar junto com o outro é uma situação superior de recordação (Middleton e Edwards 1990; Weldon e Bellinger 1997; Wagoner & Gillespie, in press).

Middleton e Edwards (1990) apresentaram um resultado similar com relação à facilidade e familiaridade com a qual seus participantes em díades se engajaram nas suas tarefas de recordação conversacional. A presença de uma postura mais séria na condição individual e uma postura mais descontraída na condição em díade, talvez tenha contribuído a dar destaque à condição em díade como modo superior de situação de recordação. Weldon e Bellinger (1997) encontraram nos seus resultados que grupos (de três) recordam mais que indivíduos sozinhos, porém grupos nominais recordam mais que grupos (de três). Wagoner e Gillespie (in press) também observaram que as suas díades recordaram mais que os participantes em condição individual, mas a diferença quantitativa não foi estatisticamente significativa. Meudell et al. (1992, 1995) testaram díades e não encontraram nenhuma diferença entre grupos nominais ou díades, destacando que possivelmente as díades são melhores para a recordação, enquanto que grupos maiores são mais inibidores da recordação. Essa diferença entre díade e tríade é também consistente com o fato de que inibição colaborativa resulta de várias rupturas, porque várias rupturas estão mais presentes em grupos maiores. Porém também é possível, que as díades representem um grupo social com propriedades únicas. Pelo fato que as díades, nos estudo de Meudell et al. (1992, 1995) não demonstram inibição colaborativa, mesmo com a presença de um parceiro que deveria produzir interferências.

No nosso estudo a condição em díade não parece ter provocado nenhuma inibição colaborativa, muito pelo contrário o encontro em díades forneceu maior possibilidades ao idoso de poder completar e superar os seus momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação.

4.3 Apresentação da estratégia de mediação identificada nas narrativas individuais

Tendo como foco central deste estudo identificar as estratégias de mediação, será apresentado a partir de agora a estratégia de mediação que foi identificada nos registros dos dez relatos autobiográficos do encontro individual desta pesquisa. Tal como é conhecido na literatura (Bartlett, 1932; Wagoner & Gillespie, in press) padrões convencionais retrabalham o conteúdo da recordação em direção de um quadro social familiar, ilustrando a influência do passado sobre o presente. Desse modo a estratégia identificada nas narrativas individuais dos idosos foram as convenções culturais. Será apresentada a definição dessa estratégia de mediação e, em seguida, esta definição será ilustrada como um exemplo retirado dos próprios dados.

Convenções Culturais: momentos da recordação nos quais é possível identificar padrões culturais que permitem uma melhor recordação do evento pelo idoso. Ou seja, os momentos de incertezas, ambiguidade e/ou lacunas da recordação são superados pela utilização de algumas convenções culturais presente na vida do idoso. Seria uma tentativa do idoso de preencher as lacunas da recordação com algum material do seu quadro cultural familiar.

Exemplo:

Eu só vi as botas voando pelos ares aquele negócio que tinha amarrado imitando uma bota. Todo mundo dançando aí quando eu vi a dela Vupt voando. Era uma coreografia bonita, mas não me lembro de muita coisa, tinha uma música[...] uma música[...]acho que era da Xuxa. Mas era uma música forte. (Idoso 1 – Audio 1.1)

4.5 Resultados da análise das Narrativas individuais

A etapa dos resultados neste subitem visa destacar a estratégia de convenção cultural observada nas narrativas individuais. Neste sentido, os encontros individuais dos dez idosos foram transcritos, para discernir os fragmentos da narrativa em que reconstrução espontânea e ativa do evento narrado estava acontecendo para superar momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação. Para todas as narrativas individuais foram totalizados os números de fragmentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas; de utilização da estratégia de convenção cultural e de ausência de identificação de utilização de alguma estratégia. Estes números encontram-se ilustrados na tabela 1, abaixo apresentada.

IDOSO	IDADE	Nº INCERTEZAS	CONVENÇÕES CULTURAIS	AUSÊNCIA DE IDENTIFICAÇÃO
Idoso 1	61	3	1	2
Idoso 2	87	4	1	3
Idoso 3	88	2	1	1
Idoso 4	70	2	1	1
Idoso 5	60	3	0	3
Idoso 6	80	1	1	0
Idoso 7	74	1	0	1
Idoso 8	65	2	1	1
Idoso 9	66	2	1	1
Idoso 10	67	5	2	3
TOTAL		25	9	16

Tabela 1: Estratégias encontradas nas narrativas individuais para superar momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunares da recordação.

Na tabela 1, observamos que 36% dos momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação individual do idoso foram resolvidas pela utilização da estratégia de convenção cultural. Porém, 64% dos momentos de dificuldades da recordação do idoso ficaram sem ser superados e sem identificação de utilização de alguma estratégia de mediação.

A estratégia de convenção cultural será demonstrada através das seguintes verbalizações dos idosos:

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 1

Eu só vi as botas voando pelos ares aquele negócio que tinha amarrado imitando uma bota. Todo mundo dançando aí quando eu vi a dela Vupt voando. Era uma coreografia bonita, mas não me lembro de muita coisa, tinha uma música[...] uma música[...]acho que era da Xuxa. Mas era uma música forte. (Idoso 1 – Audio 1.1)

Neste fragmento da narrativa observamos que o idoso apresenta certa dificuldade de preencher a lacuna sobre a música tocada na apresentação de balé de sua filha. Sendo assim na tentativa de completar sua recordação ele se refere a uma cantora popularmente conhecida, na época do ocorrido, da cultura Brasileira (Xuxa).

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 2

Mas fez a primeira comunhão tiramos retratos, foi um dia muito alegre pra gente. Ela estava vestida com um vestido, com um tecido de[...] de[...] Já não lembro. Todo branco, né. (Idoso 2 – Áudio 2.1)

Neste fragmento da narrativa, observamos a dificuldade do idoso em recordar o vestido da primeira comunhão de sua filha, observamos a utilização pelo idoso de uma referência da sua cultura, que é o tradicional vestido branco nos batizados e primeira comunhão.

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 3

O casamento foi mais ou menos seis horas da tarde, eu não me lembro como ela estava vestida. Era um vestido[...] não lembro[...]só lembro que era de branco. (Idoso 3 – Áudio 3.1)

Na tentativa de recordar do vestido utilizado pela sua filha no dia do casamento, neste fragmento da narrativa, o idoso também faz utilização de uma referência da sua cultura, que é o tradicional vestido branco de noiva. Em outras culturas, como na cultura oriental, o vestido da noiva é tradicionalmente vermelho.

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 4

A noiva tava[...] ela tava[...]nem me lembro! Estava muito apreensiva, muito nervosa né e logo depois descontraíu né! (Idoso 4 – Áudio 4.1)

Neste fragmento da narrativa o idoso apresenta dificuldade em recordar o comportamento de sua filha no dia do casamento, utilizando para completar sua recordação o tradicional comportamento das noivas de sua cultura ocidental (nervosa, ansiosa, apreensiva, etc.).

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 6

Ela era muito agitada. Teve um dia que fique muito cansada e quando ela chegou em casa eu dei duas palmadas com a[...]a[...] com a[...]a chinela, ela foi reclamar para o pai. (Idoso 6 – Áudio 6.1)

Neste fragmento da narrativa observamos a utilização de objetos culturais que são normalmente utilizados em situações de punição na sua cultura. Na tentativa de preencher a lacuna do objeto que teria sido utilizado para punir sua filha, o idoso utiliza a chinela como opção. Este fato fica mais evidente quando comparado com a narrativa em diáde deste mesmo evento, observamos nesta narrativa que a punição foi feita com uma palmatória.

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 8

Estava até chovendo quando chegamos com a comida e esperamos um pouco para descer do carro, era mês de chuva, mas logo veio um rapaz com um guarda chuva bem grande que nos ajudou. A formatura dela foi no mês[...] no mês[...]de Agosto (Idoso 8 – Áudio 8.1)

O idoso apresenta neste fragmento da narrativa uma incerteza sobre o mês em que aconteceu a festa de formatura de sua filha, mas ele afirma ter sido em mês de chuva. Na tentativa de superar esta incerteza, o idoso conclui que foi no mês de Agosto, mês que é tradicionalmente conhecido na sua cultura e região como mês de chuva e de realizações de bailes de formatura referente à segunda entrada nas universidades. Este fato fica mais evidente quando comparado

com a narrativa em diáde deste mesmo evento, observamos que nesta narrativa o baile de formatura ocorreu no mês de Dezembro.

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 9

Ficamos num hotel bem pequeno era o[...], lá no[...] no[...]no quartier mais bagunçado de Paris. Mas ele era bom com um ótimo café da manhã, tinha muita comida, tinha[...] tinha[...]é[...]café e[...] pão baguete e também croissant e pão com chocolate hummm[...] Uma delicia!!! Acho que era isso! (Idoso 9 – Audio 9.1)

Neste fragmento da narrativa observamos que o idoso utiliza referências culturais de outro país visitado, como o famoso pão baguete, croissant e pão com chocolate da cultura francesa, para preencher lacunas da recordação de um momento vivido naquele país com sua filha.

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 10

Exemplo1

Meu filho esteve comigo no dia que bati com o carro. Na verdade estava chovendo muito e estava com muita pressa, meu filho tinha pressa pois tinha[...] ele tinha[...] era algo importante[...]acho que era uma prova e por isso estava apressado. (Idoso 10- Áudio 10.1)

Neste fragmento da narrativa o idoso apresenta dificuldade em recordar o motivo do comportamento de seu filho, utilizando para completar sua recordação um dos motivos tradicionais de sua cultura para quem estaria apressado, ter algo muito importante para fazer como uma prova. Este fato fica mais evidente quando comparado com a narrativa em diáde deste mesmo evento, observamos nesta narrativa que o filho não tinha prova ele só queria chegar mais cedo para sentar na frente.

Exemplo 2

Ele foi levado logo para o hospital[...] o hospital[...] ali perto pelos bombeiros. Se me recordo bem[...] acho que[...]os bombeiros chegaram primeiro no local[...]já não me lembro bem. (Idoso 10- Áudio 10.1)

Uma possível explicação para este fragmento da narrativa seria que o idoso tenta se desfazer de uma ambiguidade aplicando a regra tradicional de sua cultura para ordem de chegada dos responsáveis pela assistência em caso de acidente. Primeiro seria os bombeiros, depois os policiais, paramédicos e assim por diante. Este fato fica mais evidente quando comparado com a narrativa em diáde deste mesmo evento, observamos nesta narrativa que os primeiros a chegarem no local do acidente foram a CTTU e os policiais civis.

Em todos os fragmentos apresentados acima, podemos observar que o idoso diante dos momentos de incertezas, ambigüidades e/ou lacunas da recordação parecem preencher estes espaços em branco com certa influência da sua cultura sobre o presente, como se as experiências culturais tomassem forma na recordação de eventos do nosso passado. Estes resultados se relacionam diretamente com a característica construtiva da recordação e o conceito de convencionalização dos trabalhos de Bartlett (1932), utilizados para dar sentido, muitas vezes inconsciente, mas que nos permitem atuar de forma mais rápida e fácil no nosso meio ambiente físico e social.

Outros momentos de incertezas, ambiguidade e/ou lacunas foram identificadas na recordação do idoso, mas não foi possível identificar na narrativa individual do idoso uma estratégia de preenchimento desses momentos de dificuldades da recordação do evento. Estes momentos podem ser demonstrados através das seguintes verbalizações dos idosos:

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 5

Só que na hora que a gente ia entrar no banco, o povo fazia aquela muniça na frente na hora de abrir, foi até ai no[...] no[...] no banco[...]Ai não lembro. (Idoso 5 – Áudio 5.1)

NARRATIVA INDIVIDUAL - Idoso 7

Não tinha nem cama era só rede, mas nossa mudança tinha: cama, cadeiras, centro, guarda-roupa[...] Tinha[...] Tinha mais o que? Tinha[...] Já nem lembro[...] Tinha o negócio de guardar pratos e copos e de panelas também. (Idoso 7 – Áudio 7.1)

Nestes últimos trechos os idosos parecem demonstrar dificuldades em relembrar o nome do banco em que ocorreu o evento (Idoso 5), assim como o nome dos objetos que fizeram parte da sua mudança (Idoso 7). Aparentemente os idosos se esforçam na tentativa de superar estes momentos de dificuldades, mas na maioria das vezes o idoso conclui que não recorda mais deste detalhe do evento. Talvez por ser uma forma rápida de solucionar esta dificuldade da sua recordação e dar continuidade a narrativa do evento.

4.5 Apresentação das estratégias de mediação identificadas nas narrativas em díades

Diferentes da estratégia encontrada nas narrativas individuais foram identificadas estratégias de mediação com o outro (filho ou filha), que não deixam de ser culturais, mas que levaram a uma maior precisão dos fatos recordados. Serão apresentados a partir de agora as estratégias de mediação que foram identificadas nas dez narrativas autobiográficas do encontro em díade desta pesquisa. Desse modo, serão apresentadas as definições de cada estratégia de mediação e, em seguida, esta definição será ilustrada com um exemplo retirado dos próprios dados.

1. Imagens Visuais: momentos da recordação nos quais é possível identificar, a utilização explícita de uma imagem visual fornecida pelo descendente (filho ou filha) para dar suporte ao processo de recordação. Ou seja, os momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas são superados pela utilização das imagens visuais que são fornecidas pelo outro. Estas imagens visuais podem ser demonstradas através das seguintes verbalizações.

Exemplo:

I - Você lembra que eu levava você para aquelas coisas de Tia Marileide[...]

F- O balé! Em que tinha o palco que abaixava e subia.

I – é o balé, ai um belo dia ia ter, vocês ensaiavam muito, agora que eu lembro qual foi o teatro. No teatro a[...] Centro de Convenções você aparecendo com o palco subindo. (Idoso 1 – Áudio 1.2)

2. Integração por repetição: momentos da recordação nos quais é possível identificar a utilização repetitiva de um fato ou ação pelo descendente (filho ou filha) que termina sendo integrada a recordação do idoso. Ou seja, os momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas dos idosos são superados pela integração de fatos ou ações repetidas várias vezes pelo outro durante a narrativa. Estas repetições podem ser demonstradas através das seguintes verbalizações.

Exemplo:

I- e a música?

F- a música era algo bem agitado, mas tinha um final assim: Tum Tum Tum[...] ai acalmava[...] a música era bem agitada assim de discoteca e muito bonita, qual era a música?

I- era[...] era[...]

F- era uma música muito bonita, de discoteca, eu lembro que eu treine muito para embolar

I – era[...] era da Xuxa? Não! Não era da Xuxa não, era uma música bem da balada discoteca, tinha um final mais lento. É, era uma música bem bonita, agora eu me lembro. Tinha mais coisa? (Idoso 1 – Áudio 1.2)

3. Integração por atribuição: momentos da recordação nos quais é possível identificar a atribuição de um fato, pelo descendente (filho ou filha) que é imediatamente e passivamente integrado a recordação. Ou seja, os momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas são superados pelo fato que o idoso simplesmente *reutiliza* na sua narrativa o que foi dito uma única

vez pelo descendente, sem nenhuma discussão. Estas atribuições podem ser demonstradas através das seguintes verbalizações.

Exemplo:

I- quando ela se casou ela se casou na igreja dos[...] dos pretos[...]

F- Rosário dos pretos

*I- é rosário dos pretos, depois foi a festa de bolo champagne[...] tudo que tinha direito[...]
(Idoso 3 – Áudio 3.2)*

4. Gestos e Ritmos: momentos da recordação nos quais é possível identificar gestos e ritmos realizados pelo descendente (filho ou filha) que servem para desencadear a integração de mais um fato a recordação do idoso. Ou seja, os momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas são superados por gestos e ritmos que são realizados pelo outro durante o relato. Estes gestos e ritmos podem ser demonstrados através das seguintes ações motoras ou produções sonoras.

Exemplo:

I – ...não me lembro muito bem da música ou da coreografia, me lembro mais ou menos...

F- eu me lembro de algumas coisas dos passos, que tinha alguns passos assim: Tum TumTum[...] (faz imitação dos passos)

I- (Risos) me lembro destes passos vocês se deslocavam todas com os braços para cima no outro sentido do palco,mas e a música? (Idoso 1 – Áudio 1.2)

4. Sugestões: momentos da recordação nos quais é possível identificar fatos que são sugeridos pelo descendente (filho ou filha), que não são aceitos passivamente pelo idoso, mas são ativamente retrabalhados para serem integrados a recordação do idoso. Ou seja, os momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas são superados pela sugestão do outro, mas o fato sugerido é *retrabalhado* durante o relato para ser aceito e incluído à recordação. Estas sugestões podem ser demonstradas através das seguintes verbalizações.

Exemplo:

I- Gastei uns[...] uns...] mil reais na época para consertar.

F- Não foi mais[...] bem mais...] uns dois mil[...] foi perto da franquía do carro, mas não chegou no valor total.

I- foi isso mesmo[...] mas não foi dois, foi uns mil e quinhentos por causa da estória da franquía. (Idoso 10 – Áudios 10.2)

4.6 Resultados da análise das Narrativas em díades

A etapa dos resultados neste subitem visa destacar as estratégias de mediação observadas nas narrativas das díades (idoso e filho). Neste sentido, os encontros das dez díades foram transcritos, para discernir os fragmentos da narrativa em que reconstrução espontânea e ativa do evento narrado estava acontecendo para superar momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação. Para todas as narrativas das díades foram totalizados os números de fragmentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas e os números de utilização de cada estratégia. Estes números encontram-se ilustrados na tabela 2, abaixo apresentada.

IDOSO	IDADE	NºINCERTEZAS/ AMBIGUIDADES	I. VISUAIS	I. ATRIBUIÇÕES	I. REPETIÇÃO	GESTOS E RITMOS	SUGESTÃO
Idoso 1	61	4	1	1	1	1	
Idoso 2	87	2		1	1		
Idoso 3	88	3	1	1	1		
Idoso 4	70	4		3		1	
Idoso 5	60	4	2	1			1
Idoso 6	80	3	1				2
Idoso 7	74	2		2			
Idoso 8	65	4	1	1	1	1	
Idoso 9	66	4	2		1	1	
Idoso 10	67	7	1	2	2	1	1
TOTAL		37	9	12	7	5	4

Tabela 2: Estratégias encontradas nas narrativas em díades para superar momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunares da recordação.

Diferente da tabela 1 foi possível identificar a utilização de uma estratégia de mediação para todos os momentos de incerteza, ambiguidade e/ou lacunas da recordação em díade. Ou

seja, o idoso foi capaz de superar todos os momentos de dificuldades da recordação junto com o descendente (filho/filha). Observamos na tabela 2, que os momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação foram resolvidos pela utilização de estratégia de imagem visual (24%), estratégia de atribuição (32%), estratégia de repetição (19%), estratégia de gestos e ritmos (14%) e estratégia de sugestão (11%).

Serão apresentados em seguida apenas os fragmentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação de cada díade, que se encontram classificados segundo a estratégia de mediação utilizada para superar este momento e dar continuidade à narrativa do evento. Todos os fragmentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas foram sublinhados, assim como todos os fragmentos de narrativas que se identificaram como estratégia. Este destaque dos fragmentos da narrativa visa ressaltar as estratégias de mediação utilizadas pelo idoso na presença do filho para superar estes momentos de dificuldades.

Por fim, será feita uma discussão a respeito dos resultados obtidos nos múltiplos estudos de caso (nas dez narrativas das díades), visando destacar as principais estratégias de mediação que emergiram das análises aqui realizadas e as suas implicações, considerando o objetivo do presente estudo.

4.6.1 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 1 + Filha)

IMAGEM VISUAL

I - Você lembra que eu levava você para aquelas coisas de Tia Marileide[...]

F- O balé! Em que tinha o palco que abaixava e subia.

I – é o balé, ai um belo dia ia ter, vocês ensaiavam muito, agora que eu lembro qual foi o teatro. No teatro a[...] Centro de Convenções você aparecendo com o palco subindo.

INTEGRACAO POR ATRIBUICAO

I – ai não sei se no retrato você está com a bota, se já tinha posto a bota. Não sei se você foi buscar a bota. Acho que você foi buscar a bota.

F- Ah[...]

I – Tu lembra?

F- eu sacudi a outra perna para ficar sem a outra bota, aí eu fiquei sem nenhuma bota

I- Ah sim! Foi mesmo, agora eu me lembro você ficou sem nenhuma bota.

GESTOS E RITMOS

I – ...não me lembro muito bem da música ou da coreografia, me lembro mais ou menos...

F- eu me lembro de algumas coisas dos passos, que tinha alguns passos assim: Tum TumTum[...] (faz imitação dos passos)

I- (Risos) me lembro destes passos vocês se deslocavam todas com os braços para cima no outro sentido do palco,mas e a música?

INTEGRACAO POR REPETICAO

I- e a música?

F- Pra poder embolar, porque tinha uma parte em que deitava assim e embolava e eu tinha medo de quebrar o pescoço.

I- e a música?

F- a música era algo bem agitado, mas tinha um final assim: Tum TumTum[...]ai acalmava[...]
a música era bem agitada assim de discoteca e muito bonita, qual era a música?

I- era[...] era[...]

F- era uma música muito bonita, de discoteca, eu lembro que eu treine muito para embolar

I – era[...] era da Xuxa? Não! Não era da Xuxa não, era uma música bem da balada discoteca, tinha um final mais lento. É, era uma música bem bonita, agora eu me lembro. Tinha mais coisa?

4.6.2 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 2 + Filha)

INTEGRACAO POR ATRIBUICAO

I- era um vestido de bolinhas e tinha um laço[...]Era moda e quem costurava era eu. O Padre do batizado vinha de longe, era[...] o nome dele era[...] mas era um Padre querido[...]

F- Lembro do Padre, lembro[...], ele vinha de paulista. Padre Leonardo!

I- era Padre Leonardo! Padre Leonardo ele dizia que a mulher que ia mais pra missa era eu, mas porque eu ia para os batizados. (Risos).

INTEGRACAO POR REPETICAO

I- eu não gostava não, mas era o jeito fazer o que? O vestido dela eu que costurei, era branco de[...] de[...] muito bonito, com[...]

F- meu vestido era branco de bolinha, era um pano bem fininho que eu não me lembro o nome porque era pequena, mas ele tinha umas bolinhas crespinhas feito um veludozinho umas bolinhas bem miudinhas, isso eu me lembro. E tinha um troço de um laço atrás e como eu odiava roupa com laço porque vestia e ficava dependendo dos outros porque ficava com aquele rabo atrás balançando, atrapalhando. Eram essas coisas que eu não gostava.

I- era um vestido de bolinhas e tinha um laço[...]Era moda e quem costurava era eu.

4.6.3 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 3 + Filha)

IMAGEM VISUAL

I- quando ela casou, terminou a festa ela foi para[...] para uma cidade de interior[...] como era mesmo o nome[...]

F- hum[...]ele está se lembrando bem[...] (Risos), foi para cidade das flores, com um lindo relógio de flores (risos)

I- ah! Foi mesmo, Garanhuns! Parece que estou vendo aquela cidade Linda! Depois quando voltou, foi diretamente lá pra casa, depois foi pra casa da sogra e depois voltou lá pra casa para almoçar.

INTEGRACAO POR ATRIBUICAO

I- quando ela se casou ela se casou na igreja dos[...] dos pretos[...]

F- Rosário dos pretos

I- é rosário dos pretos, depois foi a festa de bolo champagne[...] tudo que tinha direito[...]

INTEGRACAO POR REPETICAO

I- faltava 8 dias para ela se casar

F- Não! faltava 1 mês[...]

I- faltava 8 dias

F- Não! 1mês e poucos dias

I- faltava 1 mês pra casar?

F- para casar era um mês e pouco, porque um mês fazia no dia 15 de Dezembro e eu me casei no dia 23

I- é era 1 mês e pouco, certo[...] certo[...]

4.6.4 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 4 + Filha)

INTEGRACAO POR ATRIBUICAO

Exemplo1:

I- você lembra minha filha do seu casamento, foi um dia muito bonito. Foi naquela casa de festa, é[...] Como era mesmo o nome daquela casa de festa?

F- Na casa de festa da mãe da minha melhor amiga. Foi um casamento simples mas muito bonito.

I- Já sei na casa da mãe da sua amiga de festa Arco-íris que fica na Torre. Tinha muita gente nesse dia muitos amigos e familiares. Você estava muito nervosa e apreensiva.

Exemplo 2:

F- mas isso passou rápido, ela logo deu um jeito, mas estava muito nervosa. Foi uma festa muito boa. Cheia de pessoas queridas. Você lembra do vestido da mamãe?

I- Não me lembro muito não

F- Ele era bonito, tinha sido feito pouco antes da festa por conta do acidente da mamãe. Azul com bordado[...]

I- foi mesmo, agora eu lembro ele era Azul, bordado comum brilho e de um ombro só por causa do machucado que ela tinha no outro ombro.

Exemplo3:

I- eu não consigo me lembrar como era o nome do Pastor[...] era[...]

F- Era o tio do Rafael, pai!

I- Ah sim! O Marcos Tio de Rafael. Pastor Marcos! Foi uma bela cerimônia, mesmo sendo católico achei muito bonito o seu sermão.

GESTOS E RITMOS

F- Isso mesmo ela tava muito bonita; foi uma festa muito animada com varias músicas, inclusive dancei uma com você, você lembra?

I- Era que música???

F- Aquela música Pai!!! (faz o ritmo da musica)

I- Ah agora eu lembro, emoções. Estava tão nervoso que até pisei no seu pé. (risos)

4.6.5 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 5 + Filho)

IMAGEM VISUAL

F- o dia em que você se machucou aqui nesse banco perto da reitoria, do girador?

I- é, eu tenho a imagem do carro girando e entrando no Banco do Brasil da reitoria.

INTEGRACAO POR ATRIBUICAO

F- Lembro sim, aquele moço grosso empurrou você e você terminou machucando o dedo contra o vidro. Sangrou bastante, eu fiquei bem nervoso e muito arretado com o rapaz, o gerente viu logo e tentou acalmar as coisas. Estávamos até apressados porque eu tinha aula com aquele professor chato de direito criminal.

I- ah agora eu me lembro era um trabalho de direito criminal que você tinha que entregar. E esse professor gostava muito de pegar no seu pé.

SUGESTÃO

I- Lembro sim, sobre as confusões dos bancos na hora de entrar. Fica tanta gente na frente que todo mundo entra no maior tumulto. Ela disse que teve um dia que ela também foi empurrada e caiu no chão. Era um absurdo os bancos não tomarem alguma providência. Me parece que meu dedo já estava meio machucado[...]

F- Pois é ela colocou remédio, o seu ferimento parou de sangrar e pode fazer as compras. Depois voltamos correndo para que eu chegasse à tempo na Faculdade. Fiquei super nervoso, mas no final tudo deu certo. Mas o seu dedo não estava doendo e um pouco machucado antes? Parece que você tinha feito algo no dia anterior.

I- foi mesmo... eu tinha a unha encravada. E me parece que a menina tinha feito a unha e tinha desencravado no dia anterior então o local tava dolorido e no que bateu aí o sangue espirou.

4.6.6 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 6 + Filha)

IMAGEM VISUAL

I- Ela vinha do[...] do[...] colégio, ela estudava no colégio[...] Santa[...] Santa Terezinha[...]

F- Não mãe esse era o da minha irmã o meu era perto da subida da ladeira, que tinha o muro cor de rosa[...]

I- Claro, parece que estou vendo ele na minha frente, o colégio Santa Lucia, perto da subida da casa de sua tia.

SUGESTÃO

Exemplo1:

I- Olhe quando ela chegava da rua ela vinha correndo que a perna batia na bunda. Um dia eu disse: filha vai ali na venda comprar[...] qualquer coisa[...] Já não me lembro mais[...]

F- Você me pediu pra comprar algum ingrediente para fazer um bolo[...]

I- era ovos, sempre faltava ovos. Eu ficava na porta da frente olhando ela ia numa carreira tão grande que o pé batia na bunda e a gente via a calçinha toda (Risos). O meu maior problema com ela era que ela não queria vestir a roupa para sair de casa.

Exemplo 2:

I- Ai quando foi um dia eu reclamei a menina, não tem jeito não ela chega do colégio vai jogando a roupa no chão, não vai dar certo, você olhe quando vier almoçar que você vai ver, ai ele disse[...] Quando ela chegou eu dei duas palmadas com a[...]a[...]a não[...]

F- foi com aquele negocio que tinham deixado lá em casa[...]

I- foi, tinham deixado uma palmatória lá em casa, uma palmatória pesada!

4.6.7 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 7 + Filha)

INTEGRACAO POR ATRIBUICAO

Exemplo 1:

I- ...Tinha um local para guardar o material do jantar[...] como era o nome mesmo[...]

F- petisqueira de vidro

I- é isso mesmo um armário mas chamavam de petisqueira.

Exemplo 2:

I- Quando chegou a da nossa casa tinha guarda roupa e era um bicho de[...]de[...]tinha um, um,um[...]na cozinha[...]

F- um o tripé que segurava as panelas

I- era sim! Tinha um tripé que segurava a bateria de alumínio, a bateria da cozinha, era como se chamavam as panelas. Era um tripé que teve uma época que o povo tinha para colocar florzinha, ai nesses tripés tinha uns ganchinhos que se penduravam as baterias que eram as panelas de alumínio e lá em casa tinha esse tripé.

4.6.8 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 8 + Filha)**IMAGENS VISUAIS**

I- Teve muitos preparativos até este dia chegar, todo vez tinha algo para pagar à mais, foi muito gasto minha filha. A grande festa foi em apipucos no[...] no[...]no salão[...]

F- o que fica logo no começo de Apipucos, Pai! Depois do viaduto, com o muro na cor clara.

I- Estou vendo onde fica este salão[...]é[...] bem conhecido é o Arcadia. Era bem espaçoso este salão pois eu me lembro da visão de ter muita gente.

INTEGRACAO POR ATRIBUICAO

I- toda família esteve presente, os tios, os primos, os irmão, amigos[...]Acho que faltou um irmão[...] acho que foi o mais velho[...]

F- é um dos meus irmãos tinha viajado para terminar o doutorado

I- pois é agora eu lembro, foi o Pedro que estava viajando e fazendo doutorado nos Estado-unidos,e ficou de fora dessa folia.

REPETIÇÃO

I- ...Porque a formatura foi no mês de[...] de[...]Agosto[...]

F- Não foi em dezembro

I- Não[...] foi em agosto[...]

F- foi perto das festas de fim de ano, por isso foi bem corrido[...] foi bem no mês de dezembro

I- é foi no mês de Dezembro[...] foi mesmo em dezembro

GESTOS E RITMOS

I- Foi mesmo, todos seus colegas de turma disse que você tava querendo aparecer, pois era a única a entrar com os dois. Lembro que dançamos uma musica bem bonita[...] era[...]é[...]

F- Aquela pai (imita o som da musica- risos)

I- ah já sei! I've got you under my skin... (pai começa a cantar a musica)

4.6.9 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 9 + Filha)

IMAGEM VISUAL

Exemplo 1:

I- Fizemos uma viagem pela Europa ano passado. Passamos primeiramente pela[...] pela[...]França. Ficamos num hotel[...] um hotel[...] era perto[...] perto do[...]

F- do Sacre-coeur, ele era simples mais bem perto da saída do metrô.

I- é[...] Estou vendo agora aquela estação de metrô de Pigale, que ficava bem pertinho, era[...] é[...] o hotel Mercure de Pigale. Ele era simples mas com um ótimo café da manhã e perto do metro. Então aproveitamos bastante.

Exemplo 2:

I- era bem alto, mais eu estava mais cansada do que tudo, pois a fila de espera foi grande então não olhei muito para baixo, só fiz descer. Quando chegamos lá embaixo ainda andamos até o[...] o[...] o lugar que tira fotos

F- andamos até o outro lado da torre, onde tem uma escadaria e de lá da para tirar foto da torre por inteira, é bem bonito.

I- é[...]é o[...] o trocadero! Estou vendo como se fosse ontem, nos tiramos bastante fotos deste local e depois ficamos admirando a paisagem, até deu para ficar sentada um pouquinho. Terminamos o passeio num restaurante bem pertinho desse trocadero e depois fomos para o hotel.

GESTOS E RITMOS

I- quando ele soube que éramos brasileiras ele até cantar uma musica brasileira ele fez, era[...] qual era mesmo a musica...

F- ele não cantava mesmo, ele fazia assim (faz gestos) e um barulhinho com a boca assim (Imita o ritmo com a boca)

I- é isso mesmo! Ele meio que tentava cantar garota de Ipanema

INTEGRACAO POR REPETICAO

I- fomos depois para[...] para[...] Alemanha, Holanda e por ultimo Portugal.

F- Não mãe fomos primeiro para Holanda[...] depois Itália, Alemanha e Portugal.

I- Não filha foi primeiro para Alemanha[...] Já não me lembro a ordem[...] Não foi primeiro Paris depois Alemanha.

F- Não mãe, saímos de Paris no trem na Gare do Nord direto para Amsterdam, depois para Veneza, Frankfurt e por ultimo pegamos um avião para Lisboa.

I- é[...] foi[...] foi isso mesmo Paris, Holanda, Itália, Alemanha e Lisboa.

4.6.10 Resultados da Narrativa em díade (Idoso 10 + Filho)

IMAGEM VISUAL

I- ...O celta vinha mais chutado ainda, a batida de trás foi mais forte quebrou ate o vidro de trás do carro, e o rapaz que estava dirigindo foi levado para o hospital[...] o hospital[...]

F- aquele no final da Caxangá, depois do derby[...]

I- Estou vendo aquele perto da Agamenon, o hospital[...] o hospital da restauração.

GESTOS E RITMOS

I- Estou vendo aquele perto da Agamenon, o hospital[...] o hospital da restauração. Mas ele estava consciente, porém estava machucado no braço. Graças à Deus não houve nada com nos dois, nem com outras pessoas. O pessoal chegou até rápido[...] Chegou primeiro[...]Os[...] Os bombeiros junto com Os[...] Os[...]Os policiais[...]

F- Não! Primeiro chegou os policiais do transito, aquele verdinhos, que tem uma sirene bem chata (imita o barulho da sirene)(risos).

I – é os rapazes da CTTU, mas também chegaram policiais civis, pois começou a chegar muita gente e a criar o maior engarrafamento. Todos queriam ver o que estava acontecendo e olhar o estado do carro.

INTEGRACAO POR REPETICAO

Exemplo 1:

I- Meu filho esteve presente comigo no dia que bati com o carro. Estava apressado para levar ele no curso, me parece que ele tinha[...] tinha[...] prova, era algo importante.

F- Não eu só queria chegar mais cedo, pois gostava de sentar na frente .

I- Não você tinha prova, estávamos até atrasado.

F- Não Pai, eu não tinha prova, queria chegar cedo pois estava sempre chegando tarde e não estava conseguindo seguir esta matéria direito.

I- foi[...] foi isso ele queria chegar mais cedo, ficava reclamando que só chegava atrasado.

Exemplo 2:

I- ...Na hora que bati estava chovendo muito[...] me parece que estava[...] a pista tava molhada.

F- A pista tava bem molhada pois tinha chovido muito era até por isso que estava atrasado de novo, mas já tinha parado de chover .

I- Foi isso mesmo a pista tava bem molhada.

Exemplo 3:

I- sem falar que fomos para o hospital também pois você ficou com dor no[...] no[...] foi na coluna não?

F- foi no pescoço, foi por causa do impacto contra o sinto de segurança , terminei machucando o musculo, mas não foi nada grave.

I- e na coluna também, não foi?

F- não só no pescoço, só machuquei o pescoço

I- foi isso mesmo ela machucou o pescoço, ficamos no hospital esperando o resultado do exame para falar com o medico e depois fomos finalmente para casa.

Exemplo 4:

Eu estava aperreado com o atraso e na velocidade que víamos batermos no carro que estava na frente e mais[...] mais[...] dois outros bateram atrás.

F- Foi o seu que bateu no Gol e um Celta que bateu em você, quase viramos sanduiche mais só teve três carros envolvidos;

I- não filha teve um Fiat também depois do Celta, não teve[...]tenho certeza[...]

F- tinha um Fiat sim, mas ele conseguiu frear antes, ai não bateu no celta. Mas era um Gol e um Celta.

I - foi isso mesmo, primeiro um Gol preto, depois o meu Weekend e atrás o Celta Cinza.

INTEGRAÇÃO POR ATRIBUIÇÃO

I- foi[...] foi isso ele queria chegar mais cedo, ficava reclamando que só chegava atrasado. Foi tanta pressa que no final nem chegamos. Só chegamos até[...] até[...] a altura da exposição de animais.

F-Não Pai foi quase no final da Caxangá, já estávamos quase no final perto daquele cruzamento.

I- foi mesmo no cruzamento, estávamos mais próximos da agência da Celpe na Caxangá.

SUGESTÃO

I- Gastei uns[...] uns[...] mil reais na época para consertar.

F- Não foi mais[...] bem mais[...] uns dois mil[...] foi perto da franquia do carro, mas não chegou no valor total.

I- foi isso mesmo[...] mas não foi dois, foi uns mil e quinhentos por causa da estória da franquia.

4.7 Discussão dos resultados apresentados nas narrativas em díades

Uma grande quantidade dos momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação do idoso (24%) foram resolvidos com a utilização de estratégias de imagens visuais fornecidas pelos filhos. A utilização de imagens na recordação é bem conhecida nos estudos de memória. Luria (1968), Yates (1966) e Bartlett (1932), identificaram a imagem como tendo papel principal na recordação. Bartlett (1932) descrevia a imagem como sendo algo que permitia a recordação em detalhes, o que trabalhava contra a tendência de generalizar dos esquemas. Segundo Bartlett (1932) a concretude da imagem visual (a imagem aparece bem viva na consciência) provoca uma atitude de certeza da existência do material no evento, mas, ou mesmo tempo esta concretude torna difícil o relacionamento com outro material. Assim quando surge a imagem visual ela é desconectada de outros materiais recordados e por isso a recordação torna-se confusa. O estudo de Wagoner e Gillespie (in press) observa fragmentos da recordação em díade em que ambos os participantes não conseguem relacionar a imagem ao resto do material que eles acabaram de recordar. Uma nova perspectiva é dada a imagem no discurso de forma a regular a influencia desta imagem na recordação: “eu provavelmente devo ter imaginado”. No nosso estudo as imagens visuais fornecidas pelos filhos deixam claras que estas imagens fornecem um suporte à recordação do idoso. As imagens permitiram a recordação em detalhes e até mesmo uma relação com outros materiais da recordação do evento. Podemos observa este fato no exemplo abaixo:

Exemplo:

F- o que fica logo no começo de Apipucos, Pai! Depois do viaduto, com o muro na cor clara

I- Estou vendo onde fica este salão[...]é[...] bem conhecido é o Arcadia. Era bem espaçoso este salão pois eu me lembro da visão de ter muita gente” (Idoso 8 – Áudio 8.2)

Neste exemplo, o filho fornece a imagem do salão de festas (“depois do viaduto, com o muro na cor clara”), que é utilizado pelo idoso para dar mais detalhes à recordação como o nome do salão (“é o Arcádia”) e o tamanho do espaço (“era bem espaçoso este salão, pois eu me lembro da visão de ter muita gente”).

Outra parte dos momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação dos idosos (19%) foram superados pela utilização de estratégia de repetição fornecida pelo filho.

Vygotsky e Luria (1994) descrevem com grande detalhe como o discurso reorganiza processos psicológicos: o discurso permite de nos controlar assim como as ferramentas nos permitem controlar a natureza. Nas narrativas das díades observamos vários fragmentos onde o filho utiliza repetições de algo que ainda não tinha sido recordado pelo idoso, como modo de controlar a atenção do idoso para aquele detalhe. Permitindo ao idoso de completar a sua lacuna na recordação e de estimular a passagem para a próxima unidade do evento. Podemos observar este fato no exemplo abaixo:

Exemplo:

I- ...Porque a formatura foi no mês de[...] de[...]Agosto[...]

F- Não foi em dezembro

I- Não[...] foi em agosto[...]

F- foi perto das festas de fim de ano, por isso foi bem corrido[...] Foi bem no mês de dezembro

I- é foi no mês de Dezembro[...] foi mesmo em Dezembro (Idoso 8 – Áudio 8.2)

Neste exemplo, o filho controla o idoso com a repetição de algo. Normalmente o filho diz: “não” ou “mas” e substitui a lacuna com algo novo (“não foi em dezembro”; “foi perto das festas de fim de ano, por isso foi bem corrido...”; “Foi bem no mês de dezembro”), o que estimula o idoso a novas formas de pensamentos, pela resposta dada pelo filho, permitindo um novo preenchimento dos momentos de incertezas ou lacunas da recordação do idoso: (“é foi no mês de Dezembro... Foi mesmo em Dezembro”).

Nos fragmentos das dez díades apresentadas, alguns momentos de incertezas, ambiguidades e/ou de lacunas são resolvidas por estratégias de sugestões (11%) feitas pelo filho estimulando a recordação do idoso. Estudos tendem a acreditar que a sugestão feita pelo outro é uma influência como um alto potencial de distorção o que resulta em performances superiores para os grupos nominais do que para os grupos colaborativos, e para recordação individual do que em díades (Weldon e Bellinger, 1997; Anderson e Ronnberg 1995, 1996). Porém o estudo em díades de Meudell e al. (1992; 1995) observaram nenhum efeito de inibição ou distorção na recordação em díades, encontrando nenhuma diferença entre grupos nominais e grupos colaborativos. No nosso estudo as estratégias de sugestão não funcionaram como uma influência

com potencial de distorção, mas sim como suporte a recordação do idoso, ou seja, uma recordação com mais detalhes do evento. Observe o exemplo abaixo:

Exemplo:

I- Gastei uns[...] uns[...] mil reais na época para consertar.

F- Não foi mai[s...] bem mais[...] uns dois mil[...] foi perto da franquia do carro, mas não chegou no valor total.

I- foi isso mesmo[...] mas não foi dois, foi uns mil e quinhentos por causa da estória da franquia.
(Idoso 10 – Áudio 10.2)

Neste exemplo, o filho apresenta um fato totalmente plausível que esteve ou não presente no evento (“foi perto da franquia do carro, mas não chegou ao valor total”), o idoso aceita a sugestão, e desta maneira o filho desperta no idoso inúmeras possibilidades sobre como deve ter sido o evento. A partir deste fato o idoso pode escolher uma delas como se fossem preencher os espaços em branco de um teste com múltiplas escolhas a disposição. A sugestão feita pelo filho pode melhorar a recordação do evento pelo idoso, mas estas sugestões não são aceitas com passividade, elas são submetidas ativamente a transformações pelo idoso no seu discurso (“foi isso mesmo... mas não foi dois, foi uns mil e quinhentos por causa da estória da franquia”).

Outra estratégia de mediação encontrada nas narrativas das díades foram os gestos e ritmos, 14% dos momentos de incertezas, ambiguidades, e/ou lacunares dos idosos foram superados com esta estratégia. Mori (2008) observa nos seus estudos que o ritmo do corpo de uma experiência em um novo ambiente é retido quando recordado e pode ser observado na narrativa do participante do evento em questão. McNeil (1996) afirma que pensamentos visuais podem ser vistos por gestos. Os gestos assim como os ritmos do outro dão suporte ao idoso no processo de pensar e falar da recordação do evento. Com muita frequência um gesto vai antecipar um pensamento/ metáfora do discurso. As imagens do gesto parecem causar de uma só vez, um só impacto, enquanto que o discurso precisa ser organizado numa forma linear. No nosso estudo o outro (filho ou filha) fornece ritmos e gestos ao idoso que parece funcionar como uma nova fonte na recordação do idoso, permitindo o aparecimento de diferentes pensamentos do idoso que podem ser trabalhados e integrados a narrativa do evento. Observe o exemplo abaixo:

Exemplo:

I – ...não me lembro muito bem da musica ou da coreografia, me lembro mais ou menos...

F- eu me lembro de algumas coisas dos passos, que tinha alguns passos assim: Tum,Tum, Tum[...] (faz imitação dos passos)

I- (Risos) me lembro destes passos vocês se deslocavam todas com os braços para cima no outro sentido do palco,mas e a musica? (Idoso 1 – Áudio 1.2)

Neste exemplo, o ritmo e gestos dos passos (“que tinha alguns passos assim: Tum, Tum, Tum...”)

 parece fornecer ao idoso um controle da sua atenção a revelação rítmica desta estratégia. O que permite ao idoso de melhor recordar o evento narrado (“ me lembro destes passos vocês se deslocavam todas com os braços para cima no outro sentido do palco”).

Por ultimo, a estratégia mais observada nas narrativas das díades para superar momentos de incerteza, ambiguidades e/ou lacunas da recordação dos idosos foi à estratégia de atribuição (32%). O outro (filho ou filha) atribui no momento da recordação algo novo que é imediatamente utilizado pelo idoso para preencher as lacunas da recordação. Essas atribuições servem como uma resposta já pronta que é fornecida pelo filho e que é aceita pelo idoso sem nenhuma contestação. O fato do idoso simplesmente integrar essa atribuição a sua recordação sem realizar nenhum esforço (retrabalhar esta atribuição) parece ser uma boa explicação para uma grande utilização desta estratégia pelo idoso. Observe o exemplo abaixo:

Exemplo:

I- quando ela se casou ela se casou na igreja dos[...] dos pretos[...]

F- Rosário dos pretos

I- é rosário dos pretos, depois foi a festa de bolo champagne[...] tudo que tinha direito[...]
(Idoso3 – Áudio 3.2)

Neste exemplo o idoso não consegue lembrar o nome exato da igreja onde a filha se casou (“se casou na igreja dos... dos...pretos), no momento em que a filha atribui a palavra Rosário ao nome da igreja (“ Rosário dos pretos”), ele imediatamente integra este fato ao seu processo de recordação (“é rosário dos pretos, depois foi a festa de bolo champagne”).

A partir da discussão dos resultados apresentada neste subitem nos encaminharemos agora para apresentar as conclusões a que pudemos chegar ao final desta pesquisa, bem como que direcionamentos para pesquisas futuras a investigação aqui realizada nos sugere.

5. CONCLUSÃO

Após a apresentação e discussão dos resultados é chegada a hora de retomar a proposta inicial do presente trabalho e focalizar as conclusões a que chegamos, tendo como referência os achados da pesquisa, e as possíveis contribuições que a investigação aqui empreendida pode ter para a área de estudo para a qual se direciona. Inicialmente, iremos pontuar alguns aspectos acerca das investigações sobre a memória autobiográfica em idosos que impulsionaram a presente proposta de estudo. Em seguida, retomaremos os objetivos que nortearam este trabalho para então apresentar as conclusões a que os resultados conduziram.

Existe um ditado popular que diz: “Seremos completos na vida quando tivermos um filho, plantarmos uma árvore e escrevermos um livro”. Nessa frase podemos interpretar o desejo de continuidade do ser e a necessidade de permanência. Um filho que carrega nossos genes perpetua a vida através de outra vida. Uma árvore que se planta hoje perpassa o tempo; sabemos que algumas árvores vivem séculos. Um livro deixa relatos que se perpetuam além da existência do autor. Para o indivíduo, a memória também tem como função o sentir-se vivo. “Somos quem somos porque nos lembramos” diz Izquierdo (2002, p.9).

A memória autobiográfica permite transmitir mensagens importantes para o desenvolvimento individual (Thorne, McLean e Lawrence, 2004). No envelhecimento a memória autobiográfica relaciona-se à revisão de vida, contribuindo para que indivíduos adotem uma atitude integrativa quanto à sua trajetória de vida, e os eventos significativos tornam-se marcos na organização dessas histórias (Singer e Salovey, 1993). Do ponto de vista do desenvolvimento da identidade pessoal, eventos marcantes constituem os marcos determinantes da organização da história de vida do indivíduo a se autodefinir, se reconhecer na sua própria experiência e a se expressar a respeito da sua trajetória singular. A manutenção de memórias de eventos pessoais como manifestação da memória autobiográfica, é um recurso importante para que um indivíduo mantenha a continuidade da sua identidade pessoal. Essas, entre outras funções, retratam a importância das capacidades da memória autobiográfica em nossas vidas. Também vale ressaltar a escassez de pesquisas brasileiras que abordam o tema da memória autobiográfica (Ades e cols., 1990; Gauer e Gomes, 2005; 2008), menos ainda em idosos saudáveis. Além disso, o aspecto predominante da investigação da memória autobiográfica ainda é a recordação como capacidade individual e estritamente biológica. Todos esses fatores justificam o meu crescente interesse em estudar este tema.

Diante deste panorama, o presente trabalho destaca a necessidade de mais estudos que explorem a memória autobiográfica em idosos saudáveis como um processo que se estabelece na interação. Neste estudo acreditamos que as recordações autobiográficas são reconstruções autobiográficas “esquemáticas”, que podem ser facilitadas pela presença de outra pessoa como objeto de mediação, para superar obstáculos como momentos de incerteza, ambiguidade e lacunas de esquecimento. No nosso entendimento, esta seria uma opção de buscar e destacar mais subsídios que servem de confirmação de que a manutenção de uma rede social na terceira idade pode reduzir o impacto das dificuldades apresentadas na memória autobiográfica ao estimular processos mentais. Sendo assim a presença de outra pessoa na vida dos idosos pode ajudar na reconstrução das lembranças autobiográficas ou pelo menos servir de objetos criativos de reminiscência, consequentemente contribuindo para a qualidade de vida destes idosos.

Para dar conta das opções acima apresentadas propomos neste estudo, o seguinte objetivo: *estudar narrativas autobiográficas de idosos hígidos ou saudáveis explorando o papel do outro nessa recordação.*

Estudar as narrativas autobiográficas de idosos despertou ainda mais o interesse, da pesquisadora, em escutar as experiências dos idosos. Este interesse pelos relatos dos idosos propiciou uma maior disposição para escutá-los, o que terminou vindo ao encontro da necessidade deles em contar suas histórias. Mesmo dentro do convívio familiar, lhes são oferecidas poucas oportunidades de compartilhar as experiências, de tal modo que os encontramos carentes de comunicação. Acreditamos que recontar histórias do seu passado junto com outros pode ser benéfico tanto para quem escuta como para quem fala, numa relação interpessoal que sustenta e dá sentido à continuidade da experiência. O processo de evocação da memória pode, além de propiciar uma reconstrução significativa, já que se constrói num movimento da demanda social e interna do sujeito, reafirmar sua existência no tempo, localizar o indivíduo e nessa atualização provocar mudanças.

Diante dos resultados apresentados no item acima, foram possíveis destacar a estratégia de convenções culturais na recordação individual do idoso, para superar os momentos de dificuldades. A psicologia cultural tem nos mostrado o quanto as funções psicológicas são necessariamente mediada pelas ferramentas sociais ou “artefatos” (Cole, 1996). Por exemplo, controlamos a nossa recordação pela utilização de mediadores concretos (fazendo um nó numa corda, fotos da família e de casa, agendas, computadores, etc.), assim como de mediadores mais gerais, abstratos e “imaginativos” (como “convenções sociais” e “esquemas narrativos”).

A influência dos padrões culturais na recordação, já é bem conhecida nos estudos de Bartlett (1932) e em estudos mais recentes (Mori, 2008, 2009; Wagoner & Gillespie, in press). As pesquisas atuais de Wagoner e Gillespie (in press), oitenta anos depois da realização dos trabalhos de Bartlett, também encontraram a utilização de diferentes recursos culturais (ex: filmes de Hollywood) pelos participantes na recordação da história War of the Ghosts. Ilustrando assim, a grande relação de variabilidade da mente e as variedades de ferramentas de mediação. O nosso estudo contribuiu com a identificação desta influência cultural nas recordações autobiográficas dos idosos. A busca pelo fazer sentido, conduz o idoso à utilização dos seus padrões culturais para preencher os espaços vazios e dar continuidade à expressão da sua trajetória singular.

Os dados também permitiram identificar outras estratégias na recordação em díade, utilizadas pelo idoso para superar momentos de incertezas, ambiguidades e/ou lacunas da recordação do evento autobiográfico (ex: imagem visual, integração por atribuição, repetição, gestos e ritmos, sugestão). Vale ressaltar, que essas estratégias só foram encontradas em situação de recordação junto com o descendente (filho/filha). O que demonstra mais uma vez, porém desta vez para os idosos, o quanto a interação com os outros e com as ferramentas produzidas por seu grupo cultural, em particular a linguagem (Vygotsky, 1931) é importante para operação das funções psicológicas superiores. Da mesma forma que as habilidades mnemônicas das crianças se desenvolvem através da recordação com adultos que já possuem as ferramentas requisitadas da linguagem e narrativa (Harner, 1982; Nelson, 1993; Fivush & Haden 2003); as habilidades mnemônicas dos idosos saudáveis parecem receber suporte através da recordação com outro adulto (filho ou filha).

A presença de um descendente (filho ou filha), recordando o evento autobiográfico junto com o idoso, viabilizou a utilização de ferramentas mediadoras fornecidas pelo filho durante a narrativa do evento. Estas ferramentas mediadoras possibilitaram aos idosos de construir uma narrativa mais elaborada com detalhamentos adicionais. Os momentos de dificuldades foram superados dando continuidade à narrativa do idoso, e a sua reconstrução do evento autobiográfico ao lado do filho. Estes resultados servem como subsídios de confirmação de que a manutenção de uma rede social na terceira idade pode reduzir o impacto das dificuldades apresentadas na memória autobiográfica. Os idosos devem continuar fazendo a sua revisão de vida, se autodefinindo e se reconhecendo na sua própria experiência. Este é um recurso importante para que o idoso mantenha a continuidade da sua identidade pessoal dentro da

sociedade em que vive, oferecendo assim uma melhor qualidade de vida ao idoso. Neste sentido contribuições futuras devem ser feitas ao estudo deste tema.

Novas investigações poderiam contemplar um estudo mais aprofundado das estratégias de mediação com outros parceiros sociais que participaram da vida do idoso (amigos, marido, etc.). Podem ser investigadas as possíveis estratégias que surgem no relato de eventos autobiográficos juntos com outras pessoas que participaram deste evento, assim como a utilização ou não dessas estratégias pelo idoso.

Outra possibilidade de pesquisa seria uma investigação mais aprofundada da presença e utilização dessas estratégias de mediação, fornecida pelo outro, em idosos portadores de demência senil (ex: Alzheimer). A doença de Alzheimer (DA) é a mais comum entre as demências na população idosa, correspondendo a 60%. A perda de memória é o sintoma mais marcante e um dos primeiros a se manifestar nessa doença. No estágio inicial, ocorre maior prejuízo na memória episódica (Tounsi et al. 1999), conhecida por alguns autores como memória autobiográfica (Izquierdo, 2002). Relatos desses pacientes juntos com parceiros que participaram do evento autobiográfico podem ser explorados, na busca pela presença e utilização de algumas estratégias de mediação que possam servir de medidas compensatórias para as dificuldades das recordações autobiográficas. Estudos como estes são muito importantes para dar continuidade à elaboração de intervenções que implique restauração física, psicológica e social, para o mais alto nível de adaptação possível de cada paciente.

Os dados deste trabalho permitiram a identificação das estratégias de mediação na recordação em diáde, mas algumas questões sobre a relação e delimitação dessas estratégias permanecem em aberto (como essas estratégias estão relacionadas ou são totalmente diferentes?).

Em alguns momentos da nossa análise houve hesitações sobre a estratégia utilizada. Poderíamos talvez, em alguns casos falar de uma utilização de duas ou mais estratégias ao mesmo tempo. Muitos casos pareciam utilizar a estratégia integração por atribuição, porém uma observação mais minuciosa permite confirmar que não seria uma simples reutilização do que teria sido dito pelo outro (filho ou filha). A estratégia de integração por atribuição parece ser a mais confusa, por ser uma simples reutilização de algo que não tenha sido recordado pelo idoso no momento de incerteza. Ela é uma reutilização pelo idoso, das mesmas palavras utilizadas pelo outro (filho ou filha) sem nenhuma discussão, ela é aceita e integrada. Por ser a estratégia mais simples e mais utilizada, tínhamos sempre a impressão de estar diante da utilização de uma

estratégia de atribuição. Estratégias como a de repetição e sugestão não possuem uma delimitação bem definida com a estratégia de atribuição. Elas também reutilizam o que foi dito pelo outro, porém essa reutilização acontece após várias repetições ou após ter sido retrabalhada e reformulada com detalhamento adicional.

Outra estratégia que também parece estar muitas vezes presentes nos exemplos seria a imagem visual. Em alguns momentos da nossa análise, as estratégias de atribuição, sugestão ou gestos e ritmos deixavam a impressão de estarem sendo transformadas em imagens visuais pelo idoso. Os gestos e ritmos são uma janela de abertura para a imaginação visual subjetiva do participante (McNeil, 1996), assim como as palavras ativam uma estrutura representacional na memória (Carthery-Goulart e Parente, 2006). Esse efeito de imageabilidade ou concretude muitas vezes podem não ser perceptíveis nas narrativas dos idosos, mas estarem presentes na utilização de outras estratégias de mediação.

A contribuição de pesquisas futuras sobre as estratégias aqui observadas é necessária para melhor aprofundar e delimitar essas estratégias de mediação. Novos estudos podem extrair mais características singulares de cada estratégia assim como trazer novas sugestões sobre como estas estratégias estão inter-relacionadas.

Neste trabalho desenvolvemos a metáfora da recordação de Bartlett e Vigotski como uma atividade de construção. Nesta perspectiva a natureza temporal da recordação recebe destaque, ou seja, as memórias no seu processo de construção. Estendendo esta metáfora, nos perguntamos que ferramentas são utilizadas pelo idoso para realizar esta atividade, tanto individualmente quanto em díade. Assim, neste estudo percebemos que estas ferramentas da recordação são relações sociais, concebidas com algo que tenha pertencido ou que pertence ao plano das atividades interpessoais. Ou seja, elas são interligadas a comunicação, cultura e sociedade. Podemos ainda falar de uma relação direta entre as ferramentas utilizadas na recordação e a direção tomada pela memória na sua construção. Assim como os Egípcios não poderiam construir mais alto do que as pirâmides, com as tecnologias que possuíam naquela época, as memórias autobiográficas dos idosos também são limitadas e ativadas pelas ferramentas que são utilizadas para construí-las.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁸

- Ades, C., Botelho, A., Duarte, C. S., Teixeira, M. M., Arruk, M. E., Melo, P. C. & Gazire, P. (1990). Qualidade e intensidade do afeto como determinantes da memória cotidiana. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6 (2), pp.111-123.
- Alexandre, J-M. (1990). *Introdução in Halbwachs, Maurice. Memória coletiva*. Tradução de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice.
- Almeida, O. (1998). Mini- exame do estado mental e o diagnóstico de demência no Brasil. *Arq. Neuropsiquiatria*. 56, pp.605-612.
- Andersson, J., & Ronnberg, J. (1995). Recall suffers from collaboration: joint recall effects of friendship and task complexity. *Applied Cognitive Psychology*, 9, 199-211.
- Andersson, J., & Ronnberg, J. (1996). Collaboration and memory: effects of dyadic retrieval on different memory tasks. *Applied Cognitive Psychology*, 10, 171-181.
- Andrews, M. (2007). *Shapping history: narratives and political change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Antunes, H. K. M., Santos, R. F. & Mello, M. T. (2005). Avaliação cognitiva. Em Matsudo, S. M. M. *Avaliação do Idoso: física e funcional*. Londrina, Midiograf.
- Baddeley, A.D. (1986). *Working Memory*. New York: Oxford University Press.
- Baddeley, A. D. (1999). What is memory? In *Essentials of human memory*. Psychology Press, Cap.1, pp.1-20.
- Baddeley, A. D., Eysenck M. W., Anderson M. C. (2009). *Memory*. Psychology Press.
- Bakhurst, D. (1990). Social Memory in Soviet Thought. *Collective Remembering*. pp.203-226. London, Sage.
- Baltes, P. B. (1994). Envelhecimento cognitivo: potencialidades e limites. *Gerontologia*, Vol.2, no.1, pp.23-44.
- Bardin L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Ed. Edições 70, Lisboa.
- Bartlett, F. C. (1932/1977). *Remembering: a study in Experimental and Social Psychology*. Cambridge : Cambridge University Press.
- Bergman, E. K. & Roediger, H. L. (1999). Can Bartlett's repeated reproduction experiments be replicated? *Memory & Cognition*, 27(6), pp.937-917.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. 3a ed. São Paulo: Cia das letras.
- Bower, G. H., Black, J. B., & Turner, T. J. (1979). Scripts in memory for test. *Cognitive Psychology*, 11, 177-220.
- Braga, E. S. (2002). *Memória e narrativa – da dramática constituição do sujeito social*. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação

⁸ De acordo com estilo APA – American Psychological Association

- Bransford, J. D., & Johnson, M. K. (1972). Contextual prerequisites for understanding. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 11, 717-726.
- Brockmeier J. (2002a). Remembering and forgetting: narrative as cultural memory. *Culture & Psychology*. 8(1), pp. 15-43.
- Brockmeier J. (2002b). Searching for cultural memory. *Culture & Psychology*. 8(1), pp. 5-14.
- Brockmeier J. (2010). After the Archive: Remapping Memory. *Culture & Psychology*. 16(1), pp. 5 – 35.
- Bruner, J. (1991). “The Narrative Construction of Reality”, *Critical Inquiry* 18, pp. 1-21.
- Bruner, J. (1997). *Atos de Significação*. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Canguilhem, G. (1995). *O normal e o patológico*. 4a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Carthery-Goulart, M. T., & Parente, M. A. M. P. (2006). Leitura e escrita e o envelhecimento. In M. A. M. P. Parente (Ed.), *Cognição e envelhecimento* (pp. 191-202). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Cole, M. (1996). *Culture & Psychology: a once and future discipline*. Cambridge :Harvard University Press.
- Conway, M. A. (1997). Inventory experience memory identity. In J. W. Pennebaker, D. Paez, & B. Rimae (Eds.), *Collective memory of politica events: Social psychological perspectives* (pp. 21–45). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Conway, M. A. (2005). Memory and the Self. *Journal of memory and language*, 53, pp. 594-628.
- Craik, F. I. M. (2000). Age related changes in human memory. In D. N. Park & N. Schwartz (Eds.), *Cognitive aging: A primer* (pp. 75–92). Philadelphia: Psychology Press.
- Danziger, K. (1985). The methodological imperative in Psychology. *Philosophy of the Social Science*, 15, pp.1-13.
- Danziger, K. (1990). *Constructing the subject*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Davidson, R. J. e Irwin, W. (1999). The functional neuroanatomy of emotion and affective style. *Trends in Cognitive Science*, 3, pp.11-21. Inglaterra, Londres.
- Duarte, L. R. S. (1999). Idade cronológica: mera questão referencial no processo de envelhecimento. *Est.Interdiscipl.Envelhec.*, UFRGS, PortoAlegre, 2, pp.35-47.
- Edwards, D., Potter, J., Middleton, D. (1992). Toward a Discursive Psychology of remembering. *The Psychologist: Bulletin of the British Psychological Society*. Leicester, October, pp.441-455.
- Erll, A. (2008). Cultural memory studies: an introduction. In A. Erll & A. Nunning (Eds.), *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin & New York: de Gruyter. pp.1-15.
- Fivush, R., & Haden, C.A. (Eds.). (2003). *Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Frank, J. & Landeira, J. (2006). Rememoração, Subjetividade e as Bases Neurais da Memória Autobiográfica. *Psicologia Clinica*. Rio de Janeiro, 18,(1), pp.35-47.

- Frank, J.; Tomaz, C. (2004). Lateralized impairment of the emotional enhancement of verbal memory in patients with amygdala-hippocampus lesion. *Brain and Cognition*, 52, pp.223-230. EUA, Nova Iorque.
- Gauer, G. (2005). Memória autobiográfica: qualidades fenomenais da recordação consciente e propriedades atribuídas a eventos pessoais marcantes. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Gauer, G.; Silveira, A. M. & Gomes, W. B. (2008). Intensidade emocional de memórias autobiográficas: efeito de sexo e ensaios repetidos. *Psico* 39(3), pp.308-316.
- Greenberg, D. L., & Rubin, D. C. (2003). The neuropsychology of autobiographical memory. *Cortex*, 39, pp.687-728.
- Gluck, J. & Bluck, S. (2007). Looking back across the lifespan: A life story account of the reminiscence bump. *Memory and Cognition*, 35, pp.1928-1939.
- Halbwachs, M. (1952). *Les cadres sociaux de la memoire*. Paris: Presses Universitaire de France.
- Halbwachs, M. (1990). *Memoria coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo : Vértice.
- Harner, L. (1982). Talking about the past and future. In W.J. Friedman (Ed.) *The developmental psychology of time*. (pp. 141-170). New York: Academy Press
- Izquierdo, I. (2002). *Memória*. Porto alegre, RS: Artmed.
- Junker, M.-O. (2007) The Language of memory in East Cree. In M. Amberber (Ed.), *The language of memory in a crooslinguistic perspective* (pp. 235-261). Amesterdam: John Benjamins.
- Lèger, J.M., Tessier, J.F., Mouty, M.D. (1989). *Psicopatologia do Envelhecimento*. Petrópolis,RJ: Vozes.
- Levine, B., Svoboda, E., Hay, J. F., Winocur, G., & Moscovitch, M. (2002). Aging and autobiographical memory: Dissociating episodic from semantic memory. *Psychology and Aging*, 17, pp.677-689.
- Luria, A. R. (2003). *O caso do homem que memorizava tudo*, Trad. de João Vilhena, Lisboa, Relógio D'Água Editores. (Originalmente publicado em 1968).
- Markowitsch, H. J. (1998/99). Differential contribution of the right and left amygdala to affective information processing. *Behavioral Neurology*, 11, pp.233-244. Holanda, Amsterdã.
- Markowitsch, H. J. (2003). Psychogenic amnesia. *NeuroImage*, 20, pp.132-138.
- McAdams, D. P. (1985). *Intimacy: the need to be close*. New York: Doubleday.
- McNeil, D. (1996). *Hand and Mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago.

- Meudell, P. R., Hitch, G. J., & Kirby, P. (1992). Are two heads better than one? Experimental investigations of the social facilitations of memory. *Applied Cognitive Psychology*, 6, pp.525-543.
- Meudell, P. R., Hitch, G. J., & Boyle, M. M. (1995). Collaboration in recall: do pairs of people cross-cue each other to produce new memories? *Quarterly Journal of Experimental Psychology: Human Experimental Psychology*. 48(A), pp.141-152.
- Michell, J. (2004). The place of qualitative research in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 1, pp.307-319.
- Middleton, D., & Edwards, D. (1990). Conversational remembering: A social psychology approach. In Middleton & D. Edwards (Eds.). *Collective remembering*. pp.23-46. London: Sage.
- Mori, N. (2008). Styles of remembering and types of experience: An experimental investigation of reconstructive memory. *Integrative Psychological and Behavioral Science* 42, pp.291-314.
- Mori, N. (2009). The Schema Approach. In: J. Valsiner, P. Molenaar, N. Chaudhary, and M. Lyra (Eds.). *Handbook of Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences*. New York: Springer.
- Mori, N. (2010). Remembering with others: The veracity of an experience in the symbol formation process. In B. Wagoner (Ed.). *Symbolic transformation: The mind in movement through culture and society*. London: Routledge.
- Moscovitch, M. & Winocur, G. (1992). The neuropsychology of memory and aging. In F. I. M. Craik, & T. A. Salthouse (Eds.), *The handbook of aging and cognition*. pp. 315-372. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Nadel, S. F. (1937). Experiments on culture psychology. *African*, 10, pp.421-435.
- Neisser, U. (1994). Self Narratives: true and false. In U. Neisser & R. Fivush (Eds.), *The remembering self: construction and accuracy in the self- narrative*. pp. 1-18, New York: Cambridge University Press.
- Nelson, K. (1993). The Psychology and social origins of autobiographical memory. *Psychological Science*, 4, pp. 7-14.
- Nelson, K. & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: A social cultural developmental theory. *Psychological Review* 111(2), pp.486-511.
- Neri, A. L. (1995). Bem-estar e estresse em familiares que cuidam de idosos fragilizados e de alta dependência. Em Neri, A. L. (org.). *Psicologia do envelhecimento: tópicos selecionados numa perspectiva do curso de vida*. Campinas: Papirus.
- Neri, A. L. (2001). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea.
- Neri, A. L. (2002). Envelhecer bem no trabalho: possibilidades individuais, organizacionais e sociais. *Terceira Idade*, 13(24), pp.7-27.
- Neri, A.L., Lucena e Carvalho V. (2002) *O bem-estar do cuidador: aspectos psicossociais*. Em Freitas EV et al. pp.778-90.

- Neri, A. L., Yassuda, M. S. e Cachioni, M. (2004). *Velhice bem sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas: Papirus.
- Neuschatz, J. S., Lampinem, J. M., Preston, E. L., Hawkins, E. R. & Toglia, M. P. (2002). The effect of memory schemata on memory and phenomenological experience of naturalistic situations. *Applied Cognitive Psychology*, 16, pp.687- 708.
- Nyberg, L. & Tulving, E. (1996). Classifying human long-term memory: evidence from converging dissociations. *European Journal of Cognitive Psychology*. 8, pp. 163-183.
- Obevesekere, G. (1981). *Medusa's Hair. An essay on personal symbols and religious experience*. Chicago: University of Chicago Press.
- Obevesekere, G. (1990). *The work of culture: Symbolic transformation in psychoanalysis and anthropology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Obevesekere, G. (2010). Deep motivation and the work of culture in Christian penitential ecstasy. In Wagoner (Ed.). *Symbolic transformation: The mind in movement through culture and society*. pp. 120-141. London: Routledge.
- Palmer, S. E. (1975). The effects of contextual scenes on the identification of objects. *Memory and Cognition*, 3, pp.519-526.
- Papaléo, N. M., Ponte, J. R. (1996). Envelhecimento: desafio da transição do século. In: Papaléo N., M.(org.). *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu.
- Pergher, G.K. (2005). *Avaliando a especificidade da memória autobiográfica: o teste da memória autobiográfica*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia, PUCRS.
- Pergher, G. K. (2006). Grassi-Oliveira, R., Ávila, L. M. & Stein L. M. (2006). Memória, Humor e emoção. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(1), pp.61-68.
- Pergher K. G., Stein M. L. (2008). Recuperando memórias autobiográficas: avaliação da versão brasileira do teste de memória autobiográfica. *PSICO*, 39(3), pp. 299-307. Porto Alegre, PUCRS.
- Pergher K. G. (2010). Falsas Memórias Autobiográficas (p.101-113). Em Stein, L. M. & cols. *Falsas Memórias*. Porto Alegre. Ed. Artmed.
- Piolino, P.,Desgranges, & Eustache, F. (2000). *La Mémoire Autobiographique: théorie et pratique*. Ed. Solal.
- Piolino, P.,Desgranges, B.,Benali, K., & Eustache, F. (2002). Episodic and Semantic remote autobiographical memory in aging. *Memory*, 10. pp.239-257.
- Piolino, P. (2003). Le vieillissement normal de la memoire autobiographique [Autobiographical memory in aging]. *Psychologie et NeuroPsychiatrie du Vieillissement*, 1, pp.25–35.
- Robinson, J. A. & Swanson, K. L., (1990). Autobiographical memory : The next phase. *Applied Cognitive Psychology*, 4, pp.321-335.
- Rowe e Kahn. (1998). *Sucessfull Aging*. Hardcover edition.
- Rubin, D. C. & Wenzel, A. E. (1996). One hundred years of forgetting: A quantative description of retention. *Psychological Review*, 103, pp.734-760.
- Rubin, D. C., Greeneberg, D. L. (1998). Visual memory deficit amnesia: a distinct amnesic presentation and etiology. *Proc Natl Acad Sci USA*, 95, pp.5413-5416.

- Rubin, D. C. (2000). The distribution of early childhood memories. *Memory*, 8, pp.265-269.
- Stake, R. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks, CA: Sage publications.
- Schank, R. C. & Abelson, R. P. (1977). *Scripts, plans, Goals and Understanding*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Singer, J. A., & Salovey, P. (1993). *The remembered self: emotion and memory in personality*. New York, NY : Free Press.
- Stein, L. M. & cols. (2010). *Falsas Memórias*. Porto Alegre. Ed. Artmed
- Stotto J., Louzã N. (1999). *Depressão na Terceira Idade*. São Paulo. Lemos,1999.
- Thorne, A., McLean, K. C. & Lawrence, A. M. (2004). When remembering is not enough: reflecting on self-defining memories in late adolescence. *Journal of personality*, 72(3), pp.513-542.
- Toomela, A. (2009). The methodology of idiographic science: the limits of single-case studies and the role of typology. In: Salvatore, S., Valsiner, J., Simon, J. T., & Gennaro, A. *YearBook of Idiographic Science*. (Vol.2). Firera & Liuzzo Publishing.
- Tounsi, H., Deweer, B., Ergis, A. M., Van der Linden, M., Pillon, B., Michon, A., et al. (1999). Sensitivity to semantic cuing: an index of episodic memory dysfunction in early Alzheimer disease. *Alzheimer Dis Assoc Disord*, 13(1), pp.38-46.
- Tulving, E. (1972). Episodic and Semantic memory. In E. Tulving & W. Donaldson (Eds.), *Organization of memory*. pp. 381-403.
- Tulving, E. (1983). *Elements of Episodic Memory*. Oxford: Oxford University Press.
- Tulving, E. (1985). How many memory systems are there? *American Psychologist*, 40, pp.385-398.
- Tulving E., Schacter D. L., McLaughlan, D. R. & Moscovitch, M. (1988). Priming of semantic autobiographical knowledge: A case study of retrograde amnesia. *Brain and Cognition*, 8, pp.3-20.
- Tulving, E. (2002). Episodic memory: From mind to brain. *Annual Review of Psychology*, 53, pp.1-25.
- Valsiner, J. (1997). *Culture and the development of children's action: A theory of human development*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Valsiner, J. (2003). Beyond social representation: A theory of enablement. *Papers on social representations*, 12,(7), pp.1-16.
- Valsiner, J. & Salvatore S. (2010). Between the General and the Unique: overcoming the nomothetic versus idiographic opposition. *Theory & Psychology*, 20(6), pp.817-833.
- Van der Verr, R., & Valsiner, J. (1991). *Understanding Vygotsky : A quest for synthesis*. Oxford: Blackwell.
- Vasconcellos, S. J. L., & Vasconcellos, C. T. D. V. (2007). Uma análise das duas revoluções cognitivas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 12,(2), pp. 385-391.
- Vigotski, L. S. (1991). *A formação social da mente*. Organizadores Michael Cole et al. Tradução de José Cipolla Neto et al. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes.

- Vigotski, L. S. (1996). *Teoria e método em psicologia*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999). *O desenvolvimento psicológico na infância*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educação e Sociedade*. Ano XXI, n.º 71, pp. 21-44.
- Vigotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo, Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society. The development of higher psychological processes*. Em M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner & E. Souberman (Orgs.). Cambridge/London: Harvard University Press.
- Vygotsky, L. S. (1987). The Development of Mnemonic and Mnemotechnical functions. Collected Works, (Vol. 4). *The History of Developmental Science*. New York: Plenum.
- Vygotsky, L. S.; Luria, A. R. (1992). *Ape, primitive man, and child; essays in the history of behaviour*. Tradução de Evelyn Rossiter, London: Harvester Wheatsheaf.
- Vygotsky, L. & Luria, A. (1994). Tool and symbol in child development. In J. Valsiner & R. van der Veer (Eds.), *The Vygotsky Reader* (pp. 99-172). Oxford: Blackwell.
- Wagoner, B. (2009). The Experimental Methodology of Constructive Microgenesis. In: J. Valsiner, P. Molenaar, N. Chaudhary, and M. Lyra (Eds.). *Handbook of Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences* (pp. 99-121). New York: Springer.
- Wagoner, B. (2010a). Remembering Methodology: Experimenting with Bartlett. In: A. Toomela & J. Valsiner (Eds.), *Methodological Thinking in Psychology: 60 Years Gone Astray?* (pp. 145- 187). Charlotte, N.C.: Information Age Publishers.
- Wagoner, B. (2010b). Remembering Apparent Behavior: A study of narrative mediation. In: S. Salvatore & J. Valsiner (Eds.), *Yearbook of Idiographic Science 2009*. Rome: Publishing Group.
- Wagoner, B. (2011). Meaning construction in remembering: A synthesis of Bartlett and Vygotsky. In: J. Stenner, J. Cromby, P. Motzkau, J. Yen (Eds.), *Encompassing theoretical Psychology: east/western/south/north*. Toronto: Captus Press.
- Wagoner, B. (2011, in press). Culture in constructive remembering. *British Journal of Social Psychology*.
- Wagoner, B. & Gillespie, A. (2011, in press). Social and Psychological processes mediating remembering: A contemporary extension of Bartlett's repeated reproduction experiment. *British Journal of Social Psychology*.
- Wang, Q. & Brockmeier J. (2002). Autobiographical remembering as cultural practice: understanding the interplay between memory, self and culture. *Culture & Psychology*. Vol. 8(1). pp. 45-64.
- Weldon, M. S. & Bellinger, K. D. (1997). Collective memory : Collaborative and Individual processes in remembering. *Journal of experimental psychology : learning, memory and cognition*. 23(5), pp.1160-1175.

- Wertheimer, M. (1982). *Pequena história da psicologia*. São Paulo. Companhia Editora Nacional.
- Wertsch, J. V. (1994). *Vygotsky and social formation of mind*. Fifth printing. Cambridge:Harvard University Press.
- Wertsch, J. V. (2009). Collectives Memories. In P. Boyer & J. V. Wertsch (Eds.), *Memory in mind and culture*. New York Cambridge University Press (pp. 117-137).
- Williams, J. M. G. (1992). Autobiographical memory and emotional disorders. In S. A. Christianson (Org.). *The handbook of emotion and memory: research and theory*. (pp.451-477). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Williams, H. L., Conway, M. A., & Cohen, G. (2008). Autobiographical memory. In G. Cohen & M. A. Conway (Eds.), *Memory in the real world*. (pp. 21-90). Hove, UK: Psychology Press.
- Yassuda, M. S. (2002). Memória e o envelhecimento saudável. Em Freitas, E.V., PY, L., Neri,A L., Cançado,F AX., Gorzoni M.L., ROCHA, S.M. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. RiodeJaneiro: GuanabaraKoogan.
- Yates, F. (1966). *The Art of Memory*. Chicago: University of Chicago Press.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS IDOSOS.

Funcionamento da memória autobiográfica em idosos saudáveis

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, realizada por *Karen Meireles Varela* e sua professora/orientadora *Maria C. D. P. Lyra* da pós-graduação em psicologia cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.

Esta pesquisa tem como *objetivo* estudar narrativas autobiográficas de idosos hígidos ou saudáveis explorando o papel do outro nessa recordação.

Ao participar você deverá submeter-se a um teste que avalia memória, orientação, atenção e linguagem; responder a um questionário contendo alguns dados de identificação pessoal; e relatar um evento autobiográfico. Sendo beneficiado com uma avaliação e orientação, dada pela própria pesquisadora, a respeito das suas funções avaliadas. No entanto você correrá o risco de se inibir com alguma pergunta ou com o fato de relatar um evento autobiográfico, ficando deste modo livre para não participar.

Todas as informações coletadas são estritamente confidenciais. Os questionários e testes serão identificados com um código em substituição ao nome. Você não terá nenhum tipo de despesa e nada será pago por sua participação. Sempre que quiser poderá pedir informações sobre a pesquisa, com a pesquisadora através do email: karenmv81@gmail.com ou pelos telefones **32712599** ou **78119070** (Endereço: Rua Diógenes Sampaio 398, Várzea CEP: 50980-250 Recife –PE).

Você tem total liberdade de recusar-se a participar, sem qualquer prejuízo.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu _____

de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar de pesquisa.

Recife, / /

Assinatura do participante

Pesquisadora

Testemunha 1

Testemunha 2

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS DESCENDENTES (FILHO OU FILHA).

Funcionamento da memória autobiográfica em idosos saudáveis

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, realizada por *Karen Meireles Varela* e sua professora/orientadora *Maria C. D. P. Lyra* da pós-graduação em psicologia cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.

Esta pesquisa tem como *objetivo* estudar narrativas autobiográficas de idosos hígidos ou saudáveis explorando o papel do outro nessa recordação.

Ao participar você deverá relatar um evento autobiográfico. Em relação ao benefício, se espera que este estudo contribua a fornecer maior informação que permita ter uma maior compreensão sobre em que medida o outro auxilia no processo de recordação de um evento autobiográfico. No entanto você correrá o risco de se inibir com o fato de relatar um evento autobiográfico, ficando deste modo livre para não participar.

Todas as informações coletadas são estritamente confidenciais. Os questionários e testes serão identificados com um código em substituição ao nome. Você não terá nenhum tipo de despesa e nada será pago por sua participação. Sempre que quiser poderá pedir informações sobre a pesquisa, com a pesquisadora através do email: karenmv81@gmail.com ou pelos telefones **32712599** ou **78119070** (Endereço: Rua Diógenes Sampaio 398, Várzea CEP: 50980-250 Recife –PE).

Você tem total liberdade de recusar-se a participar, sem qualquer prejuízo.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu _____

de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar de pesquisa.

Recife, / /

Assinatura do participante

Pesquisadora

Testemunha 1

Testemunha 2

ANEXO C - QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

CARACTERÍSTICAS GERAIS:

1. N° do entrevistado: _____

2. Idade: _____

3. Sexo: (1) Masculino (2) Feminino

4. Nacionalidade: _____
Naturalidade _____

5. Estado Civil: (1) Solteiro (2) Casado (3) Viúvo (4) Descasado

6. Cor ou Raça: (1) Branca (2) Preta (3) Amarela (4) Parda (5) Indígena

7. Religião: (1) Católico (2) Evangélico (4) Espírita (4) Não tem (5) Outra

8. Nível de Renda: (1) 1 a 4 sm (2) 5 a 8 sm (3) 9 a 12 sm (4) 13 a 16 sm (5) 17 ou mais sm

9. Escolaridade:

(1) Superior (2) Pós-Graduação

CARACTERÍSTICAS DE TRABALHO:

10. Profissão: _____

11. É Aposentado? (1) Sim (2) Não

11. 1 Se Sim. Há quanto tempo:

(1) 1 a 5 anos (2) 6 a 10 anos (3) 11 a 15 anos (4) 16 a 20 anos (5) Mais de 21 anos

12. Exerce alguma ocupação remunerada:

(1) Sim (2) Não

Se Sim: Qual? _____

Com que frequência e quantas horas? _____

CARACTERÍSTICAS DAS RELAÇÃO SOCIAIS:

13. Com que frequência você vê Televisão?

(1) Nunca (2) Raramente (3) Frequentemente (4) Diariamente

14. Com que frequência você lê Jornal, Revista, Livros?

(1) Nunca (2) Raramente (3) Frequentemente (4) Diariamente

15. Qual é a atividade que ocupa mais o seu tempo?

16. Com o que você ocupa mais seu tempo quando esta em casa?

17. Quantas pessoas moram com você?

(1) Mora sozinha (2) Uma (3) Duas (3) Três (4) Quatro (5) Cinco (6) Mais de Cinco

18. Quantos dias você costuma sair de casa?

(1) Nunca (2) Um a dois dias (3) Três a Quatro dias (4) Cinco a Seis dias (5) Diariamente

19. Você se considera uma pessoa de muitos amigos? (1) Sim (2) Não

20. Você costuma fazer algum tipo de atividade de lazer como:

- | | | |
|------------------------|---------|---------|
| (a) Ir ao cinema | (1) Sim | (2) Não |
| (b) Jogos entre amigos | (1) Sim | (2) Não |
| (c) Aulas de Dança | (1) Sim | (2) Não |
| (d) Aulas de Canto | (1) Sim | (2) Não |
| (e) Tocar Instrumento | (1) Sim | (2) Não |
| (f) Atividades Manuais | (1) Sim | (2) Não |
| (g) Atividades Física | (1) Sim | (2) Não |
| (h) Outros | (1) Sim | (2) Não |

CARACTERÍSTICAS DE SAÚDE:

21. De um modo geral você considera sua saúde?

(1) Muito boa (2) Boa (3) Ruim (4) Muito Ruim

22. Nas ultimas duas semanas você deixou de realizar você deixou de realizar quaisquer de suas atividades habituais por motivos de saúde? (1) Sim (2) Não

23. Se Sim. Qual motivo? _____

24. Você tem alguma doença crônica? (1) Sim (2) Não

25. Se Sim. Qual? _____

26. Você se queixa de alguma dificuldade de memória? (1) Sim (2) Não

27. Com que frequência?

(1) Muito Raramente

(2) Raramente

(3) Frequentemente

(4) Muito frequentemente

28. O que você costuma fazer para lembrar?

29. Você pratica alguma atividade física? (1) Sim (2) Não

30. Qual? Com que frequência?

ANEXO D – MINI-EXAME DO ESTADO MENTAL (MEEM) reproduzido de Antunes et al.;2005.

Nº do entrevistado: _____

Data da avaliação ____/____/____

Avaliador: _____

Orientação (temporal e espacial)

Dia da semana (1ponto)()

Dia do mês(1ponto).....()

Mês(1ponto).....()

Ano(1ponto).....()

Hora aproximada(1ponto).....()

Local específico (andar ou setor) (1ponto).....()

Instituição (residência, hospital, clínica) (1ponto).....()

Bairro ou rua próxima(1ponto).....()

Cidade(1ponto).....()

Estado(1ponto).....()

Memória imediata

Fale o nome de 3 objetos não relacionados

Então pergunte ao entrevista o nome dos 3 depois de você ter dito

1 ponto para cada resposta correta.....()

Atenção e Cálculo

Série de 7: subtrai 7 de 100 até 65 (5 vezes sucessivas)

1 ponto para cada resposta correta.....()

Memória de Evocação

Pergunte os nomes dos 3 objetos ditos anteriormente

1 ponto para cada resposta correta.....()

Linguagem

Nomear um relógio e uma caneta (2 pontos).....()

Repetir: “nem aqui, nem ali, nem lá” (1 ponto).....()

Comando: “Pegue este papel com sua mão direita, dobre ao meio e coloque no chão” (3 pontos)..()

Ler e obedecer: “Feche os olhos” (1 ponto).....()

Escreva uma frase (deve conter sujeito, objeto e fazer sentido) (1 ponto).....()

Copia um desenho (1 ponto).....()

Escore

ANEXO E- TRANSCRIÇÕES INTEGRAIS DAS NARRATIVAS DOS IDOSOS

Transcrição IDOSO 1-

Idoso Sozinho

A Festa da Tia Marileide da academia corporal que ela foi, eu levava ela para fazer[...] é [...] os ensaios, né.

Ai depois teve no teatro do[...] Acho que não sei se foi do parque ou Waldemar de oliveira, eu levei ela e ai ela foi dançar, acho que foi no teatro Santa Izabel, ai quando ela tava levantando as pernas assim a bota voou (risos).

Eu só vi as botas voando pelos ares aquele negocio que tinha amarrado imitando uma bota. Todo mundo dançando ai quando eu vi a dela Vupt voando. Era uma coreografia bonita, mas não me lembro de muita coisa, tinha uma musica[...] uma musica[...]acho que era da Xuxa. Mas era uma musica forte.

Eu acho que foi no teatro[...] Eu acho foi no teatro Santa Izabel. Foi o Santa Izabel ou foi o Centro de convenções em que as minhas outras filhas dançaram também. Mas eu me lembro deste detalhe da minha filha.

Idoso + Filho

I - Você lembra que eu levava você para aquelas coisas de Tia Marileide...

F- O balé! Em que tinha o palco que abaixava e subia.

I – é o balé, ai um belo dia ia ter, vcs ensaiavam muito, agora que eu lembro qual foi o teatro. No teatro a[...] Centro de Convenções você aparecendo com o palco subindo.

F – Sei

I- depois subia assim , ai vocês saiam, ai você começou a dançar

F- certo

I- você e uma turma bem grande assim, né. Ai, eu só vi a[...] (risos)

F- a bota voando

I- a bota voando (risos)

F- foi[...]

I – te lembra?

F- lembro

I – você toda bonita que você tinha até um retrato aí, não tem o retrato ?

F- é

I – aí não sei se no retrato você tá com a bota, se já tinha posto a bota. Não sei se você foi buscar a bota. Acho que você foi buscar a bota.

F- Ah[...]

I – Tu lembra?

F- eu sacudi a outra perna para ficar sem a outra bota, aí eu fiquei sem nenhuma bota

I- Ah sim! Foi mesmo, agora eu me lembro você ficou sem nenhuma bota.

F- é que como minhas batatas eram muito grandes elas fizeram uma adaptação, uma bota especial, e aí quando eu tava dançando a adaptação voou, e aí pra não ficar diferente, pois eu ainda fiquei com[...]

I- a sapatilha não foi

F- a sapatilha, aí eu peguei e sacudi a outra! Ah eu lembro

I- lembra

F- Eu dancei muito bem, não foi mãe?

I- foi, você estava bem pintada, não foi

F- foi uma boa apresentação?

I- com um rosto bem bonito, foi boa a apresentação

F- eu lembro que a roupa tinha um negocio brilhante dourado, era um colante preto com dourado

I – você com as coxas grossas, agora bem maquiada, não me lembro muito bem da música ou da coreografia, me lembro mais ou menos[...]

F- eu me lembro de algumas coisas dos passos, que tinha alguns passos assim: Tum Tum Tum[...] (faz imitação dos passos)

I- (Risos) me lembro destes passos vocês se deslocavam todas com os braços para cima no outro sentido do palco, mas e a música?

F- eu lembro que eu treinei muito

I- e a música?

F- Pra poder embolar, porque tinha uma parte em que deitava assim e embolava e eu tinha medo de quebrar o pescoço.

I- e a música?

F- a música era algo bem agitado, mas tinha um final assim: Tum Tum Tum[...] ai acalmava[...] a música era bem agitada assim de discoteca e muito bonita, qual era a música?

I- era[...] era[...]

F- era uma música muito bonita, eu lembro que eu treine muito para embolar

I - era[...]era da Xuxa? Não! Não era da Xuxa não, era uma musica bem da balada discoteca, tinha um final mais lento. É, era uma musica bem bonita, agora eu me lembro. Tinha mais coisa?

F- agente dançou essa e mais outra, mas essa eu me lembro bem, essa era pra mais velho. Nós ficamos lá naquele[...] que tem uma dessas[...] Na parte de cima[...]Eu, você, papai, as meninas[...]Ficamos na parte do[...] do camarin!

I- camarote, foi num daqueles camarotes

F – Eu me lembro que eu estava muito nervosa. Muito emocionada que era minha primeira dança de gente grande. Não era mais aquelas musicas turma da Xuxa. Já era sei lá 15 anos.

I- Não nada de 15 anos, você tinha 10, 12, você tinha [...]

F- 12 anos

I- 12 anos, você foi embora para os estados unidos logo depois. As meninas eram pequenas.

F- Pronto só lembro isso

I- é

Transcrição Idoso 2

Idoso Sozinho

A primeira comunhão dela, ela tinha[...] mais ou menos uns 12 anos quando ela fez a primeira comunhão, foi na praia[...], na praia[...], na praia da Conceição. Foi um dia maravilhoso. Agente não fez festa porque, agente éramos novatos lá, e não tínhamos muitos amigos sabe?ai agente não fez festa. Mas fez a primeira comunhão tiramos retratos, foi um dia muito alegre pra gente.Ela estava vestida com um vestido, com um tecido de[...], de[...] Já não lembro.

Todo branco, né. E eu me lembro que o vestido dela eram 3 saias uma saia por cima da outra, sabe como é? Era lindo o vestido. Mas na[...] era muito atrasado[...] mas agente arranhou um homem que tirou o retrato dela pra ficar de lembrança e lá tinha muita amiga ela, tinha bem umas dez amigas que estudaram juntas. Foram lá em casa agente fez um bolinho, não fez festa sabe? Mas foi alegre. E o vestido foi eu quem costurei ele era muito lindo. Eu lembro da alegria deste dia. La na Igreja não tinha padre, tinha a igreja pequena e o padre era[...], era[...]ele vinha de[...] A Igreja era N. Sr da Conceição e[...]o padre vinha de[...], de[...], de longe e ia para lá, fazer a primeira comunhão rezar a missa. Esse dia era um dia de festa sabe? Mas tudo passou.

Idoso 2 + Filho

I- Ela estava vestida de vestido branco de 3 saias

F- é isso ai saiete, sapato branco, o[...], o[...],o[...]fotografo que papai arrumou ele trabalhava no escritório da companhia e eu me arrumei toda e todo mundo se ajeitou e se arrumo, se arrumou e o caba tirou o retrato e no final das contas o retrato não prestou.

I- foi mesmo o retrato não prestou, o retrato dele ficou bem pequenininho.Risos

F- ele não era profissional não tinha um retratista, ai o cara tinha uma maquina de fotografar papai falou para ficar com a lembrança.

I- Pra dizer que fez né.

F- mas eu fiquei uma neguinha tão feia vise, tão feia!!! Eita lá, só não podia chamar de nega mesmo porque os cabelos era aquelas cuinha cortadinha assim lisinha, mas se tivesse o cabelo um pouquinho cacheado oh! Era uma neguinha de primeira (Risos).

I- foi na praia da conceição no dia de domingo, só tinha missa lá no dia de domingo né, agente não fez festa, era só fazer a primeira comunhão e ir para casa. Não teve visita não teve nada.

F- não porque era interior muito difícil, e mais a tarde, se fosse um negócio durante o dia como tinha um ônibus de 7hrs da manha e o ultimo as 5hrs da tarde, saindo de lá, ai se fosse durante o dia dava pra alguém ir, mas[...] ou então se fosse no sábado o povo chegava no sábado e voltaria no domingo, mas como foi no domingo a partir das 5hrs da tarde, não tinha parente que pudesse ir porque era muito complicado a praia da conceição à 50 anos atrás , nem todo interior brabo era igual aquilo dali.

I- eu não gostava não, mas era o jeito fazer o que? O vestido dela eu que costurei, era branco de[...] de [...]muito bonito, com[...]

F- meu vestido era branco de bolinha, era um pano bem fininho que eu não me lembro o nome porque era pequena, mas ele tinha umas bolinhas crespinhas feito um veludozinho umas bolinhas bem miudinhas, isso eu me lembro. E tinha um troço de um laço atrás e como eu odiava roupa com laço porque vestia e ficava dependendo dos outros porque ficava com aquele rabo atrás balançando, atrapalhando. Eram essas coisas que eu não gostava.

I- era um vestido de bolinhas e tinha um laço[...]Era moda e quem costurava era eu. O Padre do batizado vinha de longe, era[...] o nome dele era [...] mas era um Padre querido[...]

F- Lembro do Padre, lembro[...] ele vinha de paulista. Padre Leonardo!

I- era Padre Leonardo! Padre Leonardo ele dizia que a mulher que ia mais pra missa era eu, mas porque eu ia para os batizados.(Risos).

F- toda semana, era raro o dia de não ir.

I- tinha dia de levar dois afilhados e ela era madrinha de apresentar e Ceça era de...

F- de consagrar

I- de consagrar

F- mas pense num castigo, no começo era bom, mas depois todo mês vim para Recife comprar 4 enxovais de batismo e quando tinha um compadre que a mulher só tinha de dois em dois e toda vez era agente, tinha vez de comprar 5 enxovais e muita vez deixava de comprar algo que agente queria, o dinheiro não dava por causa das roupas dos batizados.Ela já tinha uma loja exclusiva para ir porque o pessoal da loja amenizava para ela.

I- Teve um bolo, minha cunhada chegou lá em casa ai disse vamos fazer um bolo. Mas eu não tenho os preparos pois lá era difícil. Só tinha um barracão para agente comprar, a não ser que vinhesse da cidade ou de Paulista era aquele aperreio. Ai eu disse não tem material para fazer bolo que aqui é difícil, eu acho que eu nem sei mais fazer bolo (Eu dizendo pra ela). Tem nada não quando eu vim aqui eu vou trazer o material, aqui só tem coco, não precisa trazer coco, mas o resto do bolo eu não tenho nada, ai 1 mês mais ou menos ela foi e levou e lá em casa não tinha[...] não tinha[...] fogueira de querosene, fogão de querosene[...]

F- Era[...] Na época era[...] mas tinha forma que colocava em cima do fogão era uns fogões[...] era como hoje esses fogões de[...] de[...]cozinha de restaurante que tem uns pés, mais ou menos naquele formato mesmo. Agora de lado dele tinha uma espécie de botijão e em baixo daquele quadrado que tem nele era o local de você colocar as garrafas de querosene. Ai cozinava[...]

I- Era imitando o fogão que existe hoje

F- era um botijão que tinha assim, ai de colocar o gás ai não tinha forno, então tinha que ser uma forma que colocava em cima do fogão e a forma era fechada.

I- mas quando não queria fazer isso, tinha um fogão de lenha. Botava o bolo numa vasilha que pudesse levar para o fogo e colocava ele no fogo de carvão e pegava aquela brasa e colocava na tampa pra assar em cima também (risos). Era um sacrifício para fazer um bolo. Mas nesse dia minha cunhada levou tudo e era um cheiro de bolo[...] O pessoal que passava dizia: oh casa cheirosa! Cheirando a bolo. Foram varias amigas do colégio, o meu marido não queria que tivesse festa, agente mandou comprar a bebida escondido (risos) a moça foi por trás de casa chegou no bar e comprou a bebida. Tudo escondido. Ai foram pra missa e quando voltaram foram tudinho lá pra casa festejar ai comeram bolo, tomaram guaraná e a festa foi essa, foi em casa mesmo.

I- eu mostrei a figurinha do retrato para as minhas irmãs, elas ficaram de mão no queixo porque o lugar era muito atrasado. Papai foi morar uma semana comigo e passou a pulso, ele disse amanhã eu vou embora, nem que seja montado numa porca (risos)!

Transcrição Idoso 3

Idoso Sozinho

O casamento da minha filha foi na igreja[...] se não me engano[...] dos[...] dos pretos. Se não me engano foi[...] na igreja dos pretos. Aqui em recife, foi. O casamento foi ótimo. Quando terminou o casamento ela foi para[...] para uma cidade de interior e quando voltou de lua de mel, ela voltou logo lá pra casa, almoçou lá em casa. O casamento foi mais ou menos seis horas da tarde, eu não me lembro como ela estava vestida. Era um vestido[...] não lembro[...] só lembro que era de branco. Eu estava de paletó e gravata como manda o figurino. Foi uma cerimônia ótima, muito bonita. Tava a minha família a família de esposo e mais alguns convidados, é. A festa foi na Igreja, com bolo. Uma coisa natural. Eu me lembro que depois do casamento fomos todos para casa.

Idoso 3 + Filho

I- quando ela se casou ela se casou na igreja dos[...] dos pretos[...]

F- Rosario dos pretos

I- é rosário dos pretos, depois foi a festa de bolo champagne[...] tudo que tinha direito[...]

F- na época[...]

I- é pra aquela época. O meu traje foi como manda o figurino

F- paletó, gravata[...]

I- quando ela casou, terminou a festa ela foi para[...] para uma cidade de interior[...] como era mesmo o nome[...]

F- hum[...] ele está se lembrando bem[...] (Risos), foi para cidade das flores, com um lindo relógio de flores (risos)

I- ah! Foi mesmo, Garanhuns! Parece que estou vendo aquela cidade Linda! Depois quando voltou, foi diretamente lá pra casa, depois foi pra casa da sogra e depois voltou lá pra casa para almoçar.

F- é eu passei 7 dias em Garanhuns de lua de mel, quando voltei almocei com ele, depois fui para Paulista visitar a mãe do meu marido. Para depois passar no mercado de Afogados comprar carne e verdura, porque tínhamos feito a feira do mês mas não de carne e verdura porque ia passar uma semana fora não dava. No dia do casamento eu saí com mamãe de manhã pra procurar um salão de beleza para fazer uma maquiagem que cobrisse o resto que ainda tinha da varíola, porque no dia 14 de Novembro, eu casei no dia 23 de Dezembro, no dia 14 de novembro eu fui dar aula, porque eu ensinava em Apipucos e quando eu cheguei na escola no horário de recreio depois das três e meia da tarde, eu cheguei na cantina da escola me queimando, coçando uma coisa ardendo, aí a cozinheira que preparava a merende disse: que coceira danada é essa, está mesmo que bicho quando está se coçando! Olha, está queimando, está coçando e ardendo, olha aqui! Aí levantei a blusa, e ela disse tu tais com bexiga, pois varíola o povo chamava de bexiga, vai embora pra casa que eu aviso a diretora que a situação está braba. Aí eu fui embora para casa. Quando eu cheguei em casa foi o escândalo, porque ninguém tinha e depois já estava praticamente em cima da data do casamento.

I- faltava 8 dias para ela se casar

F- Não! faltava 1 mês[...]

I- faltava 8 dias

F- Não! 1 mês e poucos dias

I- faltava 1 mês pra casar?

F- para casar era um mês e pouco, porque um mês fazia no dia 15 de Dezembro e eu me casei no dia 23

I- é era 1 mês e pouco, certo[...] certo[...]

F- a grande confusão era: o vestido era de tulle, porque eu era magra demais e tinha que fazer um vestido que ficasse fofinho, não ficasse cadavérica né! O vestido era para ser todo bordado porque ele tinha 5 saias, era para ser bordado toda parte descoberta das saias, mas não pode ser feito porque eu não podia provar o vestido. Porque tinha que provar para fazer na medida certa os babados. E eu não podia provar o vestido porque tinha varíola por todos os lados.

I – dessa parte eu não lembro

F- quem desenhou e costurou o vestido foi Paulo Carvalho. Ai ficou a maior agonia, e agora chegou os oito dias que você estava falando, faltando oito dias para o casamento foi que eu tive condição de provar o vestido para poder costurar, ai não deu para bordar mais o vestido todo. Ai ele ficou bordado na primeira saia de cima e na ultima. Mas o modelo mesmo era todas as 5 saias bordadas, mas só deu para bordar as 2 saias a manga e a blusa por conta disso. Ai no dia do casamento agente saiu de manhã porque a preocupação toda era que eu não queria tirar retrato, porque ia mostrar as manchas todas, porque na época já tinha foto colorida, ai o vizinho do lado que deu de presente a roupa do noivo, ele arranjou um amigo que era fotografo e garantiu fazer as fotos em preto e branco e dificilmente ia mostrar a cicatriz. Ai eu aceitei na marra. Ai, no dia nos fomos para rua do sossego, tinha um salão na rua do sossego. A mulher arrumou mamãe e ela voltou para casa e eu fiquei de castigo bota gelo, tira gelo, bota mascara, tira mascara que era pra sair cobrindo o rosto. Quando deu 4hrs da tarde era hora de pegar o bolo, na Carblen que tinha na rua do sossego.

I- Eu não me lembro disso porque eu estava trabalhando, eu só cheguei para levar ela para igreja. Foi tanta gente para esse casamento, que eu nem me lembro mais quem foi (risos).

F- lembro que houve um atraso e fiquei nervosa porque o meu marido dizia que não ficava na porta da igreja esperando ninguém, tinha tido um problema na rua, era um carro quebrado[...]

I- eu lembro, foi por causa de uma batida de carro no derby e terminou atrasando todo mundo, inclusive a noiva que ia casar às 19hrs na mesma igreja, ela terminou chegando no seu horário e tumultuou tudo, misturou os convidados e o noivo teve que esperar de todo jeito.

F- Pois é tinha um casamento antes do meu nessa mesma igreja. Que no final das contas era da irmã de uma amiga minha de faculdade, que eu só fiquei sabendo depois, pois quando eu entreguei meu convite ela só disse que não poderia ir pois era no mesmo dia do casamento da irmã dela.

Transcrição Idoso 4

Idoso Sozinho

O casamento da minha filha, estavam todos os[...]os três[...] toda família tava. É[...] menos minha família né. Tava toda família por parte de mãe. E[...] também muitos convidados. Foi num ambiente muito festivo, cheio de[...] de[...] de[...] é[...] de[...] flores né. de[...] ornamentação muito bonita e muita comida. Gostei muito também, apesar de ser católico, o casamento foi realizado com um pastor evangélico e eu gostei muito, uma pessoa muito simpática é, então[...] que fala bem, o nome dele era[...] era[...] É[...] a noiva tava[...] ela

tava[...] nem me lembro! Estava muito apreensiva, muito nervosa né, e logo depois descontraíu né! Antes estava tensa né e depois descontraíu. Um momento que foi assim[...] pitoresco da coisa foi que[...] A[...] como é aquela[...] organizadora do casamento mandou que ela desse uma volta com o carro e eu só sei que atrasou tudo e tumultuou as coisas todas, porque ela ficou rodando, rodando e passou e estava tudo esperando e não chegava.

Idoso 4 + Filho

I- você lembra minha filha do seu casamento, foi um dia muito bonito. Foi naquela casa de festa, é[...]
Como era mesmo o nome daquela casa de festa?

F- Na casa de festa da mãe da minha melhor amiga. Foi um casamento simples mas muito bonito.

I- Já sei na casa da mãe da sua amiga de festa Arco-íris que fica na Torre. Tinha muita gente nesse dia muitos amigos e familiares. Você estava muito nervosa e apreensiva.

F- estava nervosa por causa do meu cabelo, a cabeleireira estava atrasada.

I- foi mesmo ela não conseguia colocar o arranjo no seu cabelo, ele ficava escorregando.

F- mas isso passou rápido, ela logo deu um jeito, mas estava muito nervosa. Foi uma festa muito boa. Cheia de pessoas queridas. Você lembra do vestido da mamãe?

I- Não me lembro muito não

F- Ele era bonito, tinha sido feito pouco antes da festa por conta do acidente da mamãe. Azul com bordado[...]

I- foi mesmo, agora eu lembro ele era Azul, bordado com um brilho e de um ombro só por causa do machucado que ela tinha no outro ombro.

F- Isso mesmo ela estava muito bonita; foi uma festa muito animada com varias músicas, inclusive dancei uma com você, você lembra?

I- Era que música???

F- Aquela música Pai!!! (imita o ritmo da musica)

I- Ah agora eu lembro, Emoções! Estava tão nervoso que até pisei no seu pé. (risos)

F- foi mesmo. A cerimônia também foi bonita.

I- eu não consigo me lembrar como era o nome do Pastor[...] era[...]

F- Era o tio do Rafael, pai!

I- Ah sim! O Marcos Tio de Rafael. Pastor Marcos! Foi uma bela cerimônia, mesmo sendo católico achei muito bonito o seu sermão.

F- foi mesmo ele falou e no final deu 4 conselhos para um bom casamento. Falou em Perdoar[...]

I- Amar, Ceder e Respeitar. Já estava esquecido mas agora que você falou.

F- Você lembra que quando chegamos na porta da casa de recepção, pediram para dar uma volta no quarteirão porque estava faltando um padrinho?

I- lembro sim, isso causou um grande tumulto, eu só não me lembrava que foi por causa de um padrinho, mas agora eu lembro foi até seu irmão que estava atrasado.

F- Foi ele estava num engarrafamento, mas ele conseguiu chegar até rapidinho.

Transcrição Idoso 5

Idoso Sozinho

Meu filho tinha prova, ou[...] ou[...] teste, era uma obrigação na faculdade não me lembro direito e ele tinha que chegar em determinada hora. Ai agente foi para o banco, porque o pai não pegava fila. E tínhamos que pegar o dinheiro para depois ir para o bompreço fazer feira e dar tempo de chegar em casa, me deixar e ir para aula. Só que na hora que a gente ia entrar no banco, o povo fazia aquela munição na frente na hora de abrir, foi até ai no[...] no[...] no banco[...] Ai não lembro. Ai o cara me empurrou, eu passei direto comporta e tudo, e quase estoura o dedo, foi sangue para todo o lado. Ai o gerente[...] meu filho ficou apavorado, o gerente mandou eu resolver logo o que eu tinha de fazer no banco. E a gente chegou no Bompreço com o pé sangrando. Ai lá na entrada do Bompreço, não tinha um rapaz que ficava na subida, ele vendia alguma coisa[...] Ai, ele colocou methiolate no meu dedo que era pra estancar, pra da tempo de fazer feira que era pra ele não chegar atrasado, porque o que ele queria era levar para ver o que tinha com o meu pé. O ferimento foi pequeno mas foi bem em cima no dedão. Como o homem conseguiu parar a tempo o sangramento com o methiolate, ele chegou à tempo. Se não tivesse parado, ai como ele é agoniado ele ia tomar as providências. Mas como deu certo, a gente chegou em casa ele me largou, trocou de roupa nas pressa e foi embora pra faculdade.

Idoso 5 + Filho

I- Filho você lembra daquele nosso episodio no banco?

F- o dia em que você se machucou aqui nesse banco perto da reitoria, do girador?

I- é, eu tenho essa imagem do carro girando e entrando no Banco do Brasil da reitoria.

F- Lembro sim, aquele moço grosso empurrou você e você terminou machucando o dedo contra o vidro. Sangrou bastante, eu fiquei bem nervoso e muito arretado com o rapaz, o gerente viu logo e tentou acalmar as coisas. Estávamos até apressados porque eu tinha aula e um trabalho com aquele professor chato de direito criminal.

I- ah agora eu me lembro era um trabalho de direito criminal que você tinha que entregar. E esse professor gostava muito de pegar no seu pé.

F- Aquele professor era muito chato, só queria ser o tal. Mas não conseguia dar uma aula que preste. Mas naquele dia eu consegui chegar a tempo, foi muito corrido por conta do acontecido mas deu tempo. Lembro que tínhamos que fazer compras no Bompreço. Assim que chegamos no estacionamento Bompreço tinha na entrada uma subida em forma de rampa, com uma carrocinha...

I- é agora eu vejo a carrocinha das flores, foi lá que o rapaz passou methiolate no meu dedo.

F- é mas não foi o rapaz e sim a sua esposa que estava junto, ela morava bem pertinho e foi pegar tudo em casa para fazer um curativo. Ela foi supersimpática, lembra? Vocês ficaram conversando sobre[...]

I- Lembro sim, sobre as confusões dos bancos na hora de entrar. Fica tanta gente na frente que todo mundo entra no maior tumulto. Ela disse que teve um dia que ela também foi empurrada e caiu no chão. Era um absurdo os bancos não tomarem alguma providência. Me parece que meu dedo já estava meio machucado[...]

F- Pois é ela colocou remédio, o seu ferimento parou de sangrar e pode fazer as compras. Depois voltamos correndo para que eu chegasse a tempo na Faculdade. Fiquei super nervoso, mas no final tudo deu certo. Mas o seu dedo não estava doendo e um pouco machucado antes? Parece que você tinha feito algo no dia anterior.

I- foi mesmo[...] eu tinha a unha encravada. E me parece que a menina tinha feito a unha e tinha desencravado no dia anterior então o local tava dolorido e no que bateu aí o sangue espirou.

Transcrição Idoso 6

Idoso + Filho

I- Olhe quando ela chegava da rua ela vinha correndo que a perna batia na bunda. Um dia eu disse: filha vai ali na venda comprar[...] qualquer coisa[...] Já não me lembro mais...

F- Você me pedia pra comprar algum ingrediente para fazer um bolo[...]

I- era ovos, sempre faltava ovos. Eu ficava na porta da frente olhando ela ia numa carreira tão grande que o pé batia na bunda e a gente via a calcinha toda (Risos). O meu maior problema com ela era que ela não queria vestir a roupa para sair de casa.

F- Eu odiava roupa era só calcinha, para eu vestir roupa até apanhar eu apanhei.

I- Ela vinha do[...] do[...] colégio, ela estudava no colégi[...] Santa[...] Santa Terezinha[...]

F- Não mãe esse era o da minha irmã o meu era perto da subida da ladeira, que tinha o muro cor de rosa[...]

I- Claro, parece que estou vendo ele como se fosse hoje, o colégio Santa Lucia, perto da subida da casa de sua tia. Quando ela chegava perto de casa era só tirando a roupa e jogando no chão, tirando a roupa e jogando no chão. Mas já tava grande, ela num instante cresceu e eu dizia: mas minha filha isso está muito feio você já está grande, não pode fazer mais isso não. E ela falava: por que não posso? Pode não minha filha, uma moça não pode ficar nua na rua. Ai ela continuo né. Ai eu disse ao pai dela.

F- Mas a questão era ela me chamava na cozinha e eu tinha que passar pelo meu quarto para vestir a roupa e ela entrava no dela para pegar o dinheiro, ai enquanto ela fazia esta arrumação eu já tava no terraço para quando ela dissesse Vera Lucia o dinheiro está aqui, ela pensasse que eu ainda estava dentro do meu quarto, ai ela entrava para cozinha para fazer o que ela queria, eu dava um bote no dinheiro e oh! Perna para que te quero! (Risos).

I- Ai quando foi um dia eu reclamei a menina, não tem jeito não ela chega do colégio vai jogando a roupa no chão, não vai dar certo! Você olhe, quando vier almoçar que você vai ver, ai ela disse[...] Quando ela chegou eu dei duas palmadas com a[...] a[...] a[...] não[...]

F- foi com aquele negocio que tinham deixado lá em casa[...]

I- foi, tinham deixado uma palmatória lá em casa, uma palmatória pesada! Ai eu dei dois bolos nela com a palmatória, ai ela foi esperar o pai e disse a ele que eu tinha dado dois bolos com aquela palmatória. Mas bolo de mãe você sabe como é. Ai, eu fiquei preta de raiva porque ela foi encontrar ele no caminho para contar. Ai, eu fiquei calada né! Que quando ele saiu e voltou para trabalhar eu disse: olhe, hoje foi a primeira vez que você fez isso; esperar seu pai pra contar! Ai, ela ficou por ali como quem diz passei a mão. Ai, ta certo! Ai, eu disse: olhe se você fizer isso quando ele sair ai eu dou bolo mesmo, você vai ver. Ai ela respondeu: mas ele chegou pegou a palmatória e jogou no mato que tinha na frente, então a palmatória sumiu! Mas eu dou de cipó de chinela mas você não vai fazer mais isso: esperar o pai no meio da rua pra contar. Ai, tudo bem, quando foi um dia[...] Eu sei que ela pintou o sete. Ai, eu disse a ele[...] ele disse a mim: olhe deixe minha filha que eu tomo conta!!! Porque eu fazia queixa, ai ele disse: deixe minha filha que eu tomo conta. Ai, eu disse ta bem, tome conta, se você vê que da conta então tome conta. Ai, na primeira traquinagem que ela fez, ele deu umas lapadas nela. Que quando ela viu as lapadas né[...] eu disse está vendo foi bom? Ai ela disse: eu quero ficar com a Senhora mesmo (Imita o choro da filha). Eu disse já está vendo como é! Ai eu disse a ele, e ele disse: pode tomar conta dela, que eu trabalho muito e não posso dar conta não. Porque todo dia era uma reclamação, todo dia.

F- Eu apanhei porque não gostava de vestir roupa. Eu enrolava mas não vestia, eu fazia qualquer coisa. E ela se encheu mais com essa estória de eu não vestir roupa, porque ela tem uma afilhada que é da minha idade e ela era metida à moça, ela bem pequenininha e já queria ser moça então pra eu andar com ela por mais que ela quisesse me botar no freio, não botava

porque ela andava toda arrumadinha e eu de calçinha. E se me chamasse para ir para qualquer canto só ia desse jeito e desse jeito não queria andar. Ai ela teve que fazer fuxico para a madrinha, ai sobrou para mim, porque até então a reclamação era feita em casa. Então eu ia me acostumando em casa a vestir roupa, mas a única roupa que eu vestia era a calcinha, essa daí não tinha jeito, mas o resto.

I- Ela me deu muito trabalho!

F- Eu ia andar, andar nas carreiras, eram duas coisas, qualquer coisa que mandasse fazer era vapt-vupt por que a carreira era grande e outra coisa quando eu chegava se ela mandasse eu resolver qualquer coisa, eu só dava o resultado pinoteando (era pulando, pulando, pulando) ela vinha me segurava pelos ombros e: filha fique quieta, se acalme, se acalme para contar. Quando ela soltava, eu de novo começava a pular.

Idoso sozinho-

Minha filha era muito danada, vivia fazendo traquinagem. Ela estudava no colégio Santa... Santa Terezinha, e quando voltava da aula sacudia todas as roupas no chão. Eu pedia para ela ir comprar algo na venda ela saia correndo para buscar. Ela era muito agitada. Teve um dia que fique muito cansada e quando ela chegou em casa eu dei duas palmadas com a...a... com a...a chinela, ela foi reclamar para o pai. Eu fiquei com muita raiva, disse que nunca mais ela ia fazer isso. Mas depois o pai disse que eu não me preocupasse. A partir daquele dia ele ia tomar conta dela, só que ela era muito danada e na primeira trela dela, ele foi logo dando palmada. E aí[...] Ela viu que palmada de mãe não dói[...] Mas à de pai[...] Ela veio logo chorando pedindo para ficar comigo, aí o pai dela disse que era melhor mesmo pois ele trabalhava muito.

Transcrição Sujeito 7

Idoso + filho

I- Eu me lembro da nossa mudança. Eu casei e morei alguns anos aqui no Recife, depois a fabrica que ele trabalhava fechou, aí ele foi trabalhar na Poty, né! Aí não dava certo a gente aqui, eu com menina pequena e ele lá, não podia ir todo dia para casa. Aí ele disse era melhor porque a companhia deu uma casa e tem grupo lá[...] A gente vai as meninas pequenas estudam no grupo lá, é melhor. Aí, deram uma casa a ele e agente foi morar lá. Quando a gente chegou lá. A mudança da gente chegou lá, foi um espanto. Porque ninguém tinha visto uma mudança daquela lá, eram trabalhadores de usina e então eram pessoas muito atrasadas, a maioria mecânicos, você sabe!

F- Basta dizer que o mobiliário do povo, mais chique, da[...], da[...] vila dos operários, porque tinha umas 10 casas na beira da praia que eram dos engenheiros ai mudava. Mas na vila mesmo, se você chegasse numa casa e tivesse um centro no meio da sala, meia dúzia[...] isso eu estou dizendo as casas alinhadas, meia dúzia de cadeira Gerdau (que era um tipo de cadeira todo de madeira, tanto a frente como o encosto), então a casa já era considerada de luxo, porque já tinha a sala de visita, que era isso, ai na cozinha tinha[...] tinha[...] um atajé.

I- Sabe como era a cozinha do povo era muito prego na parede e as panelas eram todas de[...] de[...] Terra[...].

F- de barro mamãe! Mas eu estou falando dos tidos como ricos, tinha aquele atajé. Sim e na sala tinha um atajé pequenininho que se botava um radinho pendurado quase nas telhas. Isso é[...] A cozinha a fabrica fazia nas casas um fogão bem grande que era[...] de lado tinha um quadrado para colocar lenha e dividido para botar carvão, que provavelmente a divisão tenha sido feita depois que apareceu o carvão, pois as coisas eram difíceis. Agora[...] e muitas redes nos quartos. Agora[...] se você chegar nas casas que só tinha rede, se você chegasse na cozinha só tinha as panelas de barro pretas pra cozinhar naquele tipo de fogão a lenha né. E no quarto do casal também era rede, era rede para todo mundo e na sala tinha tamborete ou tamborete grande ou um banco, pronto era a mobília da casa.

I-Quando chegou a da nossa casa tinha guarda roupa e era um bicho de [...] de[...] tinha um, um,um[...] na cozinha[...]

F- um o tripé que segurava as panelas

I- era sim! Tinha um tripé que segurava a bateria de aluminio, a bateria da cozinha, era como se chamavam as panelas. Era um tripé que teve uma época que o povo tinha para colocar florzinha, ai nesses tripés tinha uns ganchinhos que se penduravam as baterias que eram as panelas de alumínio e lá em casa tinha esse tripé. Tinha um local para guardar o material do jantar[...] como era o nome mesmo[...]

F- petisqueiro de vidro

I- é isso mesmo um armário mas chamavam de petisqueiro. Tinha cadeira de balanço, mesa de um pé. Tinham quatro cadeiras de balanço e um centro no terraço, Ai passava uma procissão (risos), o pessoal passava na rua, ai em vez de prestar atenção[...] eles tinham aqueles balões com a vela dentro queimando (risos). Ai o pessoal ficava olhando pra minha casa e pra gente dentro.

F- esse dia da procissão, foi no mês de Maio. Nesse dia tava no terraço as quatro cadeiras de balanço, hoje não tem aquelas cadeiras de fio de nylon, em vez de ser fio de nylon era corda colorida não era daquele formato, mas era aqueles cordõezinhos assim mesmo mais sendo colorido. Ai eram duas cadeiras de balanço grande que eram para o casal e tinham duas pequenas que eram uma para mim e outra para minha irmã. Ai quando era de noite no terraço, depois do jantar, papai ficava com minha irmã no braço enquanto ela tava terminando a

cozinha e me balançava na outra cadeirinha. Nesse dia papai tava trabalhando de noite e tava no terraço mamãe com minha irmã no colo e ela fazendo o papel de Papai me balançando na cadeira. Ai lá vem a procissão: Ave, Ave, Ave Maria[...] (risos) ai a mulher vinha com o troço do papelão, e a porta do quarto ficava aberta e a janela era baixinha. Então quem passava via tudo que tinha dentro do quarto, ai a mulher passou olhando, a procissão seguindo todo mundo cantando e a mulher com a velinha na mão subindo e pegando no cabelo da outra. E eu fiquei: mamãe, mamãe a mulher ta queimando a cabeça da outra e ela fazia: cala boca menina, cala boca menina (risos).

I- Ai depois surgiu o comentário né, que a casa era de rico que tinha dois guarda-roupas todos dois no mesmo quarto, sabe o que era o guarda roupa? A moda na época era um pinico dentro do quarto, porque tinha muita casa que o banheiro era fora da casa então para o povo não abrir as portas, era moda do jeito que era o modelo do guarda roupa, era o troço de guardar o pinico, então o tal segundo guarda roupa era o deposito de guardar pinico (risos)!

F- Ai o deposito de guardar pinico era o guardar-roupa das minhas bonecas (risos).

Idoso sozinho –

Eu me lembro da nossa mudança, eu não queria morar lá era muito atrasado sabe? Mas como ele precisava trabalhar e a fabrica nos deu uma casa, resolvemos ir. Nossa mudança era muito grande, tinha muita mobília, foi um susto para vila porque era uma vila de operário e naquela época tinha muita pouca coisa na casa das pessoas. Não tinha nem cama era só rede, mas nossa mudança tinha: cama, cadeiras, centro, guarda-roupa[...] Tinha[...] Tinha mais o que? Tinha[...] Já nem lembro[...] Tinha o negocio da guardar pratos e copos e de panelas também. O povo ficou muito curioso só passava olhando para dentro de nossa casa. As janelas ficavam abertas e o muro era bem baixinho, então o pessoal ficava olhando para falar depois sobre o que tínhamos em casa. Era um local muito atrasado, não tinha quase nada lá, tínhamos que buscar tudo aqui em recife. Quando precisa de alguma coisa tinha que pedir para o carro trazer, tinha sempre um carro vindo para recife todos os dias.

Transcrição Idoso 8

Idoso + Filho

I- Eu me lembro da festa de formatura da minha filha. Foi uma festa bem festejada pois, depois de alguns anos de curso ela estava dando seus primeiros passos para se tornar médica.

F- depois de muita batalha eu finalmente estava terminando o curso, apesar que tive anos de residência antes de virar médica.

I- Teve muitos preparativos até este dia chegar, todo vez tinha algo para pagar à mais, foi muito gasto minha filha. A grande festa foi em apipucos no[...] no[...] no salão[...]

F- o que fica logo no começo de Apipucos, Pai! Depois do viaduto, com o muro na cor clara.

I- Estou vendo onde fica este salão[...] é[...] bem conhecido é o Arcadia. Era bem espaçoso este salão pois eu me lembro da visão de ter muita gente.

F- Éramos 40 formandos e tínhamos em torno de 30 convidados cada, imagine só. E isso porque tínhamos que nos limitar aos mais próximos. Mas foi bem animado, todos participaram

I- toda família esteve presente, os tios, os primos, os irmão, amigos[...] Acho que faltou um irmão... acho que foi o mais velho...

F- é um dos meus irmãos tinha viajado para terminar o doutorado

I- pois é agora eu lembro, foi o Pedro que estavaviajando e fazendo doutorado nos Estados-unidos,e ficou de fora dessa folia. Porque a formatura foi no mês de[...] de[...]Agosto[...]

F-Não foi em dezembro

I- Não[...]foi em agosto[...]

F- foi perto das festas de fim de ano, por isso foi bem corrido[...] foi bem no mês de dezembro

I- é foi no mês de Dezembr[...]. foi mesmo em dezembro

F- Na hora da valsa eu entrei com o meu pai e minha mãe, dancei a primeira musica com meu pai e depois com a minha mãe.

I- Foi mesmo, todos seus colegas de turma disse que você tava querendo aparecer, pois era a única a entrar com os dois. Lembro que dançamos uma musica bem bonita[...]era[...]é[...]

F- Aquela pai (imita o som da musica- risos)

I- ah já sei! I've got you under my skin[...] (pai começa a cantar a musica)

F- é essa mesmo, foi muito legal depois dancei com mamãe e com meus tios. Ficamos até 5hrs da manhã, chegamos cansados. Dormi 4hrs depois acordei e fui dormi de novo.

I-Fiquei preocupado com o pessoal que bebeu muito mas graças à Deus tudo deu certo, todo mundo conseguiu chegar em casa bem.

Idoso sozinho

A formatura da minha filha foi muito bonita. Foi... foi um dia muito alegre, com vários amigos e parentes. Teve uma grande festa aqui perto[...] foi num casa de festa bem grande era[...] era[...] aqui pertinho[...] Tinha muita gente, lembro que o salão estava lotado. Chegamos cedo para localizar a nossa mesa, e para levar alguns comes e bebes que tínhamos preparado a mais. Estava até chovendo quando chegamos com a comida e esperamos um pouco para descer do carro, era mês de chuva mas logo veio um rapaz com um guarda chuva bem grande que nos ajudou. A formatura dela foi no mês . [...] no mês[...] de Agosto, tinha até um irmão[...] Ele não pode estar presente pois estava viajando. Ai teve muita musica e muita bagunça, quando entrei com ela estavam todos fazendo muito barulho, acho que era a família mais[...] mais[...] barulhenta e bagunceira. Dancei com ela a primeira musica e depois foi a vez da mãe. Ela fez questão de ter os dois ao seu lado, ela sempre foi muito carinhosa e atenciosa com os dois. Foi [...] foi uma festa bem animada, dançamos até de manhã, só teve o problema que alguns beberam até demais.

Transcrição Idoso 9

Idoso + Filho

I- Fizemos uma viagem pela Europa ano passado. Passamos primeiramente pela[...] pela[...] França. Ficamos num hotel[...] um hotel[...] era perto[...] perto do[...]

F- do Sacre-coeur, ele era simples mais bem perto da saída do metrô.

I- é[...] Estou vendo agora aquela estação de metrô de Pigale, que ficava bem pertinho, era[...] é[...] o hotel Mercure de Pigale. Ele era simples mas com um ótimo café da manhã e perto do metro. Então aproveitamos bastante.

F- ficamos 5 dias neste hotel, depois seguimos para outros países

I- fomos depois para[...] para[...] Alemanha, Holanda e por ultimo Portugal.

F- Não mãe fomos primeiro para Holanda[...] depois Itália, Alemanha e Portugal.

I- Não filha foi primeiro para Alemanha[...] Já não me lembro a ordem[...] Não foi primeiro Paris depois Alemanha.

F- Não mãe, saímos de Paris no trem na Gare do Nord direto para Amsterdam, depois para Veneza, Frankfurt e por ultimo pegamos um avião para Lisboa.

I- é[...] foi[...] foi isso mesmo Paris, Holanda, Itália, Alemanha e Lisboa. Mas o dia mais cansativo foi quando fomos visitar a torre Eiffel. Tinha uma fila imensa fomos até o topo e depois paramos no segundo piso e descemos à pé.

F- é porque queríamos aproveitar para tirarmos fotos na descida, mas tinha muita escadaria e até lá embaixo tinha muitos andares. Teve um momento que fiquei com medo, fiquei me agarrando ao ferro para poder descer, estava me dando vertigem.

I- era bem alto, mais eu estava mais cansada do que tudo, pois a fila de espera foi grande então não olhei muito para baixo, só fiz descer. Quando chegamos lá embaixo ainda andamos até o[...] o[...] o lugar que tira fotos

F- andamos até o outro lado da torre, onde tem uma escadaria e de lá da para tirar foto da torre por inteira, é bem bonito.

I- é[...] é o[...] otrocadeiro! Estou vendo como se fosse ontem, notiramos bastante fotos deste local e depois ficamos admirando a paisagem, até deu para ficar sentada um pouquinho. Terminamos o passeio num restaurante bem pertinho desse trocadeiro e depois fomos para o hotel.

F- Este restaurante também foi bem engraçado, pois o garçom não fala inglês, e quem disse que conseguíamos pedir em francês, mainha até tentou, mas depois chamaram outro rapaz que era francês e falava um pouco português.

I- quando ele soube que éramos brasileiras ele até cantar uma musica brasileira ele fez, era[...] qual era mesmo a musica[...]

F- ele não cantava mesmo, ele fazia assim (faz gestos) e um barulhinho com a boca assim (Imita o ritmo com a boca)

I- é isso mesmo! Ele meio que tentava cantar garota de Ipanema, mas só fazendo o ritmo, pois ele não sabia a letra.

F- ele foi bem simpático, diferente dos franceses, parece que ele era filho de português.

Idoso sozinho

A minha viagem com a minha filha para Europa foi muito boa. Comprei as passagens pela companhia portuguesa[...] a[...] aTap, mas só ficamos em Portugal na volta. Fomos primeiro para França, depois Alemanha, Itália, Holanda e por ultimo Portugal. Mas Paris foi realmente Maravilhoso, é um espetáculo de beleza. Ficamos num hotel bem pequeno era o [...], lá no[...] no[...] no quartier mais bagunçado de Paris. Mas ele era bom com um ótimo café da manhã, tinha muita comida, tinha[...] tinha[...] é[...] café e[...] pãobaguete e também croissant e pão com chocolate hummm[...] Uma delicia!!! Acho que era isso. De todo jeito só voltávamos à noite para o hotel pois durante o dia só fazíamos passear. Ai no dia que resolvemos subir na torre Eiffel, saímos bem cedinho e mesmo assim a fila estava imensa, esperamos quase duas horas só para comprar o ingresso. Quase que desistia mas quem vai Paris tem que subir na Torre, se não, não foi a Paris. Esperamos a nossa vez, subimos ao topo

e quando voltamos resolvemos descer de escada do segundo piso. Foi bem cansativo porque já estava com o pé doendo de esperar na fila e não imaginava que tinha tanto degrau ainda. Ai[...] ai depois fomos andando tirar mais foto na frente da torre. Ficamos conversando e olhando a paisagem e depois fomos comer no restaurante que tinha ali perto. Passeamos por vários outros lugares[...] pelo[...] o[...] museu do Louvre, este eu realmente cansei acho que não vi todo tenho que ir novamente pois não dá para ver tudo no mesmo dia. Fomos também nas catedrais, nos[...] nos[...] parques, sem falar no[...] na rua das lojas chiques[...] O[...] O Champs d'Elysée . Ah esse dia foi um dia só de compras, entrar e sair de lojas.

Transcrição Idoso 10

Idoso 10 + Filho

I- Meu filho esteve presente comigo no dia que bati com o carro. Estava apressado para levar ele no curso, me parece que ele tinha[...] tinha[...]prova, era algo importante.

F- Não eu só queria chegar mais cedo, pois gostava de sentar na frente .

I- Não você tinha prova, estávamos até atrasado.

F- Não Pai, eu não tinha prova, queria chegar cedo pois estava sempre chegando tarde e não estava conseguindo seguir esta matéria direito.

I- foi[...]foi isso ele queria chegar mais cedo, ficava reclamando que só chegava atrasado. Foi tanta pressa que no final nem chegamos. Só chegamos até[...]até[...]a altura da exposição de animais.

F-Não Pai foi quase no final da Caxangá, já estávamos quase no final perto daquele cruzamento.

I- foi mesmo no cruzamento, estávamos mais próximos da agência da Celpe na Caxangá. Na hora que bati estava chovendo muito[...] me parece que estava[...]a pista estava molhada.

F- A pista tava bem molhada pois tinha chovido muito era até por isso que estava atrasado de novo, mas já tinha parado de chover .

I- Foi isso mesmo a pista estava bem molhada.O problema foi que faltou freio, como estava tudo muito molhado com várias poças, aí o carro ficou sem freio e patinou na água. Eu estava aperreado com o atraso e na velocidade que víamos batemos no carro que estava na frente e mais[...] mais[...] dois outros bateram atrás.

F- Foi o seu que bateu no Gol e um Celta que bateu em você, quase viramos sanduiche mais só teve três carros envolvidos;

I- não filha teve um Fiat também depois do Celta, não teve[...].tenho certeza[...]

F- tinha um Fiat sim, mas ele conseguiu frear antes, ai não bateu no celta. Mas era um Gol eum Celta.

I- foi isso mesmo, primeiro um Gol preto, depois o meu Weekend e atrás o Celta Cinza. O celta vinha mais chutado ainda, abatida de trás foi mais forte quebrou ate o vidro de trás do carro, e o rapaz que estava dirigindo foi levado para o hospital[...]. o hospital[...]

F- aquele no final da Caxangá, depois do derby[...]

I- Estou vendo aquele perto da Agamenon, o hospital[...].o hospital da restauração. Mas ele estava consciente, porém estava machucado no braço. Graças à Deus não houve nada com nos dois, nem com outras pessoas. O pessoal chegou até rápido[...]. os bombeiros e policiais.

F- Não! Primeiro chegou os policiais do transito, aquele verdinhos, que tem uma sirene bem chata (imita o barulho da sirene)(risos).

I- é os rapazes da CTTU, mas também chegaram policiais civis, pois começou a chegar muita gente e a criar o maior engarrafamento. Todos queriam ver o que estava acontecendo e olhar o estado do carro.

F- é os policiais até que chegaram mais rápido, mas os bombeiros levaram mais tempo! Lembro que por isso demorou para tirar o rapaz machucado do carro. Onosso carro ficou mais ou menos, a traseira foi o pior. Ele foi levado direto pelo reboque para oficina.

I- Gastei uns[...]. uns[...]. mil reais na época para consertar.

F- Não foi mais[...]. bem mais[...]. uns dois mil[...]. foi perto da franquia do carro, mas não chegou no valor total.

I- foi isso mesmo[...]. mas não foi dois, foi uns mil e quinhentos por causa da estória da franquia.

F- Ainda perdemos o dia, pois teve toda papelada e pericia e que demora[...]

I- sem falar que fomos para o hospital também pois você ficou com dor no[...]. no[...].foi na coluna não?

F- foi no pescoço, foi por causa do impacto contra o sinto de segurança , terminei machucando o musculo, mas não foi nada grave.

I- e na coluna também, não foi?

F- não so no pescoço, só machuquei o pescoço

I- foi isso mesmo ela machucou o pescoço, ficamos no hospital esperando o resultado do exame para falar com o medico e depois fomos finalmente para casa. Foi quase o dia inteiro que se passou. Foi tudo muito rápido, de repente batemos.

Idoso sozinho

Meu filho esteve comigo no dia que bati com o carro. Na verdade estava chovendo muito e estava com muita pressa, meu filho tinha pressa pois tinha[...] ele tinha[...]era algo importante[...] acho que era uma prova e por isso estava apressado. Por causa da chuva já estávamos atrasados e por isso terminei acelerando mais do que devia, pois estava chovendo e o chão estava molhado. Terminei deslizando e ai bati no carro da frente, na verdade meio que faltou freio e o carro patinou até parar no carro da frente. Ai ,estávamos mais ou menos no[...] no meio da caxangá perto da exposição. Eu bati num carro e dois outros bateram em mim logo atrás. Foi uma batida forte principalmente na parte de trás pois o vidro se quebrou em vários pedaços. O rapaz que estava no carro atrás também se machucou forte no[...] no[...] ombro[...] ou foi na região do braço. Ele foi levado logo para o hospital[...] o hospital[...] ali perto pelos bombeiros.Se me recordo bem[...] acho que[...] os bombeiros chegaram primeiro no local[...] já não me lembro bem. Eu e o meu filho não tivemos nada, Graças à Deus, só o susto que foi muito grande. Levei o meu filho no médico, pois ele sentiu uma dor no[...]no[...] no ombro, eu acho! Mas depois de vários exames não tinha sido nada de grave. O carro foi só danos materiais e o resto foi mais a dor de cabeça pela demora, espera e engarrafamento que tudo isso causou. Hoje em dia não quero mais saber de ficar apressada no trânsito, se tiver que chegar atrasada eu chego, e pior ainda se tiver chovendo.